F. ASSIS CINTRA

O NOME BRASIL

(COM S OU COM Z?)

PREFACIO DE RAMIZ GALVÃO

EDIÇÃO DA "REVISTA DO BRASIL" - MONTEIRO LOBATO & C.
RUA BOA VISTA No. 52 — SÃO PAULO — 1921

F. ASSIS CINTRA

O NOME "BRASIL"

(COM *S* OU COM *Z*?)

SÃO PAULO — 1920

EDIÇÃO DA REVISTA DO BRASIL

Aos meus nobres e dedicados amigos

J. H. Pereira Guimarães,

J. B. da Silveira Mello,

J. B. Monteiro Lobato,

Edmundo Bittencourt

e

Francisco de Assis Iglesias,

Gratidão e homenagem.

F. A. C.

Rio, Julho de 1920.

PREFACIO DE RAMIZ GALVÃO

Illmo. Snr. Professor Assis Cintra

O livro, com que agora se enriquece a Linguistica brasileira, discutindo a graphia da palavra *Brasil* com *s* ou com *z*, parece-me ser o mais completo e concludente que se tem escripto sôbre esta questão, que indubitavelmente tem para nós capital importancia.

O meu illustrado patricio, que, com perseverança benedictina, consumiu alguns annos na consulta de archivos e fontes seguras de informação para elucidar o assumpto, acaba de nos offerecer o resultado de suas pesquisas, revelando

erudição e um cuidado meticuloso, que sobremaneira o honram.

Felicito-o deveras, por isso, e, depois de lêr a sua excellente obra, a mim proprio me felicito por haver tambem mudado de opinião a respeito deste poncto contraverso.

Pertenço de facto ao numero dos que a principio se deixaram embair pelo voto dos adeptos do *z;* ha muito porêm me convenci de que nisso andava errado, e agora, mais do que nunca, fico certo de que BRASIL é a verdadeira graphia.

Faço votos, pois, para que tenha larga repercussão o seu bello livro, e espero que a todos elle convença finalmente de que não devemos os Brasileiros ter mais hesitação sôbre o graphar do nome da nossa grande e amada Patria.

RAMIZ GALVÃO

6 de Março de 1921.

O NOME "BRASIL,,

O NOME "BRASIL"
(COM *S* OU COM *Z*?)

Escreve-se Brasil com *s* ou com *z*? Divergem os mestres na resposta.

Intellectuaes de fina tempera buscaram uma decisiva solução para o assumpto controverso. Taes foram Humboldt, Handelmann, Rebello, Joaquim Caetano, visconde de Taunay, visconde de Porto Seguro, Basilio de Magalhães, João Ribeiro, Candido de Figueiredo, Monsenhor Fergo, Alvaro Guerra, Assis Brasil, Daunt, Candido Lago, Bernardino Ferraz, Lafayette de Toledo, Joaquim Eulalio, Kean, Mello Carvalho, Zeferino Candido, Castro Lopes.

Lêmos o que esses mestres notaveis escreveram sobre o vocabulo Brasil. Entre elles encontrámos partidarios convictos do *z* e tambem tenazes defensores do *s*. Consultámos todos os diccionarios da lingoa portuguêsa e nelles deparámos a mesma divergencia, desde o patriarca Jeronymo Cardoso até o ultra-moderno Silva Bastos.

Essa incerteza revoltou o litterato Medeiros e Albuquerque, motivando sua celebre exclamação: «*O Brasil é a unica nação civilizada que não sabe escrever o proprio nome!*»

O governo, os professores, os doutos, os litteratos, os philologos, os grammaticos, os diccionaristas, os homens do campo e os homens da cidade não escrevem uniformemente o nome patrio: Até na propria moeda nacional se nota essa incerteza vergonhosa, pois nella se acha ora Brasil com s, ora com z.

João Ribeiro e Ruy Barbosa, mestres dos mestres, tambem não puderam furtar-se a essa classica incerteza. O primeiro escreveu *Brazil* (com *z*) em sua «Selecta Classica» (1908), e com *s* em sua «Historia do Brasil» (1909); o segundo, *Brazil* (com *z*), nas «Lições de Cousas» (1886), e *Brasil* (com *s*), nas Cartas de Inglaterra (1896).

Os etymologistas, na ansia louvavel de acertar, embrenharam-se nas mais disparatadas hypotheses sobre a origem do vocabulo com que foi baptisada nossa patria. Alguns, como o sizudo visconde de Porto Seguro, principe dos historiadores brasileiros, culminaram na insania philologica, fazendo a palavra Brasil derivar-se do toscano *verezino*.

Inquirimos todas as opiniões sobre o assumpto e analysamo-las cuidadosamente. E assim resolvemos compör as imperfeitas rabiscas, que ora apresentamos, despretenciosamente, em um escorço mal gisado ou simples margi-

nalia, traçada por mãos inhabeis no livro immenso da philologia portuguêsa.

Das numerosas monographias que pudemos lêr sobre a origem da palavra Brasil, tirámos a conclusão de que os caçadores do etymo são tão imaginosos como a super-mentirosa Agencia *Havas,* quando, no tempo da Conflagração, architectava *potocas* telegraphicas para os pacovios d'aquem mar.

Voltaire, com muito espirito, em carta ao seo grande amigo Frederico da Prussia, ridiculariza os etymologistas, dizendo que elles são tão ferteis na invenção que seriam capazes, si o quizessem, de provar, por $a + b$, que o substantivo francês *enfant* é simples corruptela da fórma verbal *en-faisant,* verificando-se, no caso, a syncope das lettras mediaes *a i s.* De fórma que, dizia elle, *en-faisant,* daria *enfant,* e os etymologistas, applicando sua extraordinaria logica, ensinariam que *en-faisant* gerara *enfant* muito naturalmente, pois... *est* EN-FAISANT *des choses très serieuses que les hommes faisent les* ENFANTS.

Temos na lingoa portuguêsa um eminente philologo, em nosso pensar de muitissimo merito, que descobriu uma cousa extraordinaria: o nome *Thiago* deriva-se de *Jacob!* E' tal o doutissimo mestre Candido de Figueiredo, no volume I, pag. 188, de suas «Lições Praticas» (edição de 1900).

Gonçalves Vianna, o douto philologo da Orthographia Nacional, diz que *Grijó* é derivado de *Ecclesiola!* Outro mestre, não menos erudito, o auctor dos *Subsidios* (Cortesão), desfecha, á queima roupa, este ensinamento estonteante: *açor* é derivado de *acceptore!* Santos Valente (auctor do Diccionario Contemporaneo), não sabendo que *espiolhar* tem origem em *espiar* (ou *espião*), que se liga a *lho* (lat. *lium*), suffixo nominal, e *ar* (lat. *are*) suffixo verbal, constituindo uma fórma divergente do verbo *espionar,* explóde esta formidavel *bomba* philologica, queimada na furiosa caçada do etymo: *espiolhar* deriva-se de *piolho!* E diz tambem que sarraceno se originou de *sharkin.*

Assim são os etymologistas...

E' que a orthographia, di-lo o mestre Castilho, «é uma extranha sciencia que não tem em todo o Portugal dois sabios perfeitamente concordes». Não cause, pois, espanto a variedade de origens da palavra Brasil. O numero é pequeno: *simplesmente trese.* Taes são:

1.º Brasil vem de *brasa* (português)—Du Cange
2.º » » » *ibira-ciri* (tupi) — B. Ferraz
3.º » » » *verzino* (toscano) — Varnhagen
4.º » » » *berzi* (veneto) — J. C. da Silva
5.º » » » *brazi* (genovêz) — Z. Candido
6.º » » » *brazille* (provençal) — Cand. Lago

7.º Brasil vem de *brazail* (irlandês) — Daunt
8.º » » » *brasil* (bretão) — William Gibbons
9.º » » » *breasail* (seltico) — Mons. Fergo
10.º » » » *parasil* (ariaco) — A. S. Coimbra
11.º » » » *bradshita* (sanskrito) — B. Magalh.
12.º » » » *brazein* (grego) — M. Castro
13.º » » » *brasile* (baixo latim) — Mello Carv.

Foram esses os etymos que encontrámos nas numerosas monographias lidas por nós no decorrer de alguns annos, cada qual muito bem apadrinhada. Um dia puzemos nossas mãos inhabeis na seára immensa dos *etymos* e formulámos a seguinte hypothese: BRASIL DERIVA-SE DIRECTAMENTE DO GERMANICO (ant. alt. al.) BRAS, GENITOR DO PORTUGUES BRASA.

Dahi, a presente monographia...

Em 1576, Pedro Gandavo, escriptor de fama, historiographo illustre, vulgarizou a idéa de que o vocabulo *brasil* se deriva de *brasa*.

Em 1766, Charles Dufresne, *sieur* Ducange, publicou o *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis,* e nelle inseriu, aliás com certa reserva, tal hypothese, corrente em seo tempo, exprimindo-a da seguinte fórma:

> *Brasile* — ... Unde autem hujus vocis origo? Forte a *brasa,* quia carbonum cadentium colorem refert.

Du-Cange é auctoridade maxima em assumptos referentes ás lingoas romanicas, e sua competencia é unanimemente reconhecida por todos os philologos. O seu *Glossarium* é um monumento genial de lettras latinas; foi nelle que o eminente Frederico Diez hauriu seos conhecimentos profundos, conforme confissão feita na magnifica *Grammaire des Langues Romanes.*

A hypothese perfilhada, reservadamente, por Du-Cange impressionou os philologos modernos, e vêmo-la acceita

por intellectuaes de grande valor, quaes sejam Webster, Barcia, Calandrelli, Candido de Figueiredo, Alvaro Guerra.

Acertada, apparentemente, a origem de *Brasil,* urgia esclarecer o etymo controverso do vocabulo *brasa.*

Para uns, *brasa* se deriva do grego *brazô (brazein)* e por isso deverá ser escripto com *z,* bem como seo derivado *brasil;* para outros, se origina dos germanico *bras,* e, por tanto, *brasa* e *brasil* devem sêr graphados com *s.*

De um lado, Constancio e Faria; de outro, Candido de Figueiredo e Adolpho Coelho.

Escreviamos com *z* o nome de nossa Patria, a conselho do grande mestre João Ribeiro, inserto na «Selecta Classica» nota n. 60; e agora o escrêvemos com *s,* em consequencia de certas conclusões. E são ellas:

a) o vocabulo *brasil,* designação de um páo que deu nome á nossa Patria, não se origina do grego e sim do germanico *bras* (fogo).

b) o nome *brasil* surgiu provavelmente na Europa no seculo VIII, traduzindo o nome arabe *bakkan;* foi pela primeira vez escripto no seculo XI, em documentos espanhoes e flamengos, e registrado, no seculo XII, na baixa latinidade..

c) em Portugal, apparece a palavra *brasil* escripta nos mais antigos documentos da lingoa,

quaes sejam os primeiros romances, as primeiras legislações, e as primeiras descripções.

d) ha muitos argumentos em favor da graphia *Brasil*, com *s*. E são elles.

1.º) a orthographia etymologica, a mixta e a prosodica ;

2.º) A analogia ;

3.º) a graphia dos geographos do seculo do descobrimento do Brasil.

4.º) os documentos pre-cabralinos ;

5.º) a graphia dos quinhentistas e dos sisecentistas ;

6.º) a graphia dos maiores cultores de vernaculo, tanto no Brasil como em Portugal;

7.º) a graphia dos grandes diccionaristas.

Essas proposições carecem sêr demonstradas.

Demonstremo-las, pois, methodicamente.

O nome *brasil*, dado a um páo vermelho, deriva-se do germanico *bras* (fogo).

Donde veiu a palavra *brasil* e como appareceu no lexico português ? A resposta requer uma pequena incursão no dominio da Historia. Façamo-la.

No anno 476 da nossa éra, Romulo Augustulo, ultimo imperador de Roma, foi vencido e deposto por Odoacro, chefe dos herulos. Verificara-se a quéda do grande impe-

rio cesariano e consequente triumpho dos *barbaros do occidente.*

As tribus germanicas, que formigavam nas humidas florestas centro-septentrionaes, organizaram-se e despejaram-se sobre o sudoeste europeu, numa impetuosidade formidavel de fragorosos ruminóes. A gente latina agonizava nas ansias de uma civilização vencida, emquanto a sibilancia e a gutturalidade de dialectos barbaros tripudiavam sobre os destroços de uma lingoa que tanto brilhara.

Os germanos, contidos durante seculos entre o Baltico e o Danubio, entre o Rheno e o Vistula, desconheciam a civilização, mas eram fortes e bellicosos. Em suas migrações carregavam tudo: tendas, carros, mulheres, filhos, animaes. Exclusivistas, idolatras da independencia, tinham a liberdade individual como base do direito social. Taes inclinações dispersavam energias, suffocavam as ensanchas de predominio duradouro sobre os povos vencidos, fazendo com que não fosse incisiva a influencia ethnographica. Isso, comtudo, não impedia que o lexico das regiões conquistadas se enriquecesse com palavra germanicas.

Duas das mais empregadas palavras dos germanos eram o substantivo *bras*, fogo, carvão acceso, e o verbo *brasen*, queimar, incandescer. Esses termos se encontram no antigo alto alemão e, com pequenas variantes, nos outros dialectos germanicos da antiguidade, quer se trate de teutonicos (francos, alamanos, burguinhões, lombardos, saxões),

quer de gothicos (ostrogodos, visigodos, vandalos, gepidos, herulos), quer, finalmente, de escandinavos (normandos).

Antes do dominio germanico a palavra *brasil* não existia em parte alguma do imperio romano. Não se encontra em escriptores latinos, nem os lexicos de latinidade classica a mencionam. Somente o baixo latim, apanhando-a do alemão antigo, a registrou, como veremos adeante.

O povo português actual representa uma synthese ethnica pelo caldeamento dos differentes povos que dominaram a peninsula: *ibéros, seltas, romanos, godos, arabes*. Quando se formou a monarchia visigothica na Iberia, já se havia effectuado o caldeamento dos romanos com os seus antecessores, de tal maneira que se não poderia mais separar a população peninsular em seus elementos ethnicos primitivos.

Os visigodos (godos do oeste) ahi permaneceram durante seculos, no decorrer dos quaes, naturalmente, a lingoa peninsular d'então se enriqueceu com milhares de palavras emprestadas dos conquistadores.

Depois, ruiu clangorosamente em Guadalete a dominação visigothica, surgindo um novo elemento conquistador: *o arabe*. Firmando-se nos destroços da monarchia germanica decaída, os arabes e os mouros (mestiços de arabes e lybios) se espalharam pela peninsula, numa febre formidavel de conquistas. A raça vencida injectou-se de novo sangue e a sua lingoa de novo vocabulario.

A christandade agitou-se na Europa ante os progressos do Islam. A Peninsula Iberica reagiu num primeiro impeto, conhecido na Historia pelo nome de *reacção neo-gothica*, que melhor se denominará *neo-crhistan*. O islamismo estremeceu, e de recuo em recuo, através de seculos de luctas, o arabe se encastellou unicamente em Granada. Ahi, no seo ultimo refugio, foi procura-lo Fernando de Castella, que o expulsou. Com a saída de Boabdil da Peninsula Iberica desappareceu o dominio arabe, nella deixando traços inapagaveis de sua passagem.

Em irradiações magicas florescia por toda a parte o *Renascimento*. Em Portugal, sua influencia impelliu os escriptores a um arrojo extraordinario. Dominados pela ansiedade de brilhar, elles rebuscaram nos classicos latinos fórmas lexicas e syntacticas, e num esforço admiravel latinizaram a lingoa.

O commercio português desenvolveu-se, ramificando-se por toda a parte. Succederam-se descobrimentos e conquistas. Estabeleceu-se um intercambio e delle resultou uma nova phase para a lingoa portuguêsa : a introducção, no lexico, de termos de varias procedencias.

Passaram-se os annos e de repente a civilização tomou um impulso gigantesco. As sciencias, as lettras, as artes, as industrias e o commercio desenvolveram-se de tal modo que o vocabulario existente não bastou.

Mistér se fez a criação de termos nóvos. Sentindo essa

necessidade, os doutos recorreram ao grego e ao latim, que lhes emprestaram legiões de neologismo.

Essas differentes phases por que passou o português permittem-nos as seguintes conclusões :

1.º) Antes do dominio romano Portugal foi occupado por *iberos* e *seltas,* cujos descendentes se fundiram sob a acção dos seculos, apresentando, na época do dominio romano, um typo ethnico, *o lusitano,* do qual não existem documentos valiosos, que nos ensinem os arcanos e o mechanismo de sua lingoa.

2.º) A Lusitania deixou-se influenciar poderosamente pelos romanos; no fim de 3 seculos o lusitano e o latim popular se caldearam na formação de uma lingoa regional designada, impropriamente, pelos philologos, com o nome de *latim barbaro.* Este ficou constituindo a base sobre que repousa todo o edificio do português moderno

3.º) O dominio dos visigodos na Lusitania, durando seculos, absolutamente, não podia deixar de exercer influencia sobre a lingoa da terra conquistada. E, de feito, enricou-a com palavras de origem germanica.

4.º) Egualmente os arabes, durante o seu dominio, introduziram fórmas novas no lexico português.

5.º) Houve em Portugal, nos seculos XV e XVI, pe-

riodos gloriosos de expansões, que deram em resultado o apparecimento de termos estranjeiros no fallar português.

6.º) O progresso humano avultou-se nos seculos XVIII e XIX, exigindo a criação de milhares de neologismos, que foram introduzidos eruditamente na lingoa de Portugal.

Agora, mais facilmente, poderemos procurar a origem da palavra brasil.

Será ella um dos neologismos introduzidos eruditamente na lingoa, no decorrer dos seculos XVIII e XIX ? Evidentemente, não, por dois motivos : primeiro, porque tal palavra é secularmente anterior á *phase dos neologismos eruditos*, e, segundo, porque o latim e o grego não poderiam fornece-la, pois aquelle não possuia nenhuma palavra que se lhe aproximasse, e este apenas registrava o verbo *brasô*, significando ferver, que nenhuma analogia apresenta com *brasil*, como veremos adeante.

Mas a palavra não teria sido introduzida em Portugal e Espanha pelos romanos ? Não, em absoluto, porque os romanos a desconheciam, e quer no latim classico, quer no latim popular, della não se encontra o menor vestigio.

Unicamente o baixo latim muito tarde a adoptou, quando já havia adquirido fóros de cidadania em todos póvos da Europa. Ella se encontra em velhos documentos da baixa latinidade do seculo XII. O *Glossarium*

riodos gloriosos de expansões, que deram em resultado o apparecimento de termos estranjeiros no fallar português.

6.°) O progresso humano avultou-se nos seculos XVIII e XIX, exigindo a criação de milhares de neologismos, que foram introduzidos eruditamente na lingoa de Portugal.

Agora, mais facilmente, poderemos procurar a origem da palavra brasil.

Será ella um dos neologismos introduzidos eruditamente na lingoa, no decorrer dos seculos XVIII e XIX? Evidentemente, não, por dois motivos: primeiro, porque tal palavra é secularmente anterior á *phase dos neologismos eruditos*, e, segundo, porque o latim e o grego não poderiam fornece-la, pois aquelle não possuia nenhuma palavra que se lhe aproximasse, e este apenas registrava o verbo *brasô*, significando ferver, que nenhuma analogia apresenta com *brasil*, como veremos adeante.

Mas a palavra não teria sido introduzida em Portugal e Espanha pelos romanos? Não, em absoluto, porque os romanos a desconheciam, e quer no latim classico, quer no latim popular, della não se encontra o menor vestigio.

Unicamente o baixo latim muito tarde a adoptou, quando já havia adquirido fóros de cidadania em todos póvos da Europa. Ella se encontra em velhos documentos da baixa latinidade do seculo XII. O *Glossarium*

Mediae et Infinae Latinitatis, edição parisiense de 1766, de Du-Cange, apresenta a palavra brasil, como baixo latim, dizendo que esse vocabulo talvez seja derivado de *brasa,* termo este que se não vê nessa edição 1766, por não sêr da baixa latinidade. O *Glossarium* de 1840 dá o vocabulo *brasa.* Esta ediçáo é adulterada, cheia de enxertos, feitos á revelia de Du-Cange, morto havia muitos annos. Assim, ninguem póde cital-a com bôa firmeza, pelo mesmo motivo por que ninguem póde citar o diccionarista Moraes, pela edição adulterada de 1858. *Brasil,* é, pois, baixo latim, apanhado do antigo alemão e *brasa* não é latim barbaro, nem latim classico.

Guilherme Freund, no seu grande diccionario latino, tambem menciona o vocabulo *(Brasilia),* não como classico, mas sim peregrino na linguagem latina.

A não sêr, pois, no baixo latim, não se encontra em diccionarios latinos a palavra brasil, significando um páo vermelho ou outra cousa qualquer. Tampouco a inserem os escriptores de Roma.

O mesmo succede com os lexicographos gregos: nenhum menciona o vocabulo *brasil,* em qualquer sentido.

O professor Ramìz Galvão, em seu *Vocabulario* de palavras portuguêsas de origem grega, não insére o vocabulo *brasil.*

Marco Antonio Carnini, em seo *Etimologico dei vocaboli italiani di origine ellenica* (Torino, 1865), não cita

brasile entre os vocabulos italianos derivados do grego. Benfay *(Dictionnaire des racines grècques)*, Lacourt *(La lange française dans ses rapports*, Paris, 1852*)*, Stappers *(Origines grècques*, no *Dict. Synoptique d'Etymologie)* não mencionam *brésil* entre as palavras francêsas derivadas do grego. Garcia *(La Lingua Española y lo griégo)* não inclue *brasil* entre os termos espanhoes originados do grego. Achilles Rose *(The greck radicals)* não põe a palavra *brazil* ou *brasil* entre as palavras inglêsas derivadas do grego.

Assim, verificámos que nem o latim, nem o grego deram á lingoa portuguêsa a palavra *brasil.*

No arabe encontrámos um vocabulo que, apparentemente, poderia ter gerado o português *brasil.* Referimonos aos termos arabes *vars* e *varsil,* significando, o primeiro, uma brisa suave, o segundo, o vento tempestuoso do Mediterraneo.

Seria o nosso brasil oriundo do arabe *varsil ?* Absolutamente, não. Primeiro, porque não existe analogia alguma entre um páo vermelho e um vento tempestuoso; segundo, porque os arabes, introductores do páo brasil na Europa, tinham um nome proprio para designar esse páo vermelho: chamavam-no *bakkan.*

E o seltico ? O seltico possuia em seu vocabulario a expressão *breasail,* significando *principe.* Mas, não seria o português *brasil* derivado *breasail ?* Absolutamente, não,

por dois motivos: o primeiro, por falta de analogia; o segundo porque o páo brasil foi introduzido na Europa, pela primeira vez, no seculo VIII, quando o seltico já não exercia influencia alguma na vida peninsular, que se saturára de latinismo, e que se achava, em tal seculo, sob o poder germanico.

O fallar português é, em sua estructura, um amalgama de seltico, latim, germanico, arabe, grego.

Expuzemos a improbalidade da derivação de brasil do seltico, do latim, do arabe, do grego. Resta-nos agora o germanico.

Teria sido adoptado o vocabulo brasil na Peninsula Iberica por influencia dos visigodos, quando a dominaram?

Todos os povos germanicos, dos quaes os visigodos (godos do oeste) formavam importantissima familia, tinham a palavra *bras* (fogo), que applicavam, não sómente no sentido material, mas tambem, extensivamente, no moral, exprimindo, alem disso, as qualidades ou semelhanças do fogo. Dahi *brasen,* com um *triplo* sentido: *queimar, avermelhar, enraivecer* (afoguear-se), conforme ensinamento dum dos mais notaveis escriptores de germanismo: E. Mogk — *Germaniscken Philologie.*

Ora, justamente durante o dominio germanico em Portugal e Espanha foi que os arabes introduziram, pela primeira vez, o commercio do páo brasil.

Em 830 da éra christã no viajante arabe Albuzeil e

Hacen elogiou, em seu livro, o bakkan (páo brasil) da *Ilha Alrami* (Sumatra), demonstrando as vantagens de sua introducção no commercio europeo.

Ibn Hankal, em 920, Edrisi em 1150, Iakant-al-Hamavi, em 1229, Aboulfeda em 1273 são notaveis escriptores arabes em cujas obras se encontram referencias á introducção do *bakkan* no commercio europeo no decorrer do seculo VIII.

Seria, pois, naturalissimo que os visigodos da Peninsula Iberica conhecessem o páo brasil no seculo VIII com o nome arabe bakkam. Ou porquè sentissem dificuldades na pronuncia da palavra, ou porque seguissem a lei natural da nacionalização das expressões peregrinas por intermedio de expressões vernaculas equivalentes, o caso é (a isso nos levam a analyse geo-historica, a logica e a philologia) que os visigodos traduziram ao pé da lettra a expressão arabe bakkan (bha-khaan, o que é vermelho), criando a espressão *brasil*, e utilizando-se, para isso, do radical *bras* (fogo ou qualidade do fogo, como, por exemplo, rubro ou vermelho) e do suffixo momïnativo il (ilis), de uso vulgar, na edade media, entre os povos que estiveram sob o dominio romano. Dahi *brasil* (brasil), significando, como o arabe *bakkan, cousa vermelha,* ou seja, referindo-se a um páo, — *o páo vermelho.*

Aliás, os visigodos de Espanha e Portugal, traduzindo o *bakkan* por *brasil,* nada mais fizeram do que imitar os

arabes, para quem *bakkan* era apenas uma traducção de outra lingoa, conforme veremos adeante.

E assim o nome *brasil* entrou, provavelmente, para o vocabulario do fallar da Peninsula Iberica no seculo VIII.

Do seculo VIII ao seculo XII, epoca gestativa da lingoa portuguêsa, o vocabulo se vulgarizou na Europa, substituindo inteiramente a expressão arabe. Quando, no seculo XII, o fallar português terminou seo periodo precursor e entrou para o ról das lingoas européas, francamente definido, a palavra *brasil* appareceu escripta num velho monumento da litteratura de Portugal: a traducção portuguêsa do *Perceval le Gaulois*.

Nasceu, portanto, o vocabulo brasil, muito antes do vocabulo *brasa,* que só póde sêr divisado nas lettras portuguêsas no seculo XV. Não se diga, pois, que *Brasil* se origina do português *brasa.* Seria mais facil fazer brasa derivar-se de *brasil,* que *brasil* de *brasa.*

Infelizmente, a philologia portuguêsa agarrou-se á expressão do mestre Du-Cange — *forte a brasa, (talvez de brasa)* — sem cogitar de applicar ao caso a analyse geo-historica.

O certo, porem, é que ambos os termos, *brasil* e *brasa,* têm uma origem commum: o antigo alto alemão *bras* (fogo).

E da mesma fórma que herdamos do germanico os substantivos *brasa* e *brasil,* tambem delle tivemos muitos outros vocabulos, taes como, por exemplo:

Mastro, britar, tira, retirar, banhos, (matrimonaes), bando, brida, abandonar, bandeira, bórdo, estibórdo, norte, sul, leste, oeste, noroeste, sueste, raia, sabugo, torneio, alaude, ama, andar, bosque, bandeira, cabeça, caça cangirão, elmo, harpa, moça, roça, fuso, jardim, joglar, tripas, riqueza, roubar, camisa, rico, brisa, brandir, albergue, droga, tocar, elmo, baluarte, merechal, senescal, arauto, feudo, feudar, vassallo, rossim, franco, orgulho, quilha, leme, escuma, tapa, marcha, bragas, guerra, e os nomes proprios, Rodrigo, Reinaldo, Alfredo, Gonçalo, Luiz, Eduardo, Duarte, Edwiges, Elvira, Izabel, Elza, Nilza. etc.

Adolpho Coelho *(A lingua Portuguêsa)*, Duarte Nunes de Leão *(Origem e Orthographia da Lingua Portuguêsa, 1864)* e Vuolfango Lazio *(Immigrationibus Gentium)* estutudam a influencia germanica no vocabulario português, apresentando uma lista de palavras oriundas do alemão.

O nome *brasil* appareceu na Europa, provavelmente, no seculo VIII, traduzindo o nome arabe bakkam; encontrou-se escripto, pela primeira vez, no seculo XI (em catalão e flamengo) e o baixo latim registrou-o no seculo XII.

No seculo VIII, antes da primeira invasão arabe (anno 711), os europeos desconheciam o páo-brasil.

A tinta vermelha applicada á tinturaria era oriunda do gastrópode murice (murex) e, pela raridade deste, o ver-

melho se tornára na Europa a côr nobre, usada, de preferencia, pelos reis, principes e fidalgos.

Na Asia, entretanto, succedia o contrario. O vermelho era tirado de uma planta leguminosa, que seria mais tarde classificada por Linneu com o nome de um illustre scientista italiano — *Cæsalpinus.*

Assim, emquanto os europeos pescavam com mil difficuldades um pequeno mollusco, como o *murice,* para delle retirar a côr vermelha, os asiaticos, com a maior facilidade possivel, iam ás selvas decepar arvores, que produziam uma tinta vermelha tão bôa ou melhor do que a do *murice.* Eis ahi porque no mesmo seculo VIII a côr vermelha era, na Europa, a dos reis e principes, e na Asia, a dos parias e *coolies.*

As vestimentas asiaticas eram geralmente coloridas de vermelho. A China, diz o encyclopedista arabe Iakaut, tornara-se, em poucos annos, um grande emporio do páo vermelho ou *sufang,* como o chamavam em lingoa chinêsa.

Adoptando os processos da tinturaria chinêsa, os habitantes da India traduziram a denominação *sufang* por uma indiana equivalente: *sapang.*

Foi em virtude de terem ouvido na India o vocabulo *sapang* que os companheiros de Vasco da Gama trouxeram de sua viagem aos mares orientes, com o nome de *sappão,* algumas achas da preciosa madeira.. E talvez por isso Linneu chamou o páo brasil de *cæsalpinea sappan.*

Os arabes, innatamente destinados ao commercio, construiram sob a bandeira do Islam um formidavel imperio que se estendeu desde as encantadas plagas do Indus e do Ganges até ás cubiçadas bórdas mediterraneas.

Na India conheceram o páo vermelho e sua applicação. Não perfilharam a denominação indiana, pois a traduzirem por *triambakkam,* donde resultou a fórma simplificada *bakkam.*

O sabio sinologo Theodore Pavie (e com elle Joaquim Caetano da Silva, philologo brasileiro), suppôe que o chinês *fang* tenha dado origem aos differentes nomes asiaticos do páo brasil. Quanto a *bakkam,* duvidamos que se originasse de *fang,* pois encontra perfeita explicação nas, «*Raizes hamito — semiticas*» do philologo Scherer. Frei João de Sousa, arabista de fama, não entendeu assim. Pôz de lado a expressãoa rabe *triambakkam,* corrigiu-a desastradamente para triam-pangan e fê-la derivar de *sapang,* fórma indiana. Esqueceu-se o bom frade da significação do radical *bha* e do affixo *khaan,* e porque os arabes não tinham a lettra *p,* substituida nos peregrinismos por *b,* e porque propendiam evidentemente para a sonancia *ka,* concluiu elle com o seguinte absurdo: *bakkam — pangam — sapang — sufang — fang* são fórmas successivas.

E na canôa furada do frade foram espiritos lucidos, como Humboldt, Joaquim Caetano, Rebello e Taunay...

Os espanhoes e portuguêses foram os europeos que

mais contacto tiveram com os arabes e portanto os que mais soffreram sua influencia. Quando, na batalha de Guadalete (715) ruiu o dominio dos visigodos na Peninsula Iberica, surgindo o dos arabes, já devia ser corrente o termo *brasil*, como traducção do arabe *bakkam*, em quasi toda a Europa, ou, pelo menos, em Portugal e Espanha.

Assim como os arabes traduziram por *bakkam* o indiano *sappang*, e os indianos por *sappang*, o chinês *suffang*, tambem os habitantes da Penisula Iberica poderiam ter traduzido, ao pé da lettra, o arabe *bakkam* por *brasil*. Si não for assim, como se explicar a origem do vocabulo? Dizer-se que vem do português brasa? Mas o vocabulo *brasil* apparece na Europa antes do português *brasa*; nas lingoas européas antes do nascimento da lingoa portuguêsa... Os mais velhos documentos da lingoa portuguêsa inserem o vocabulo *brasil* e não inserem *brasa*. Apparecendo registrado no fallar português antes de *brasa*, não seria mais facil então dizer-se que *brasa* vem do *brasil*? O mais antigo diccionario da Espanha menciona *brasil*, nome de um páo. Egualmente isso succede com o mais antigo diccionario de Portugal. Dizer-se que vem do baixo latim? Du-Cange, o maior mestre em baixa latinidade, ensina-nos que o vocabulo *brasil* surge no baixo latim no seculo XII; mas antes do seculo XII já o nome *brasil*, apparece escripto na Europa, como, por exemplo, em disposições aduaneiras de Saint-Smer (anno 1080) e da Catalunha (anno 1065)...

Provavelmente, o termo *brasil* foi fallado pela primeira vez na Europa, no seculo VIII, por influencia dos germanicos, traduzindo o nome arabe *bakkam*.

c) Em Portugal, a palavra Brasil apparece escripta com s nos mais antigos documentos litterarios: romances, legislações e descripções.

João Ribeiro, em sua «Selecta Classica» (pag. IX), diz o seguinte, sobre os primeiros documentos do fallar português:

> «O periodo medieval ou ante-classico da linguagem e da litteratura portuguêsa discorre desde o seculo XII aos começos do seculo XVI (1520). Até o seculo XIII não ha documentos literarios, apenas documentos officiaes escripturas e papeis forenses.»

Os verdadeiros alicerces da litteratura portuguêsa, de accôrdo com tal ensinamento, são encontrados nos seculos XIII, XIV e XV. Pois bem, em obras publicadas em taes seculos, quer sejam romances, quer simples descripções, quer legislações, divisámos a palavra *brasil*, empregada com fóros perfeitos da mais antiga vernaculidade. Exemplifiquemos:

a) - uma traducção, em verso, quiçá a mais antiga da lingoa portuguêsa, do romance francês *Perceval le Gaulois* do anno 1160, insere a palavra brasil, com s:

« . . . .

. . . .

comprydas meyas teintas en brasil,

. . . .

b) - uma obra de auctor desconhecido (talvez do rei d. Diniz) escripta em 1295 (?) sob o titulo de *Estoria de Santo Grial*, menciona o vocabulo brasil, com *s*:

> « ... enton sayu o sanhudo Mauro, cavaleyro de Egreya Odyosa e leixou huma Bandeyra peyntada de brasil.»
>
> (Parte III, 56, Bibliotheca do Vaticano, n. 345)

c) - em uma traducção portuguêsa do *Livro de Marco Polo* do anno de 1310 apparece a palavra brasil com *s*;

> «e converssaram aly de hûn Reyno de Jerusalemo e de Egypto que teem muntas especyaryes, mûnto *brasil*.»
>
> (Livro de Marco Polo, Bibliotheca Vaticana n. 227, II, 104)

d) - Um romance do anno 1320, talvez o melhor documento pre-classico da litteratura portuguêsa, encontrado recentemente na Bibliotheca Vaticana, escripto por Vasco de Lobeira e denominado *Amadis de Gaula*, insére o seguinte :

> — «Pera, dona de hûn ermano trouve cousa

de muy harmosura, de mûta honrra perato dolos francesos, en lavor de brasil»
(Amadis, IV, 29)

e) - As *Ordenações Affonsinas* (Livro Vermelho), publicadas em 1466, dizem:

— «... se poderem resgatar pedras preciosas, nem tintas de *Brasil* ou alacár, que daquy em deante sejam achados ou descobertos.»
(Ord. Af., L V., 818).

f) - Uma descripção dos descobertos portuguêses, escripta em 1498 por Duarte Pacheco Pereira, sob o nome de *Esmeraldo de situ orbis*, apresenta o nome *brasil* no seguinte periodo:

— «... do mesmo circulo equinosial em deante por vinte e oyto graaos de ladeza contra o pollo. antartico he achado nella munto e fino *brasil* com outras muntas cousas de que os navios destes Reynos vem grandemente carregados.»
(Esmeraldo, liv. I cap. II)

g)-No *Roteiro* de Vasco da Gama, escripto em 1497, encontra-se a palavra *brasil* escripta com *s*, nas pags. 110, 113 e 115:

— «... nesta terra ha muito *brasil*, o qual faz muito fino vermelho.» (pag. 110).

— «... nesta terra ha muitas pedras, çafiras e muito *brasil*» (pag. 113).

— «... o quintal de *brasil* val dez cruzados.» (pag. 115).

Essas citações dão-nos a convicção plena de que o vocabulo *brasil* era corrente na lingoa portuguêsa em todo periodo pre-classico, tendo, portanto, nascido com a litteratura de Portugal. E' preciso acrescentar ao que dissemos mais um facto de magna importancia para o assumpto: apparece a palavra brasil nos alicerces da litteratura inglêsa em connexão com a palavra *Portugal.* Exemplifiquemos:

a) um livro inglês de narrativas, contos e poesias, constituindo talvez uma adaptação do *Peredur* gaulês (?), conforme o escriptor *Rhys* (Celtic Heathendom, pag. 544), e tendo a data de 1316, insere a palavra brasil da seguinte fórma:

— «... And grains and *brasil* of Portingali»
(Mabinogion, Rom. of Taliesin, XII, 144)

b) um livro inglês publicado em 1380 por Geoffroy Chaucer, intitulado *The Canterbury Tales*, insére os seguintes versos:

— «He loketh as a sparhawk with his eyen;
Him nedeth not his colour for to dyen
With *brasil,* no with grain, of Portingal.»

(The Cant. Tal., epilogo do conto 11, n. 15.464 ou n. 4.649, pag. 551, do Skeal's Student's Chaucer)

O sr. Joaquim Eulalio, correspondente do Jornal do Commercio em Paris, dirigiu aos leitores da *Westminster Gazette*, da Inglaterra, uma pergunta sob o titulo *Chaucer and Brasil*. Essa pergunta visava um esclarecimento sobre a palavra *brasil* no texto de Chaucer e sahiu, no jornal citado, no dia 15 de abril de 1916. A *Westminster Gazette* é o jornal mais litterario da Inglaterra e dois dias depois um de seos collaboradores, o sr. H. Cheetle, de Horney, respondeu á pergunta de Joaquim Eulalio affirmando que a palavra brasil apparece não somente em Chaucer, mais tambem em escriptores anteriores, tendo sido registrada na litteratura inglêsa no reinado de Eduardo I (1272 - 1307) originando-se, nessa litteratura, de uma palavra francêsa ou portuguêsa.

D) ha muitos argumentos em favor da graphia *brasil* com *s*.

Muitos argumentos militam em favor do *s* na graphia do nome *brasil* (páo vermelho), e *Brasil*, nossa patria.

Dizemos que *Brasil* se escreve com *s*, porque :

1.º) assim o indicam os systemas orthographicos;

2.º) assim o indica a analogia;

3.º) assim o indicam os mappas do seculo do descobrimento;

4.º) assim o indicam os documentos pre-cabralinos;

5.º) assim o inserem grandes diccionaristas;
6.º) assim o indicam abalisados philologos;
7.º) assim o grapham illustres grammaticos;
8.º) assim o escrevem notaveis classicos.

Elucidemos, por partes.

1.º) OS SYSTEMAS ORTHOGRAPHICOS — Ha tres systemas orthographicos: o *etymologico*, o *mixto* e o *sonico*. Pelos tres, devemos escrever *Brasil* com *s*.

O systema estymologico manda escrever uma palavra de accordo com sua fórma originaria. Ora, o nome *brasil*, dado a um páo vermelho (donde o nome nacional Brasil) teve origem no antigo alto alemão *bras*, escripto com *s*. Acrescentando-se o suffixo nominativo *il* (lat, *ilis*, dim.), empregado com significado especial (ou equivalente a *al*) com em *tamboril (tambor+il), pernil (perna+il), quadril (quadra+il), jovenil (joven+il), senhoril (senhor+il), mulheril (mulher+il), febril (febre+il), projectil (projecto + il)* etc., temos BRAS + IL = BRASIL.

Admíttida a hypothese de *Du-Cange*, acceita por eminentes philologos como Webster, Barcia, Calandrelli, Alvaro Guerra, Adolpho Coelho, Mello Carvalho, Candido de Figueiredo, etc., de que Brasil é fórmado de *brasa* e do suffixo *il*, hypothese que ousaramos pôr de lado para apresentar a nossa, devemos escrever *Brasil* com *s*, porque *brasa* se escreve com *s*, embora haja quem a escreva com *z*, como os diccionarios Contemporaneo (denominado *Au-*

lete). o de Constancio, o de Faria e o de Moraes (edição de 1858) e outros.

Desprezemos, para argumentar, nossa opinião de que Brasil vem directamente do germanico *bras* (fogo) e admittamos a opinião dos grandes mestres já citados: "BRASIL É FORMADO DE BRASA E DO SUFFIXO IL» disse-nos, um dia, um illustre professor. *Si Brasil é derivado* de *braza* deve sêr escripto com *z*, pois escrevem *braza* com *z* notaveis diccionaristas. *Braza* deriva-se do grego *brazein* e não do germanico *bras.* Dahi o escrever-se, etymologicamente, *braza* com *z*, conforme os ensinamentos dos diccionaristas *Aulete, Moraes, Constancio, Faria».*

A essa fortissima allegação, démos resposta com uma serie de artigos sob o titulo "*Brasil com s ou z?*" publicados no jornal *O Imparcial,* de Bragança (Estado de São Paulo).

Reconhecemos que philologos notaveis (Candido de Figueiredo, Adolpho Coelho, Alvaro Guerra, Mello Carvalho, Calandrelli, Barcia, Webster, Du-Cange) apresentam a palavra *brasa* como origem de *Brasil.* Consultámos os diccionarios de Vieira, Moraes, Santos Valente (chamado indevidamente *Aulete),* Constancio, Faria, que constituem auctoridades respeitabilissimas na lexicographia portuguêsa, e, de facto, nelles encontrámos *braza* com *z.*

Dahi a argumentação quasi irrespondivel, formulada do seguinte modo, por um antagonista :

— «Os grandes philologos *Du-Cange, Webster, Calandrelli, Barcia, Adolpho Coelho, Candido de Figueiredo, Alvaro Guerra, Mello Carvalho* e outros dizem que *Brasil* vem de *braza ;* os grandes diccionaristas Domingos Vieira, Santos Valente (o *Aulete*), Constancio, Moraes, Faria, Bluteau, escrevem *braza* com *z :* si Brazil vem de *braza* e *braza* se escreve com *z,* Brazil deve sêr escripto, etymologicamente, com *z* e não com *s.*»

Combatendo esse formidavel argumento, respondemos : *Brasil* não se deriva de *brasa* (confórme provámos em capitulo anterior), mas, mesmo que se derive dêve ser escripto com *s,* porque brasa se deriva do germanico *bras* e não do grego *brazein* e portanto, etymologicamente, deve sêr a palavra graphada com *s.*

E provaremos que brasa deve ter *s* e não *z* appelando para as maiores auctoridades lexicographicas do mundo, para a analogia e para a analyse geo-historica.

a) *As auctoridades lexicographicas.*

Si recorrermos aos diccionarios, em demanda do etymo de brasa, encontraremos :

1 — Em ADOLPHO COELHO (Diccionario Etymologico da Lingua Portugueza, pg. 260) :

— *Brasa,* s. f. carvão ardendo (germanico : antigo alto allemão *bras,* fogo).

2 — Em J. T. DA SILVA BASTOS (Diccionario Étymologico, Prosodico e Orthographico da Lingua Portugueza ed. 1912, pg. 232) :

— *Brasa,* s. f. carvão incandescente, sem chamma (Do antigo alto allemão *bras*).

3 — Em CANDIDO DE FIGUEIREDO (Novo Diccionario, vol. I, pag. 208) :

— *Brasa,* f., carvão incandescente (Do antigo alto allemão *bras,* fogo).

4 — Em FREI DOMINGOS VIEIRA (Thesouro da Lingua Portugueza, ed. 1871, vol. I, pag. 818) :

— *Braza* ou *brasa,* s. f., (a melhor ortographia é brasa, dada pela etymologia, pois a palavra vem do antigo alto allemão *bras,* fogo).

5 — Em SANTOS VALENTE (Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza, ed. 1881, vol. I, pagina 241) (20) :

— *Brasa,* s. f., carvão incandescente, sem chamma (Formado do germauico *bras,* fogo).

(Repare-se que Santos Valente, o auctor do diccionario denominado *Aulete,* cscreve *braza* com *z* e diz que o vocabulo vem do germanico *bras!* Para justificar o *z* é mister que se faça o vocabulo derivar de *brazein...*)

6 — Em A. CORTESÃO (Subsidios para um Diccionario Completo da Lingua Portugueza, 1900-1901, additamento, no fim do 2.o vol., pag. 20) :

— *Brasa* é voc. hisp. (do flam. *brase*, antigo alto allemão *bras*, de *brasen*, arder, queimar).

7 — Em FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO (Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza, ed. 1873, vol. I, pag. 187):

— *Brasa* ou *braza*, s. f., vem de grego *brazein*, estar ardendo ou ardente.

8 — Em EDUARDO DE FARIA (Diccionario da Lingua Portugueza, ed. 1859, vol. I, pag. 577).

Braza (vem do grego *brazein*, estar ardendo ou ardente, derivado de *pur*, fogo, termo phrygio que vem do radical egypcio *pisé* ou *pisi*, sol).

9 — Em BLUTEAU (Vocabulario Portuguez e Latino, vol. I, pag. 187, ed. 1712):

Brasa... Deriva-se do Grego *Brasein*, Arder, ou ferver, he carvão ou lenha, ou outra materia combustivel aceza abrazada.

Note-se o disparate de Bluteau, escrevendo *braza*, com *z*, e derivando-a do grego *brasein*, escripto com *s!*

10 — Em JAYME SÉGUIER (Novo Diccionario Luso-Brasileiro, ed. do "Jornal do Commercio", Rio, 1910, pg. 154):

— *Brasa* (baixo allemão *bras*). Carvão incandescente.

11 — Em JOÃO DE DEUS (Vocabulario Prosodico da Lingua Portugueza, Porto, 1895, pg. 136):

— *Brasa*, s. f.; carvão acceso.

12 — Em ANTONIO DE MORAES E SILVA (Diccionario da Lingua Portugueza, ed. 1858, vol. I, pag 351).

Braza ou *brasa*, do grego brazein, estar ardendo.

13 — Em ANTONIO DE MORAES SILVA (Diccionario da Lingua Portugueza, vol. I, pag. 299, 2.a ed. emendada e acrescentada pelo auctor, 1813, Lisbôa) :

— *Brasa,* v. braza (*Brasa,* ital.).

(Repare-se que a edição de 1813, feita cuidadosamente por Moraes diz que *brasa* se deriva do italico brasa (com *s*) e escreve o vocabulo com *s.* Entretanto, a edição de 1858, feita muitos annos depois da morte de Moraes, apresenta *braza* com *z,* derivando-a do grego *brazein.* E' que nesse artigo, como em outros, adulteraram o diccionario de Moraes na edição de 1858 !

14 — Em BENTO PEREIRA (Thesouro da Lingua Portugueza, 2.a parte da *Prosodia in-Vocabulario,* pagina 1097, 10 ed. 1750, Ebora) :

— *Brasa. . . . .*

15 — Em PEDRO JOSE' DA FONSECA (Diccionario da Lingua Portugueza, nova ed. de 1758, pag. 101) :

— *Brasa. . . .*

16 — Em JERONYMO CARDOSO (Diccionario, artigo *brasa*) :

— *Brasa. . . .*

17 — Em HENRI STAPPERS (Dictionnaire Synopti-

que d'Etymologie Française, origines germaniques, pagina 505, n. 3021) :

Braise, brant, tison, du vieux haut allemand.

18 — Em MAURICE LACHATRE (Dictionnaire Universel, tome I, pag. 652, ed. 1881) :

— *Braise* — (grec. *brazein*, être chaude, brûlant) bois réduit en charbons ardents.

19 — Em DUPINEY DE VOREPIERRE (Dictionnaire Français vol. I, pag. 380, ed. 1864) :

— *Braise* (gr. *brazein,* être chaud, ou all, *brasen,* être ardent), bois réduit en charbons ardents,

— 20 = Em E. V. BOISTE (Dictionnaire Universel de la Langue Française, pag. 98 Paris, 1866) :

— *Braise* (grec *brazein,* être chaud, brûlant) charbous ardents.

21 — Em PIERRE LAROUSSE (Grand Dictionnaire Universel, vol. II, pag. 1195) :

— *Braise,* s. f. — On a raproché, non sans raison. le mot français du grec *brazein ;* mais il *ne faudrait pas voir cependant lá,* avec certains philologues, *l'origine* directe et immediate du mot français ; c'est trop souvent ainsi que, sur un rapport de ressemblance fugitive, quoique parfois réelle, on a crée des etymologies fictives....... Nous trouvons d'abord *dans la famille germanique* la même racine qui joue un *rôle considérable;*

il est fort probable que c'est de là qu'elle a passé dans les idiomes romans . . . . c'est encore le sanscrit qui nous le fournir dans sa racine *bhradj,* rôtir, brûler.

22 — Em AUGUSTE SCHERER (Dictionnaire d'Etymologie Française, d'aprés les resultats de la science moderne, Paris, 1862, art. *braise*) *:*

— *Braise,* s. f.., ... (al. *bras*) charbons ardents.

23 — Em A HATFZFELD e A. DARMESTETER (Dictionnaire Général de La Langue Française, art. *braise*) :

— *Braise* . . . . (germ. *bras*) bois réduit en charbons.

24 — Em EMILE LITTRE' (Dictionnaire de la Langue Française, art. *braise*).

— *Braise,* s. f., ... (al. *bras*).

25 — BÉRNAR (Dictionnaire classique, ed. de 1872, pagina) :

Braise, s . . . . . (gr. *brazein*).

26 — Em EDUARDO ECHEGARAY (Diccionario Generale Etimologico de la Lengua Española, vol. I, pg. 739, ed. 1887, Madrid) :

— *Brasa* . . . Etimologia del sanscrito *bhrádj,* cocer, grego *brasô, brassô* hervir, bullir, antiguo alto aleman *brasen,* quemar, *bras,* fuego.

27 — Em M. CALANDRELLI (Diccionario Filológico

Comparado de la Lingua Castellana, vol. I, pag. 844, ed. 1880 Buenos Aires) :

> *Brasa*, f., . . . Viene del nòrd, *brasa* . . . el qual desciende à su vez del anglo-sajón *brase*, tea, lumbre.

28 — Em D. ROQUE BARCIA (Primer Diccionario General de la Lengua Española, vol. I, pag. 634, ed. 1881 Madrid) :

> — *Brasa*. Feminino. La leña ó carbon encendido y passado del fuego.
> Etymologia : Sanscrito bhradj, cocer, griego *brasô, brasso,* hervir, bullir, antiguo alto aleman *brasen,* quemar; *bras,* fuego; flamengo brase ; sueco *brasa,* fuego vivo ; antiguo escandinavo, *brasa* soldar ; céltico *brath,* conflagracion; italiano *brascia, bragia;* francés del siglo X *brese ;* francés moderno *braise;* provençal y catalan *brasa ;* namurés *breje ;* ruchi *bresse.* El aleman *braeselen* e *brasseln,* asar, pertence sin duda á esta serie. Las dos verbos transcritos no son otra cosa que las variantes *del antiguo alto aleman brasen*

20 — P. PETROCCHI (Novo dizionario Scolastico della Lingua Italiana, pag. 120, Milão, 1897) :

> — *Brace,* de nordico (Diez) ou de italiano medieval *brasia.*

30 — Em LUIGI DELATRE (Vocaboli germanici e

oro derivati nella Lingua Italiana, Roma, Firenze, Torino, 1871):

— *Brasa*... fuoco, in basso latino *brasia*, bragia.

31 — Em WILLIAM WHITNEY (Century Dictionary, vol. I, pg. 658, ed. 1906).

— *Braize, braise* — . . . . of Scand. origin.

32 — Em WEBSTER (New International Dictionary, vol. I, pg. 270, ed. 1910, in art. Brazil):

— . . . from Sp. or Pg. *brasa*, a live coal.

Diaz de Leon nas *Raices Griegas* registra as palavras espanholas de origem grega, não mencionando entre ellas o vocabulo *brasa*. Logo, *brasa*, em espanhol, não vem do grego, pois isso é affirmado implicitamente pelo mais notavel hellenista da Espanha.

O professor Ramiz Galvão em seo *Vocabulario* de palavras portuguesas de origem grega não menciona o vocabulo *brasa*. Dahí concluimos que a maior autoridade do Brasil e de Portugal em hellenismo affirma tacitamente não ser o vocabulo *brasa*, em português, de origem grega.

Marco Antonio Canini em seo *Etimologico dei vocaboli italiani di origine ellenica* (Torino 1865) não cita a palavra *bragia (bracia* ou *brascia)* entre aquellas que, no italiano, se derivaram do grego. Disso se deduz que o mais eminente hellenista da Italia nega a procedencia grega para os vocabulos italianos *bragia, bracia* ou *brascia*.

H. Stappers, afamado etymologista francês, cuja auto-

ridade em assumptos de hellenismo é acceita em todo o mundo culto, em seo *Dictionnaire Synoptique d'Etymologie Française*, no capitulo em que insere as palavras de origem grega, não apresenta o vocabulo *braise*.

Benfey, em seu *Dict. des racines grecques* não menciona *braise* entre as palavras francêsas derivadas do grego.

Lacourt Delátre, em seo admiravel livro *La Langue Française dans ses rapports* (Paris 1852), estuda as palavras francêsas oriundas do grego, e entre ellas não se encontra o vocabulo francês *braise*. Dos estudos de Henri Stappers e Lacourt Delátre, pontifices da philologia francesa, inferimos que o frances *braise* não tem origem grega. Achilles Rose, o mais profundo conhecedor do grego na actualidade, auctor do *The living greek*, que é, no expressar de Georges Cirot, um monumento assombroso de trabalho e intelligencia, indíca, em estudo magnifico *(The greek radix)*, as palavras inglesas de origem hellenica, nellas não incluindo o vocabulo inglês *braize (*ou *braise)*. Isso nos auctoriza a dizer que o maior hellenista moderno affirma indirectamente que a palavra inglesa *braize* (ou *braise)* não tem origem grega.

Da exposição feita verificamos que acceitam a origem grega apenas seis lexicographos (Constancio, Faria, Bluteau, Lachâtre, Boiste, Vorepierre) e recusam-na 22 (Adolpho Coelho, Candido de Figueiredo, Silva Bastos, Moraes, Domingos Vieira, Cortesão, Whitney, Calandrelli, Barcia, La-

rousse, Littré, Scherer, Stappers, Delâtre, Hatfzfeld-Darmesteter, Webster, Ramiz Galvão, Canini, Rose, Pedro José da Fonseca, Jeronymo Cardoso, Bento Pereira. Pereira, Cardoso e Fonseca negam implicitamente a origem grega, porque si a reconhecessem escreveriam a palavra *brasa* com *z* e não com *s*.

Ha, portanto, maioria absoluta contra a origem grega da palavra *brasa* e seria o cumulo do absurdo que alguem, para seguir a opinião de meia duzia de lexicographos, desprezasse a de duas duzias, mormente se achando entre estes ultimos os maiores philologos e diccionaristas das lingoas portuguesa, francesa, espanhola, italiana, inglesa. Demais, para impugnar a origem grega seria apenas sufficiente citar a opinião de qualquer dos seguintes hellenistas: Ramiz, Barcia, Canini, Stappers, Delâtre, Rose, Diaz.

Indicam a origem germanica Adolpho Coelho, Silva Bastos, Candido de Figueiredo, Domingos Vieira, Santos Valente (Aulete), Cortesão, Moraes, William Whitney, Calandrelli, Barcia, Larousse, Scherer, Hatfzfeld-Darmesteter, Littré, Luigi Delâtre. Ao todo, 16 philologos!

Webster não aponta a origem do vocabulo, mas diz que em português e em espanhol *brasa* se escreve com *s* (Sp. or Pg. *brasa*, a live coal).

Echegaray cita ao mesmo tempo as duas origens; Pedro José da Fonseca, Jeronymo Cardoso e Bento Pereira não explicam a etymologia, mas grapham *brasa* com *s*.

Ora, si 24 lexicographos negam a origem grega de *brasa* nas lingoas portuguesa, espanhola, italiana, francesa e inglesa, e apenas 6 a indicam, achando-se entre os primeiros as maiores autoridades em philologia, nós podemos proclamar alto e bom som que a palavra *brasa* não é de origem grega. E si 16 grandes mestres de philologia dizem que esse mesmo vocabulo é de proveniencia germanica, egualmente nós podemos proclamar, sem receio de erro, que a palavra *brasa* é de origem germanica.

No germanico o vocabulo escreve-se com *s* e não com *z (bras, brasen)*, logo, em qualquer lingoa deveremos grapha-lo sempre com *s, porque assim o exige a etymologia.*

b) *A analyse geo-historica.*

Examinada a apinião dos mestres e accertada a etymologia da palavra em questão, de accordo com as maximas autoridades em philologia, vejamos, agora, a que nos induz a analyse geo-historica da lingoa portuguêsa.

Diz Littré, em uma apreciação sobre os trabalhos linguisticos de Delàtre, que, incontestavelmente, a lingoa francêsa, considerada em seus elementos plasticos, é u'a mistura de tres lingoas, — do gaulês, do latim e do germanico, — e, portanto, não deverá ser considerada exclusivamente latina, ou germanica, ou seltica, porque é um *amalgamma* de todas as tres. Assim, quando o pesquisador quizer desvendar

a origem de qualquer palavra francesa deverá, primeiramente, penetrar os arcanos do latim, que é o arcabouço da lingoa, do germanico depois, e finalmente do seltico. Si resultarem frustradas as pesquisas nesse campo vastissimo, só então recorreremos ao grego, em caça do etymo.

Seguindo identico criterio, poderemos dizer que a lingoa portuguesa é u'a mistura do lusitano (de estructura seltica), do latim, que é o arcabouço da lingoa, do germanico e do arabe. E não é, exclusivamente, nem seltica, nem latina, nem germanica, nem arabe.

Quando, pois, quizermos estudar a lexiogenia, devemos, primeiramente, recorrer ao latim, alicerce da lingoa, e após ao germanico, ao arabe, ao seltico. Si não encontrarmos o etymo em nenhuma dessas lingoas, então iremos procura-lo no grego.

No estudo lexiogenico da palavra *brasa*, recorramos primeiramente ao latim. Em as duas fórmas latinas, a litteraria e a popular, encontramos, em logar de *brasa*, as expressões *pruna, ae* e *carbo candens* ou *incandens*. Logo, o latim não possuia o vocabulo, e deveremos ir busca-lo no germanico. E' verdade, entretanto, que encontraremos no baixo latim a palavra *brasa*, com significação de carvões accesos, conforme a registra o sabio Ducange, em seo *Vocabularium Mediae et Infimae Latinitatis.*

Que é, porem, o *baixo latim?* E' a degeneração do latim litterario após a quéda de Roma. No dia em que os

herulos de Odoacro, depois do esmagamento das ultimas legiões romanas, penetraram triumphantemente o Capitolio, e ante Jupiter Capitolino proclamaram rei da Italia, seo valoroso chefe, nesse dia succumbiu, com os patricios romanos, o latim litterario, e entrou em agonia, pela escravidão da patuléa de Roma, o latim popular. Os guerreiros herulos fizeram-se acompanhar de muitos milhares de mulheres e crianças. Expulsaram das melhores residencias os romanos e nellas introduziram gente de seo sangue. Desde essa data (476), portanto, o latim litterario passou a ser lingua morta, porque o patriciado romano, que o usava, foi trucidado pelos germanicos; e o latim popular iniciou sua triste agonia, sob a influencia germanica, numa deformação accelerada, até á morte definitiva, e consequente transformação no mavioso e cantante fallar do cinzelador da *Divina Comedia*.

A Egreja Catholica não abandonou, comtudo, o latim litterario, mas o deformou na morphologia e na syntaxe, introduzindo-lhe palavras e construcções que lhe eram estranhas.

Dessa deformação ou degeneração litteraria resultou uma lingua convencional, jamais fallada por algum povo, e apenas registrada em livros ou usada em actos liturgicos. Tal é o baixo latim, que teve seo curso litterario na edade media. Si o latim popular e o latim classico não registravam o vocabulo *brasa* e o baixo latim, criado sob

influencia germanica, após o anno 476, o registra, é curial que os escriptores da baixa latinidade o receberam dos germanicos. Demais, para provar que *brasa*, no portguês, não se deriva do baixo latim, e sim do germanico, recorramos á analyse geo-historica e raciocinemos.

Muito antes da queda de Roma, e, portanto, da criação do latim barbaro, a Lusitania soffreu o dominio dos *alanos* de Resplandiano (410), dos *suevos* de Hermencrico (419), e dos *visigodos* de Eurico (462).

Todos elles fallavam dialectos germanicos e em todos os dialectos germanicos se encontravam, com pequenas variantes affins, os termos *bras*, fogo, e *brasen*, queimar. Os conquistadores fatalmente deveriam introduzir expressões novas no vocabulario da terra conquistada e era naturalissimo que taes expressões fossem das mais usadas. Ora, as palavras *bras*, fogo, e *brasen*, queimar, assar, eram de uso frequentissimo, quotidiano, exprimindo coisas indispensaveis na vida daquelle tempo, tanto como na de hoje. A analyse geo-historica permitte-nos, pois, dizer firmemente que a palavra portuguesa *brasa* foi introduzida na Lusitania pelos germanicos (alanos, suevos, visigodos) durante as primeiras decadas do seculo V.

Seguindo, portanto, o methodo philologico de Littré, procurámos no latim a origem de *brasa* e não a encontrámos; procurámos no germanico e ella se nos revelou claramente, historicamente, indiscutivelmente.

Si *brasa*, pela analyse geo-historica, é de origem germanica, e si no germanico a palavra se escrevia com *s*, é claro que em português devemos grapha-la com *s*, de accordo com o geo-historia de Portugal.

Estudemos, finalmente, a terceira face da questão: *a analogia.*

c) *A analogia.*

Sabe-se, e não ha ninguem medianamente culto que isso possa ignorar, que, quando se tem duvida, numa lingoa, sobre a graphia de certa palavra, após a consulta ás auctoridades philologicas, após a analyse e critica geo-historica, se deve recorrer, em ultimo logar, á analogia. O assumpto, em nosso caso, é tão claro no ponto de vista das auctoridades, que não precisariamos recorrer á analyse geo-historica. Recorremos, para maior firmeza. Sendo confirmativo esse recurso, não havia necessidade de pedirmos outra elucidação á analogia. Pedimo-la, para que o caso seja estudado em todas as suas faces.

Nesse estudo analogico encontraremos a confirmação ultima de que a palavra *brasa* deverá ser graphada com *s*, e não com *z*, como querem os hellenomaniacos, visionarios da linguistica, descobridores apaixonados de fórmas e influencias gregas.

Procuremos, pois, a traducção de *brasa* em differentes lingoas do grupo ariano, a que pertence o português.

1 — Em espanhol	BRASA
2 — Em catalão	
3 — Em provençal	
4 — Em sueco	
5 — Em dinamarquês	
6 — Em irlandês	
7 — Em islandês	
8 — Em baixo latim	

9 — Em francês — *braise*
10 — Em hollandês (flamengo) — *brase*
11 — Em italiano — *brascia, bracia, bragia*
12 — Em inglês — *braize* ou *braise*
13 — Em nanurês — *bresse*
14 — Em russo — *bresse*

Oito lingoas escrevem exactamente como em português e seis affastam-se um pouco da graphia portuguêsa, mas conservam o *s*. O inglês moderno escreve, de preferencia, *braize* (com *z*), mas o antigo preferia o *s*. A preferencia do *s* ainda se nota nas palavras *brass*, latão, *brasier* ou *braser*, vaso para conter brasas. Tanto *braise* (ou *braize*), como *brass*, *braser* (ou *brazier*) são de origem germanica (27).

O italiano escreve *brascia, bracia* ou *bragia*. Mas quem se dér ao trabalho de examinar o vocabulario toscano e nelle joeirar os termos de origem germanica, verificará que o *s* germanico quasi sempre se transformou em *c* ou *g*. E o dialecto toscano é o italiano moderno.

Examinado a questão pela terceira e ultima face, verificamos que a analogia tambem indica o *s* na graphia da palavra portuguêsa *brasa*.

Provámos, pois, que a palavra *brasa* deve sêr escripta com *s*, de accôrdo com grandes auctoridades da lexicographia mundial, com a analyse geo-historica da lingoa portuguêsa e com a analogia.

Assim, desprezada [nossa hypothese e admittida a de *Du-Cange*, geralmente acceita, ainda o nome de nossa patria deve sêr escripto com *s*, *etymologicamente*.

Si, pelo systema etymologico, *Brasil* deve sêr escripto com *s*, tambem o deverá pela orthographia mixta.

Que é orthographia mixta ?

Di-lo João Ribeiro (Dic. Gram., pag. 340, 1889) :

— «O methodo mixto procura harmonizar os dous systemas, etymologico e phonetico».

Ora, escrevendo-se *Brasil* com *s* combinam-se os dois systemas. Si a etymologia indica o *s*, essa indicação não fére a prosodia, pelo contrario, com ella se harmoniza, pois, dizem os grammaticos, o *s* entre vogaes tem o som de *z*.

Quanto ao systema prosodico, emprestamos do mestre Candido de Figueiredo algumas linhas de suas *Lições Praticas* (v. III, 2.a ed., pgs. 209-210) :

— «Transmontanos e beirões, lidimos representantes do nosso falar antigo, nunca pronunciaram como *z* o *s* intervocalico. E' difficil representar essa pronuncia, mas

imaginem o *s* intervocalico, igual a um *s* final. De maneira que, em rosa, o *s* sôa como o *s* de dois; e assim diriamos *rós...a.* E' o que lá sucede com o *Brasil,* que se pronuncia *Bras...il.* Ora, esta ortoépia é um grandissimo elemento para dirimir duvidas no emprego do *z* e do *s* intervocalico. Se o beirão, falando, não diz *z* numa palavra, é porque essa letra é estranha á constituição da mesma palavra».

O illustre philologo brasileiro, dr. Mello Carvalho, commentando este asserto, diz: «Eis um facto de summa importancia, um tira-teimas; por isso que é um facto de linguagem».

Gonçalves Viana, em sua *Ortografia Nacional* (pags. 111-112, 116-117, 147-148) confirma o dizer abalisado de Candido de Figueiredo.

E haverá quem desconheça o papel de Candido de Figueiredo e Gonçalves Vianna na campanha em favor da orthographia sonica? Foram elles os maiores campeões do systema prosodico ou sonico e entretanto escrevem *Brasil* com *s* de accordo com a prosodia.

2.º) A ANALOGIA — A analogia, nos estudos philologicos, representa um importantissimo papel. Pois bem, pela analogia devemos escrever *Brasil* com *s* porque assim se escreve em todas as lingoas:

1 — Espanhol — *Brasil*
2 — Italiano — *Brasile*
3 — Provençal — *Bresil* (*Brezille* é fórma corrompida)
4 — Francês — *Brésil*
5 — Inglês — *Brasil* (*Brazil* é fórma corrompida)
6 — Alemão — *Brasilien*
7 — Hollandês — *Brasyl*
8 — Dinamarquês — *Brasilie*
9 — Norueguês — *Brisel* (ou *Bresel*)
10 — Catalão — *Brasil*
11 — Irlandês — *Brasil*
12 — Russo — *Bressil*
13 — Hungaro — *Breselien*

A fórma *Brezille* que apparece em textos provençaes modernos é a corrupção do provençal antigo e verdadeiro *Brasil*. E' que no provençal (e tambem no inglês e no portugês) houve no seculo XVI uma confusão immensa no emprego do *s* e do *z*.

A este respeito leia-se o seguinte :

«*Les Leys d'Amors* (I, 40 ; III, 382) *enseignent que S entre voyelles a regulièrement le son Z a cette place concurrentement avec S ; ils écrivent causa et cauza ; rosa et roza ;* etc.» (Fred. Dies — *Gram. des Langues Romanes*).

Sobre o *z* inglês diz Whitney, professor de Sanskrito e Philologia Comparada da Universidade de *Yale*, e talvez a maior auctoridade philologica do mundo :

— «*Z* — It was not used in the oldest English, but came gradually in out of the French the fifteenth century and later».

Si até o decimo quinto seculo não se usava o Z em inglês; si os escriptores anteriores a esse seculo escreveram, como Geoffrey Chaucer, em 1380, *brasil* (com *s*); si a etymologia não auctoriza essa escripta em inglês, nem os classicos antigos; si a lingoa inglêsa não adopta o systema prosodico e portanto não podia ter mudado o *s* pelo *z*; si o methodo mixto tambem não explica essa mudança; como se explicar o Brazil com *z* de alguns diccionarios inglêses? Apenas por uma corrupção injustificavel.

E tanto é assim que William Whitney (Cent. Dict.) diz: «*Brazil, also brasil, Middle English BRASIL, BRASYLE... of Spanian or Old Portuguese BRASIL...*»

Tambem Webster (Int. Dict.): — «Brazil, Middle English brasil, cf. Portuguese and Spanian brasil, Provenzal bresil».

John Walker, no Critical Dictionary, despreza a fórma adulterada *brazil*, preferindo a verdadeira *brasil* (com *s*) conforme se vê na pag. 61, edição londrina de 1850:

— «Brasil (or Brazil)... An American wood, commonly supposed to hove been thus denominated, because first BROUGHET FROM BRASIL».

Vêmos, pois, em todas as lingoas da Europa a palavra *Brasil* escripta com *s*. Por que, então, devemos escreve-la

com *z*, si contra essa lettra nefasta se levantam a etymologia, a prosodia, a analogia, a analyse geo-historica da lingoa e os maiores lexicographos do mundo?

Mas não só esses argumentos são *zetamophobos*. Ha-os ainda...

3.º) OS MAPPAS DO SECULO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL — Aos argumentos em favor da graphia Brasil com *s* ajunte-se mais o seguinte: *os mappas publicados no seculo XVI, seculo do descobrimento do Brasil, trazem o nome de nossa patria escripto com s.* E são elles:

1.º) *Mappa-mundi de Leonardo de Vinci,* feito em 1515 e traduzido por Conrad Kretschmer ("Die Physische Erdkund in kristlchen Mittelalter", Vien-1880).

2.º) *Mappa-mundi Münster,* de 1550 ("Münster Cosmographie").

3.º) *Mappa-mundi da edição de Ptolomeo,* de 1547, reproduzido na citada obra de Kretschmer.

4.º) *Mappa-mundi* de 1550 de Henrique II, da França, reproduzido por Jómards ("Monuments de la Geographie").

5.º) *Mappa-mundi de Ortelio,* de 1571, reproduzido por Carlos Weule ("Esplorazione della superficie terrestre", trad. do prof. Vincenzo Bellio, Milano).

6.º) *Carta da America de Cornelius de Judalis*, de 1593, (reproduzido por Kretschmer).

7.º) *Carta da America de Joan Martinez*, de 1582, conservada na "Bibliotheca do Arsenal de Paris" (reproduzida por Weule, obra citada).

8.º) *Mappa-mundi de Geraldo Mercator*, do anno de 1597, reproduzido na obra "Gerardi Mercatoris Atlas" (sive Cosmographicae Meditationes de fabrica mundi et fafabricati figura, Amsterdam, 1636).

Ahi estão oito mappas do seculo de Cabral, nos quaes vemos Brasil escripto com *s*. Si mais procurassemos, mais achariamos.

4.º) OS DOCUMENTOS PRE-CABRALINOS — No seculo IX o viajante arabe Abuzeid el Hacen elogiou o páo vermelho da *Ilha Alrami* (Sumatra) designando-o pelo nome arabe bakkam (bha-kam, brilhante). Essa designação perdurou até o seculo XI, como no-lo revelam varios documentos. O documento mais antigo que se conhece, onde se possa encontrar referencia ao páo-brasil com seo nome actual, e não com o nome arabe, é a tarifa da alfandega de Saint-Smer, Flandres, em que se especifica o imposto a pagar pelas cargas de páo-brásil (kerka bersil) e em que se lê a data de 1085.

A palavra *Brasil* é tambem encontrada nas tarifas aduaneiras italianas, de Ferrara, desde 1113, de Modena, desde 1206, e nos documentos do commercio catalão de 1221-1243. Que esse vocabulo era conhecido muito antes do descobrimento de nossa patria, provam-no, além dos citados documentos antigos, que fazem fé, os dizeres abalisados de mestres de grande nomeada, que estudaram o assumpto.

Heinrich Handelmann, professor de Historia na Universidade de Kiel, Alemanha, em admiravel estudo sobre nossa historia, traduzido recentemente por Raphael Mayrink, do Ministerio do Exterior do Brasil, diz: «A principal carga dos navegantes brasileiros era uma madeira de que se extrahia tinta vermelha e a que os indigenas davam o nome de Ibiripitanga e que já se tornara conhecida, havia muito, na Europa como páo-brasil (bresill, brasilly, braxillis, bresilium). Havia muito que se conhecia uma espécie de arvore que se empregava para tingir a lã e o algodão e que se importava da India». (H. do Brasil, trad., pg. 35).

Adolpho Coelho, eminente e respeitado philologo português, informa-nos: «Brasil... esse páo é assim denominado em textos muito anteriores ao descobrimento do Brasil...» (Dic., pg. 260).

Roque Barcia, auctor do melhor diccionario etymologico da lingoa espanhola, affirma: «El palo llamado hoy Brasil, se conocia algunos siglos antes del descubrimento de la comarca que lleva el mismo nombre». (Dic., pg. 635).

Pietro Fanfani, erudito etymologista italiano, insere em seo magnifico vocabulario: «Brasil... si trova usato fino dal secolo XVI...» (Voc., pg. 566).

William Whitney, professor de philologia comparada e sanskrito na Universidade de Yale, Estados Unidos, referindo-se ao Brasil, escreve, no Century Dictionnary: «Brazil (also Brasil)... *orig. a red dyewood brought from the East*» (vol. I, pg. 667).

— «Brasil — A mythical island which appeared on maps of the Atlantic as early the 14th century...» (vol. IX, pg. 180).

Du Cange, mestre dos mestres, assim se exprime: «Brasile... ex quo faciunt rosetan charta an 1193, apud. Morator, tom. 2 ant. ital. med. ævi col. 894... Non ergo à Brasilia vastissima regione hujus appellationis, quœ ab anno 1500, tantum modo cognita est brasilis nomen habemus... (Glos., vol. I, pg. 629).

Convem notar que Du Cange é auctoridade maxima em assumptos que se referem ás lingoas romanicas. Sua competencia é unanimemente reconhecida por todos os diccionaristas e philologos do mundo. Seo *Glossario* é um monumento genial de erudicção e foi nelle que o eminentissimo philologo Fred. Diez haurio seos conhecimentos profundos, conforme elle mesmo confessa francamente em sua extraordinaria *Grammaire des Langues Romanes* (trad. de Brachet et Gaston Paris, vol. I, pg. 66, Paris, 1874).

E' pois fóra de duvida que o vocabulo *Brasil* existia muito antes do descobrimento de nosso paiz e que os documentos anteriores ao anno de 1500 o inserem geralmente com *s* e não com *z*.

Mas quando surgio elle nas lingoas européas ?

Encontra-se muitas vezes a palavra *brasil* escripta com *s* nas transcripções antigas de Campanay, barcellonense ; de Muratori, modenense ; de Banchero e Renaudot, francêses.

D. Antonio de Campanany y Montpalau publicou as seguintes obras :

1) *Memorias sobre o commercio e marinha de Barcelona,* anno de 1779.

2) *Collectanea dos costumes maritimos de Barcelona* — 1791.

3) *Callectanea critica sobre diversos pontos de Historia* — 1803.

Ludovico Antonio Muratori publicou as seguintes :

1) *Rerum Italicarum Scriptores* (1723-1751).

2) *Antiquitates Italicae mediae aevi* (1738-1742).

3) *Annali d'Italia* (1744-1749).

Aqui vão algumas citações :

1 — Em 1085 uma tarifa da alfandega de Saint-Smer, Flandres, especificou o preço que devia pagar uma carga de *bersil (kerka bérsil).*

2 — Em 1150 a cidade de Placencia, Italia, contrahio um emprestimo com a cidade de Genova e cinco annos depois effectuou o pagamento da seguinte maneira: 2.815 liras, 3 soldos e 4 dinheiros, em ouro; 2.315 liras em *páo-brasil (brasile silvaticum)*... O páo-brasil foi dado á razão de 30 bisantos ouro por quintal. Esse documento se encontra em Genova, no Archivo.

3 — Em 1156 um tal Solimano de Salerno, possuidor de casa e armazem, tendo de partir para o Egypto, fez um contracto com Bono Malfuaster, do qual recebeu 110 bisantos ouro para comprar em Alexandria páo-brasil *(brasile silvaticum)*. Esse documento se acha na Bibliotheca do Vaticano, em Roma.

4 — Em 1156 Ogerio de Guidão, por meio de um acto publico, prometteu pagar á sua nóra, representada por Simão Aurie, 130 libras e meia, devendo o pagamento ser effectuado em tres especies, das quaes uma era o *páo-brasil (brasile silvaticum)*. Esse documento está no Archivo de Genova.

5 — Em um documento flamengo de 22 de janeiro de 1163 lê-se: «carga muar de *brasilli*.»

Joaquim Caetano e Taunay fazem esta citação, escrevendo *Brisili*. Montpalau, em sua Collectenea, transcreve, em 1791, o mesmo documento graphando BRASILLI, como fazemos aqui.

6 — Em 1151 um commerciante genovês foi intimado pela justiça de Genova a pagar a Filipo de Lamberto Guezzi cem libras em quatro partes: uma em pimenta, outra em pano, outra em brasil e outra em dinheiro. O documento insere o vocabulo *brasilen.*

Humboldt *(Gerschichte der Erdkund)* cita este documento escrevendo *brazilen,* graphia contraria á do documento transcripto por Muratori, a quem seguimos.

7 — Em 10 de março de 1193 Ferrara e Bolonha, cidades italianas, firmaram um tratado de paz no qual se lê: «os bolonhêses se obrigam a fazer por carga muar, isto é, de todos os panos, de pedra hume e de brasil (brasile)...»

8 — Num documento escripto em baixo latim em 1208 lê-se: *de quintalli brexili.*

Joaquim Caetano cita erradamente este documento graphando *brezilli,* fórma que se não encontra no baixo, latim, nem nas transcripções de Muratori. Em baixo latim, segundo Du-Cange, Freund, Calandrelli e outros ha as fórmas: *brasilia, braxile, brexili, bresillum, brasilicum, brasile,* sendo esta ultima a correcta. *Brezelli* não existe no baixo latim.

9 — Em 21 de janeiro de 1221 diz a Alfandega de Barcellona (transcripção de Montpalau): «*carrega de brasil paga...*»

10 — Um documento da Alfandega de Calibre, escripto em catalão, de 7 de junho de 1252, diz: «*cargua muar de brasil.*»

Taunay, repetindo a citação de Joaquim Caetano, apresenta a palavra escripta com *z*, o que se não encontra no documento transcripto por Montpalau.

11 — Em 1306 apparece um acto publico de Modena em que se lê: «*soma zaffrani et braxil.*»

12 — Em fevereiro de 1194 o duque de Ferrara exige de um certo negociante pagamento em brasil (*in brasile*).

13 — Em 1298 foram traduzidas em francês as viagens de Marco Polo e nellas se lê: «*... dou royaume de Iherusalem, dou royaume de Egipte, vient peivres et toute especeries et bresis*» (...do reino de Jurusalem, do reino do Egypto vêm pimentas, todas as qualidades de especiarias e *brasis*) — Marco Polo, in-Laborde, *Esmaltes,* 174.

Na mesma traducção de Marco Polo tambem se lê: «*...ils sont berzi en grant habondance, dou meillor dou monde*». Traduzindo: ha (na ilha de Ceylão, mencionada antes) brasil em grande abundancia, do melhor do mundo.

O dr. Assis Brasil que, alem de diplomata brilhante, é literato perfeito e philologo conspicuo, commenta a divergencia de fórmas notada em Marco Polo sobre a graphia *brasil*, e depois de citar Littré, assim conclue:

«Comprehende-se : escrevendo *berzi,* o *s* não podia ser usado porque mudaria a pronuncia ; não assim na forma *brésis* ou *brésil* ou *brasil,* em que o *s* se encontra entre duas vogaes».

Discordamos do argumento do illustre dr. Brasil, por um motivo muito simples: Marco Polo nunca escreveu *berzi.* A transcripção de Laborde (Esmaltes, 174) apresenta *berzi* erradamente. A melhor traducção francêsa de Marco Polo é a que se acha no tomo I do *Recueil des voyages et mémoires de la Société de Géographie de Paris,* e essa mesmo apresenta muitas infidelidades, escrevendo comtudo *verzi.* A traducção francêsa de 1280 insere *verxi* e não *berzi, brasil, bresil* (com *s*).

A edição latina, como a portuguesa, a espanhola, a toscana, a inglêsa e a original (em veneto, que se acha na Bibliotheca do Vaticano), inserem *verzí* e não *berzi.* O dr. Assis Brasil, para nós, um dos mais formosos caracteres e uma das mais bellas intelligencias do Brasil, argumentou em falso, aliás com mestria, por desconhecer o dialecto veneto em que escreveu Marco Polo.

Em veneto existe o substantivo *verzo* (*cavaco*), cujo plural é *verzi* (*cavacos*). No tempo de Marco Polo (como no de Cabral), o páo brasil era exportado em cavacos) *(verzi).*

Dizia-se em Veneza *verzi de brasil* ou simplesmente *verzi* ou *brasil.* Por um processo de simplificação, estuda-

do por Darmesteter, que o classificou — *lei de contagio,* processo observado outróra, como hoje, diziam os venezianos *arratel de verzi,* isto é, *arratel de cavacos,* em vez de arratel de *cavacos de brasil.* E' o mesmo caso que se observa no latim, onde se vê escripto simplesmeute *diurnalem e seranum,* por *librum diurnalem* e *tempus seranum,* e no tupi o termo *sací* em vez de *sací perêrê.*

No portugues moderno dizemos *pé de café* em vez de *pé de arvore do café*; *pasto,* em vez de *pasto de gramado*; etc.

Os genovesês diziam indifferentemente *brasil* (nome de páo) ou *verzi* (*cavacos,* fórma em que era vendido o páo). E' o que se dá no Brasil, na locução substantiva *pasto de gramado (pasto* significa alimento). Vêmos o povo brasileiro dizer indifferentemente : *tenho um pasto* ou *tenho um gramado,* e, rarissimamente, pasto de gramado...

14 — Um documento francês de 1368 menciona: «... os cabos, que eram brancos, deviam ser pintados com tinta de brisiaco *(in colorem brisiaci).*

Joaquim Caetano da Silva crê que *brisiaci* seja uma variante de *bresil* e cita outras graphias, taes como *brezilh, bersil, brisel, bresillium,* etc. Essas differenças de escripta podem sêr levadas em conta de erros dos copistas.

15 — Num *mappa-mundi* catalão, feito em Maiorca em 1375 para o rei Carlos V de França (cujo original

está na Bibliotheca Nacional de Paris), vê-se a palavra *Brasil* juncto a uma ilha do Atlantico.

A essas citações acrescente-se as que fizemos em capitulo anterior (pg. 28) ao tratarmos do vocabulo *brasil*, no periodo *pre-classico* de nossa litteratura, ou sejam as das seguintes obras, anteriores a 1500:

1.) traducção do «Percevale le Galois»;
2.) «Estoria de Santo Grial»;
3.) traducção do »Livro de Marco Polo»;
4.) romance «Amadis de Gaula»;
5.) «Ordenações Affonsinas»;
6.) «Emeraldo de Situ Orbis»;
7.) «Mabinogion»;
8.) «The Canterbury Tales».

Vejamos, agora, como escrevem *Brasil* os notaveis lexicographos portugueses e os grandes mestres das lingoas espanhola, italiana, francesa, inglesa e alemã:

1. — BLUTEAU (Vocabulario Português e Latino, vol. II, pag. 186, Coimbra, 1712):

> — *Brasil.* Grande região da America Meridional. descoberta por Pedr'Alves Cabral, que hia por Capitão mór da segunda armada, que el-Rei D. Manoel (de felice memoria) mandou á India & partiu de Lisboa em 9 de Março de mil & quinhentos do nascimento de Christo, & ......
>
> — *Brasil.* Páo vermelho pesado & muito seco.

— *Brasil.* Chamam os pintores a huma côr, que elles fazem com rachas do brasil, goma arabica, agôa ardente.

— *Brasil.* Tomase ás vezes por homem natural do Brasil. Brasilense, is.

2. — ANTONIO DE MORAES SILVA (*Diccionario da Lingua Portugueza, vol. I, pg. 299, Lisbôa, 1813, 2.a ed. revista pelo auctor*):

— *Brasil,* adj. *Páo Brasil*: vermelho de que se extrahe tinta da mesma côr, cosinhando-o em agua. Côr brasil, i. e., de páo brasil. Os *brasis*: os Indios naturaes do Brasil.

3. — FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO (*Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza, 10.a ed., pg. 188 — Paris, 1873*):

— *Brasil.* s. m., nome de hum grande estado da America, descoberto e colonisado pelos portuguezes, hoje imperio independente. Este nome vem do páo vermelho que de lá se extrahe a que os portuguezes chamarão *brasido,* côr de *brasa.*

—*Brasil,* adj. 2., pertence ao Brasil . . . brasileiro.

4. — FREI DOMINGOS VIEIRA (Thesouro da Lingua Portugueza, vol. I, pg. 816, ed. 1871):

— *Brasil,* adj. 2 gen. Páo-Brasil, páo vermelho, pesado, e muito secco.

— Termo de pintura. Côr feita com rachas de brasil, gomma arabica e agoa-ardente.

— s. m. Natural do Brasil.

Brasileiro, adj. e s. m. Natural do Brasil, pertencente ao Brasil.

Brasileto, s. m. (De Brasil com o suffixo etc.) Madeira da especie do Brasil mas que não dá tinta tão fina nem tão viva.

Brasilico, adj. 2 gen. (De Brasil, com o suffixo ico).

5 — ADOLPHO COELHO (Diccionario Etymologico da Lingua Portugueza, Lisbôa, pg. 260),

— *Brasil*, adj. Páo—, páo vermelho empregado em tinturaria, s. m. côr feita de rachas do páo brasil etc. Natural do Brasil (Hesp. brasil, prov. brezilh, itaf. brasile. Esse páo é assim denominado em textos muito anteriores ao descobrimento do Brasil, que recebeu o nome delle e não lh'o deu, como se suppoz; Ducange deriva a palavra de brasa, sendo o nome dado ao páo, por causa de sua côr vermelha).

— *Brasileiro* adj. e s. Natural do, pertencente ao Brasil (Brasil nome de paiz, que é o mesmo que *brasil*, nome de um páo).

Brasileto s. m. Páo similhante ao brasil mas que não dá tinta tão fina. (Brasil, suf. eto).

Brasilico, adj. Natural do, pertencente ao Brasil (Brasil, suf. ico, vid. Brasil).

Brasilense, adj. O mesmo que brasilico.

6 — BENTO PEREIRA (Thesouro da Lingua Portugueza, 1.a parte da *Prosodia in-Vocabularium,* pg. 1097, 10.a ed., Ebora, 1750):

Brasil, região, Brasilia, æ.

Brasil. côr, purpuryssum, i.

Brasil, páo, Cotimus, i.

7. — JAYME SÉGUIER (Novo Diccionario Luso-Brasileiro, edição do "Jornal do Commercio," 1910, Rio, pg. 154):

— *Brasil* (castel. Brasil, talvez de *brasa*). Diz-se de um pau vermelho, empregado em tinturaria.

8. — A. CORTESÃO (Subsidios para um Diccionario Completo da Lingua Portugueza, 1909—1901, additamento, no fim do 2.° vol. pg. 20).

Brasilense...

9. — CANDIDO DE FIGUEIREDO (Novo Diccionario vol. I, pg. 208).

— *Brasil*, m., planta leguminosa de que se tira o páo Brasil... (Castelhano Brasil, talvez de *brasa*).

10. — EDUARDO DE FARIA (Diccionario da Lingua Portugueza, ed. 1859, vol. I, pg. 577):

— *Brazil* (páo—) genero de arvores e arbustos pertencente á familia das leguminosas de Jussieu.

— *Brazil*, (geog) Vasta região da America Meridional.

11. — F. J. CALDAS AULETE (Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza, ed. 1881, vol. I, pg. 241):

— *Brazilete* s. m. variedade de pau brasil, mais grosseira e que não dá tinta tão fina *(F. Brazil* etc.)

— *Brazilina* s. f. (tint.) substancia corante extrahida da decocção do pau brazil *(F. Brasil* ina).

12. — J. T. DA SILVA BASTOS (Diccionario Etymologico, Prosodico e Orthographico da Lingua Portugueza, ed. 1912, Lisbôa, pg. 232):

Brasil, s. m. planta leguminosa de que se tira o pau-brasil ; (ant) cor encarnada que servia de enfeite ; adj. diz-se de um pau vermelho empregado na tinturaria.

Brasileiro. adj. relativo ao Brasil (De *Brasil e eiro*).

Brasilense, adj. relativo ou pertencente ao Brasil ; natural do Brasil - De Brasil, n. p. e ense.

Brasilense, o mesmo - ou melhor - qne brasiliense.

Brasilico, adj. o mesmo que brasiliense - De *Brasil e ico.*

13. — FRANCISCO DE ALMEIDA (Novo Diccionario Universal Portuguez, vol. I, pg. 337, Lisbôa, 1891.

Brasil (geog), vasto imperio da America do Sul.
Brasileiro, adj. e n. proprio, natural do Brasil.
Brasilico, brasilense, adj. brasileiro.

14. — D. ROQUE BARCIA (Primer Diccionario General de la Lengua Española, vol. I, pg. 635, Madrid, 1881):

— *Brasil.* Masculino. Palo Brasil...

Etimologia, Brasil pais de la America meridional de donde dicho palo es oriundo (Landais). Estamos seguro de que el erudito Napoleon Landais no vió la anterior etimologia.

El palo llamado hoy Brasil, se conocia algunos siglos ántes del descubrimento de la comarca que lleva el mismo nombre. I si el Brasil no estaba descubierto, ¿ como ser oriundo del Brasil ? . . . . Por consiguiente puede affirmar-se que el Brasil, en donde abunda esa especie de palo, recebió su nombre de la madera brasil, perfectamente conocida en el siglo XIII.

Derivacion—Bajo latin brasilea ; italiano brasile ; francés del siglo XIII, berzi, bresi, bresil ; XVI bresil ; moderno brésil ; provençal brezilh (bresilh); catalan brasil, brasill.—El Brasil recebió este nombre por su semejanza respecto de la brasa (Du Cange, Littré).

15. — EDUARDO ECHEGARAY (Diccionario General Etimológico de la Lengua Española, vol. I., pg. 740, Madrid, 1887):

— B*rasil*. Masculino. Palo Brasil color encardado que servia para afeite de las mujeres. Etimologia. Del bajo latim brasilea ; italiano brasile ; francés brésil ; provençal, brezilh (bresill); catalan, brasil. brasil.

16 — D. MIGUEL y GISBERT (Dicionario de la Lengua Española).

Brasil — . . . afeite encarnado usado por las mujeres.

17 — M. CALANDRELLI (Diccionario Etimologico Comparato de la Lengua Castellana, vol. I, pg. 844, Buenos Aires. 1880).

— *Brasil*, v. brasa, suf *il*

Brasa . . . .

De brasa desciende el bajo latin brasilium, bresillum ó braxile, primitivo de brasil (— Cesalpina Brasiliensis, Lin), llamado asì por su color de fuego ó de *brasa ;* el cual dió el nombre al Imperio de Brasil.

Corresponden á Brasil : francés brésil, portugués brasil, italiano brasile, provenzal brezilh, bresill. Derivan de brasa.

18 — PIETRO FANFANI (Vocabulario della Lingua Italiana, 3.ª ed., 1891, Firenze, pg. 566):

— *Brasil*, s. m. Legno di cui si servono i tintori per tingere i panni di rosso. La piante che lo produce dicesi anche Verzino, Brasile rosso, Pernambuco, ed è la Cœsalpina echinata. Si trova usato fino dal seculo XIV e forse il Vespuccio nominò così la Terra americana che ha questo nome per avervi trovato molto di si fatto legno.

19 — P. PETROCCHI (Novo Dizionario Scolastico della Lingua Italiana, pg. 121, Milão — 1897):

Brasil, s. m. . . . . . .

20 — CRUSCA (Dizionario di Lingua Italiana, vol. I, 243):

— *Brasile, s. m.* . . . . .

21 — FRANCESCO VALLARDI (P. Enciclopedia Moderna Illustrata, Milano, vol. I, pg. 220):

Brasile, s. m. . . . . . .

22 — PIERRE LAROUSSE (Grand Dictionnaire Universel, vol. II, pg. 1232):

— *Brasil, s. m.* Espèce de bois rouge, employé pour la teinture.

Vaste contrée de l'Amerique du Sud . . . . .

23 — LITTRÉ e BEAUJEAN (Dictionnaire Universel, pg. 93, PARIS, 1883):

— *Brésil, s. m.* empire de l'Amerique meridional ;

— *Brésil,* bois rouge propre à la teinture.

24 — MAURICE LACHATRE (Dictionnaire Universel, tome I, pgs. 660 e 661, ed. 1881) :

— *Brésil,* Vaste région occupant prés de la moitié de l'Amerique meridionale.

— s. m. On appelle brésil ou *bois de bresil* une sorte de bois très-compacte et très-lourd qui renferme une substance cristalline propre à la teinture.

25 — JOHN WALKER (A Critical Pronouncing Dictionary and Expositor of the English Language, pg. 61, London, 1850) :

— *Brasil* or Brasil s. An American wood, commonly supposed to have been thus denominated, because first brought from Brasil.
(Note-se a preferencia que Walker dá á graphia com *s,* inserindo em primeiro logar *Brasil* e repetindo esta fórma no texto : . . . *brought from* B*rasil*).

26 — WILLIAM WHITNEY (Century Dictionary, pg. 667, vol. I, ed. 1906) :

— *Brazil,* n. Early *mod. E, also brasil* . . . . *M. E. brasil,* brasyle "(moderno inglês tambem

brasil . . . inglês antigo" *brasil)* — O Dan brasile, Dan brasilie — Norw. bresil, brisel — O. F. bresil, mod. F. brésil — Prov. bresil, brezilh — *Sp. & O. p.* brasil "(espanhol e velho português brasil)" (— mod. It. brasile. M. L. brasilium, braxile, bresillum. brisillium, brisiacum), orig. a red dyewood brought from the East. Origin uncertain ; perhaps as Diez suggests, — Prov. brezilhar *(* — fr. brésiller), break into fragments, crumble, — brIza, a fragment, little bit (— F. bris, a breaking opeu, a wreck, formerly fragments, rubbisch) . . .

(Note-se que Whitney diz ser tambem inglês moderno *brasil,* com *s ;* inglês antigo *brasil,* com *s;* e ainda *brasil,* com *s,* no espanhol e velho português).

27 — WEBSTER (New. International Dictionary of the English Language, ed. 1911, for Harris & Sturges Allen (G. & Merriam Company), London and Springfield, Mass. U. S. A., vol. I, pg. 270) :

— *Brasil* n. *M. E. brasil* "(inglês antigo *brasil)* L. L. brasile, *(cf. Pg. & Sp. brasil, Pr. bresil)* perh. *from Sp. or Pg. brasa* a live coal (cf. braze brazier a pan) or Ar. "vars", plant for dyeing red or yellow. This name was given to the wood from its color ; and it is said that King Emanuel

of Portugal, gave the name Brazil to the country in South America on a account of its prodoucing this wood.

(Note-se que Webster insere a fórma Brazil, com *z*, mas affirma : 1.º) ser *brasil,* com *s,* inglês antigo ; 2.º) ser fórma portuguêsa e espanhola *brasil,* com *s ;* 3.º) derivar-se a palavra do espanhol ou do português *brasa).*

28 — FREDERIGO DIEZ (Etymologisches Worterburch der romanischen Sprachen, 1869, vol. I, pg. 80) :

— *Brasile* italienniach, spanisch, *portugiesische Brasil,* (no português *brasil*) franzosich brésil (*e* mouillè) eine art holz zum rothfarben, das sich in grossea meng in *Brasilien* findet, wohér der name des landes. Das mittelalter bezog es von einem andern baume aus verschiedenen gegenden des Orients ; grana de brasile (brasilienscharlach), erwahnt bereits eine italisch urkunde von 1193, s. Ducange, andre mittellateinisch schreibungen sind brasilium, bresillum, braxile, provenzalisch brezilh, bresil altfr. wie neufr. und oft neben orientalischen färbestoffen und gewurzen genannt, Aber das wort versteigert der Orient der Araber z. f. nennt die sache baqqam.

(Note-se que Diez escreve *Brasil,* com *s,* como, aliás, todos os diccionaristas alemães, e affirma

sêr essa palavra escripta com *s* no português, bem como no baixo latim, no italiano, no espanhol e no francês).

29 — EDUARD THEODOR BOSCHE (Talchenworterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache, vol II, pg. 131, Leipsig — 1897):

Barsilien, Brasil. brasilienholz . . . .

30 — H. MICHAELIS (Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache, vol. I, pg. 133, Leipzig — 1914):

Brasilien, ... brasilienholz . . . .

31 — CHARLES DUFRESNE, *sieur* DU CANGE (Glossarium Mediæ et Infimæ Latinitatis, vol. I, pg. 629, Paris — 1766).

— *Brasile,* brasilium, bresillum. brasilicum lignum, vel coccum infectorum, color ruber . . . Bresillum, est arbor quaedum è cujus succo optimus, fit color rubeus. Medulla hujus arboris non est bona pictoribus, sed tinctoribus pannorum & scriptoribus, ex quo faciunt rosetam charta an 1193, apud. Murator tom. 2 ant. ital. med, ævi col. 894 . . . ordinatum fuerat quod non venderuntur panni . . . tincti mala tinctura, & specialiter . . . bresillo, quæ gallico nomine en Bresil nuncupatur . . .

Non ergo á Brasilia vastissima regione hujus

appellationis, qaœ ab anno 1500, tantummodo cognita est brasilis nomen habemus; quod illi potius inditum videtur, quod ejusmodi ligno rubro abundaret. Unde autem hujus *vocis origo ? Forte a brasa,* quia carbonum candentium colorem refert.

(Note-se que Du Cange escreve Brasil com s, e affirma derivar-se a palavra de *brasa,* escripta tambem com s.).

Desta exhaustiva consulta feita aos diccionarios que tinhamos á mão, concluimos :

— Escrevem Brasil, com *s :* — "Bluteau, Moraes, Constancio, fr. Domingos Vieira, Adolpho Coelho, Bento Pereira, Cortesão, Candido de Figueiredo, Silva Bastos, Francisco de Almeida, Barcia, Ehegaray, Calandrelli, Fanfani, Petrocchi, Larousse, Littré, Lachâtre, Walker, Diez, Bösche, Michaelis". Ao todo 22 diccionaristas notaveis, sendo 10 da lingoa portuguêsa.

Escrevem *Brazil* e *Brasil* (com *z* e *s*), dizendo, porem, que a graphia é com *s,* no inglês antigo (e portanto em inglês correcto), os diccionaristas da lingoa inglêsa — *Webster* e *Whitney.*

Escrevem Brazil com z os diccionaristas portuguêses Santos Valante (Diccionario Aulete) e Eduardo de Faria.

Portanto, temos de um lado 22 lexicographos contra 2 ; e 2 neutros *(Webster* e *Whitney).*

Na lingoa portuguêsa vêmos: Moraes, Vieira Adolpho Coelho, Candido de Figueiredo, Bluteau, Constancio, Bento Pereira, Cortesão, Silva Bastos, Francisco de Almeida, Jayme Seguier (ao todo 11) que escrevem *Brasil* com *s ;* e unicamente Santos Valente e Eduardo de Faria que escrevem Brazil com z.

Para que a opinião de 2 prevalecesse sobre a de 11, seria mister que um delles fosse o melhor diccionarista da lingoa.

Quanto a Eduardo de Faria nada diremos porque até os principiantes de português conhecem as suas asneiras. E' um diccionario antigo e, no dizer de um de nossos melhores philologos, uma completa colleção de asneiras. Não ha quem seja capaz de cita-lo como o *primus inter pares.*

E o de Santos Valente ?

O Diccionario Contemporaneo, conhecido pelo nome de *Diccionario de Aulete,* é, ás vezes, citado como o melhor da lingoa portuguêsa. Entretanto, é inferior ao de Adolpo Coelho e ao de Candido de Figueiredo.

O prof. Caldas Aulete não escreveu o diccionario que tem o seo nome. Seo auctor é o medico Antonio Lopes dos Santos Valente. Na primeira pagina do diccionario encontra-se uma declaração a este respeito, assignada pelo editor Basilio de Castelbranco.

O proprio dr. Santos Valente, em um opusculo deno-

minado *Ortographia Portugueza,* (Lisbôa, 1886) fez a seguinte declaração :

— «*Ortographia Portugueza pelo dr. antos Valente, auctor do Diccionario Contemporaneo*».

Sobre este diccionario escreve Candido de Figueiredo :

> — «Que novidade ! Quase não ha erro ortografico, que não appareça em bons escriptores ; e o Contemporaneo tem-nos ás dezenas, como qualquer outro, organizado antes da diffusão da sciencia da linguagem. O auctor do *Contemporaneo* era um erudito, mas não era um philologo ; e, poucos anos depois da publicação de sua obra, ele proprio me confessava que, se a reeditasse, a refundiria essencialmente sob o ponto de vista ortografico. Havia observado o que êle supunha uso geral, e, quando estudou mais um pouco e caiu em si, era tarde. E, assim, lá lhe ficou *abhorrccer,* com *h,* por amor ao latim, *travez* e *atraz,* com *z* — fórmas evidentemente erroneas ; etc. Portanto, e seja qual for o merito do *Contemporaneo,* é de ingenuidade imperdoavel invoca-lo como autoridade em questões ortograficas».
>
> (Ortografia no Brasil, pgs. 97-98, Lisbôa, 1908).

E Pacheco da Silva Junior, nas *Noções de Semantica,* pg. 76 (Rio, 1903) :

> — «Aulete, no seu aldravado diccionario, diz

— entre outros muitos disparates e destemperos imperdoaveis, em que tão severo se mostrou para com os outros lexicographos e, principalmente, para com o nosso Moraes — que *espiolhar*, com o significado de pesquizar, observar, indagar minuciosamente, deriva-se de piolho! Este verbo é forma divergente de espionar, que é tambem *espiar*, e se deriva de *espia, espião*. *Lho, lha* é suffixo nominal-lat., *alia, ilia, culus*, Cp. *trabalhra, baralhar*... *alhear* e *aliencar*».

O diccionario de Santos Valente pretende sêr etymologico. Entretanto, grapha a palavra *braza* com *z* e diz que se deriva do germanico *bras*. Si admittisse a origem grega (*brazein*), deveria escrever com *z*. Mas fazer a palavra derivar-se de *bras* e escreve-la com *z* é o cumulo da *exquisitice* philologica para um lexicographo que é etymologista!

Assim, affirmamos alto e bom som que o *Diccionario Contemporaneo* é sufficientemente defeituoso para que sua opinião prevaleça sobre a de Moraes, Vieira, Adolpho Coelho, Candido de Figueiredo, Silva Bastos, Bento Pereira, Constancio, Bluteau, Almeida, Cortesão, Seguier, João de Deus, Cardoso, Barbosa, e outros.

E dizemos que o diccionario conhecido pelo nome de Aulete é um diccionario defeituoso, não somente porque nelle encontrámos mais de duzentos erros, que exporemos em outro trabalho (*O valor dos diccionario*) mas tam-

bem porque é essa a opinião de com petentissimos mestres como os que citámos.

6.º) A GRAPHIA DE NOTAVEIS PHILOLOGOS — Não só os classicos e diccionaristas escreveram Brasil, com *s*. Tambem o fizeram os maiores philologos modernos da lingoa portuguêsa. Citemo-los :

1 — RUY BARBOSA

O egregio cultor da lingoa portuguêsa, considerado um dos mais profundos vernaculistas da actualidade, ou, em nosso pensar, o maior de todos, escreveu *Brasil com s*, conforme se verifica no seguinte topico :

> — Visto como do *Forcellini* aqui nunca se fallou, a edição CHATELAIN do QUICHERAT e o diccionario francês de DARMESTETER são mui posteriores á entrada em circulação deste vocabulo no *BRASIL,* e antes delle ninguem entre nós aventara a existencia de bispo de Hermianum com o seu insignificante exemplo.» — (Replica, Rio, 1904, pg. 172).

Ruy escreveu *Brasil* com *z* nas *Licões de Cousas* (1888) e depois disso sempre escreveu com *s* o vocabulo, tanto no *Consilio e o Papa* como nas *Cartas de Inglaterra* e nos *Discursos e Conferencias.*

2 — ERNESTO RIBEIRO CARNEIRO

O illustre philologo, que constitue uma gloria da Bahia, escreveu Brasil com *s*, conforme se verifica no seguinte periodo:

> —«Com effeito, o artigo e seo paragrapho distinguem dois casos nos casamentos celebrados fóra do Brasil: ou é celebrado fóra do Brasil, não perante agente consular, ou o é perante essa autoridade.» (A Redacção e a Replica do dr. Ruy Barbosa, Bahia, 1905, pg. 673).

Nas *Ligeiras Observações sobre as Emendas do dr. Ruy Barbosa ao projecto do Codigo Civil* (Bahia, 1902, pg. 14) o dr. Carneiro tambem escreveu Baasil com *s*. Escreveu este vocabulo com *z* em 1890 (*Serões Grammaticaes*) e em 1888 (*Grammatica Philosophica*).

Tal como aconteceu ao conselheiro Ruy, o dr. Carneiro abandonou a graphia Brazil com *z* e passou a escrever Brasil com *s*, naturalmente por verificar ser errada a fórma primitiva.

3 — CANDIDO DE FIGUEIREDO

O illustre Candido de Figueiredo, o infatigavel diccionarista e grammatico de nosso fallar, escreveu Brasil com *s* em todas as suas obras, que formam dezenas de volumes. Apanhemos um exemplo:

> —«Da preferencia dessa troca (do *z* por *s*) re-

sultou habituar-se meio publico a escrever *Brazil* com *z*, chegando algumas pessoas illustradas a crer e a defender que é essa a fórma exacta... procurando destruir as razões evidentes, que militam em favor de *Brasil* com *s*. (A orthographia no Brasil, Lisbôa, 1906, pgs. 94 e 95).

4 — GONÇALVEZ VIANA

Gonçalvez Viana, respeitavel luminar da philologia portuguêsa, tambem adoptou a graphia *Brasil* com *s* :

—«Como, nem em Portugal, nem no Brasil, as pessoas que desconhecem as linguas dos indigenas proferem em tais nomes e em tais vocabulos essa vogal particular, é evidente que devemos substitui-la em todos os casos pelo *i* latino, escrevendo *Guarani, Piaui, jaboti* (Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, pg. 87).

5 — JULIO MOREIRA

O notavel glotologo Julio Moreira, uma das grandes autoridades philologicas de Portugal e Brasil, escreve *Brasil* com *s* :

—«No Português popular do Brasil emprega-se a fórma *tem* do verbo *ter* em vez de *ha* como nos seguintes exemplos dos *Cantos populares do Brasil*.» (Estudos da Lingua Portuguêsa, Lisbôa, 1907, pg. 109).

Julio Moreira, em suas primeiras obras, escreveu Brazil com *z*, fórma que desprezou para adoptar com melhor criterio *Brasil* com *s*.

6 — SAID ALI

O notavel professor brasileiro do Collegio Militar, dr. Said Ali, escreveu *Brasil* com *s*, conforme se verifica no seguinte exemplo:

> —«No estudo da collocação dos nossos pronomes pessoaes complementos (não preposicionados) os grammaticos têm gasto muita tinta e inutilisado muita penna, para nos convencerem finalmente de uma só verdade: podem dar as regras que intenderem, no Brasil não se collocam nem jamais se hão de collocar os pronomes do mesmo modo que em Portugal. (Difficuldades da Lingua Portugueza, Rio, 1908, pg. 29).

7 — GUSTAVO DE ANDRADE

Gustavo de Andrade, ex-professor de Português na Escola Normal da Bahia, escreveu uma das melhores grammaticas de nossa lingoa, graphando em suas paginas Brasil com *s*:

> —«O falar brasileiro, pouco cultivado, pela influencia de elemento inculto importado de Portugal para o povoamento deste vastissimo sólo da America do Sul — o incomparavel Brasil.

(Grammatica da Lingua Portugueza, Bahia, 1917, pg. 284).

8 — PEDRO BARBUDA

Pedro Barbuda, lente da lingoa portuguêsa na Escola Normal da Bahia, em seus livros *Estylistica* e *Lingua Portugueza* escreve Brasil com *s*. Apanhemos um exemplo desse illustre professor:

—«Este livro foi feito para documentar o desenvolvimento literario da lingua, em Portugal e no Brasil, é o 5.o da serie que tem por titulo *Lingua Portugueza*» (Chresthomathia de Portugal e do Brasil, Bahia, 1909, pg. V).

9 — HERACLITO GRAÇA

Heraclito Graça, o erudito autor dos *Factos da Linguagem,* escreveu Brasil com *s*:

—«Em todo o caso, senão pelos meus pobres artigos, pelos escriptos de outros brasileiros que vae melhor conhecendo, um facto importante s. ex. verificou: no Brasil, hoje irmão extremoso de Portugal, persevera vivaz o fogo sagrado da lingua materna» (Factos da Linguagem, Rio, 1904,

10 — FILIPPE FRANCO DE SA'

Um dos mais notaveis philologos brasileiros, entretanto tão pouco conhecido, o maranhense Franco de Sá, «um doutissimo linguista», no dizer abalisado de Candido de

Figueiredo, sempre escreveu Brasil com *s*. Tiremos um exemplo de um seu volumoso e optimo livro denominado *A Ligua Portugueza* :

> —«O grammatico brasileiro José Alexandre Passos (*Dicc. Gramm.*) propoz o emprego do accento grave para o som nasal, que no Brasil sempre se pronuncia fechado.» (*A Lingua Portuguesa,* Maranhão, Imprensa Official, 1915, pg. 70).

11 — AFFONSO COSTA

O dr. Affonso Costa é, como Franco de Sá, um dos grandes conhecedores do português, e tambem pouco conhecido, apesar de ser lente do *Gymnasio Pernambucano,* um dos melhores collegios do Brasil. Em seu magnifico livro *Questões Grammaticaes,* impresso pela Imprensa Nacional, escreve elle Brasil com *s* muitas vezes. Eis um exemplo :

> — «Emquanto não nos bafejar a bôa fortuna, de modo que os homens competentes do Brasil e de Portugal acordem, de uma vez, a respeito de taes regras, principios e factos da lingua portugueza...» (Questões Grammaticaes, 1908, Rio, pg. VIII).

12 — OSWALDO VERGARA

O dr. Oswaldo Vergara, cujo pseudonymo é Nuno Alvares, lecciona português na Escola Complementar de

Porto Alegre. E' um abalisado mestre e sempre escreveu Brasil com s. Eis um exemplo:

—«Brasileiro não se escreve com z, mas com s: *barsileiro*. A fórma exacta tradicional de *Brasil* é com *s*. Veio de *brasa*. As outras linguas romanas grapham tambem assim: esp. Brasil; fr. Brésil; ital. Brasile.» (Problemas de Portuguêz, Porto Alegre, 1918, pg. 109).

13 — ALVARO GUERRA

Alvaro Guerra, o doutissimo professor de português, o literato primoroso, escreve *Brasil* com *s*. Aqui vae um exemplo:

—«Como se vê, ainda para os phonetistas a graphia de Brasil com *s* é a mais acceitavel!

Parece-me, pois, que, encarada a questão scientifica sob todos os aspectos, já não ha que hesitar sobre a preferencia de tal graphia. Por isso, discutil-a, propagal-a, estabelecel-a será, philologicamente, um acto de patriotismo.» (LEITURAS BRASILEIRAS, S. Paulo, 1910, pg. 96).

14 — OTHONIEL MOTTA

Othoniel Motta, lente de português do Gymnasio de Campinas (S. Paulo), auctor de varias obras philologicas de muito valor, escreve Brasil com *s*:

—«DO, partitivo portuguez, correspondente ao

francez DU : *manger du pain.* Está archaizado no Brasil, porém não em Portugal.» (Lições de Portuguez, Campinas, 1915, pg. 299).

15 — LEITE DE VASCONCELLOS

Leite de Vasconcellos, notavel philologo português, que defendeu these, brilhantemente, na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) para obter o titulo de doutor em lettras, e que é auctor de 14 obras philologicas, escreve Brasil com *s* :

—«Sobre o português falado no Brasil, pode-se colher muito em toda a literatura brasileira.» (Contribuições para o estudo da dialectologia portuguêsa, 1884-1899, Lisboa, n. 18, fasc. I).

16 — CARLOS DE LAET e FAUSTO BARRETO

Fausto Barreto, profundo conhecedor do português, e Carlos de Laet, philologo de fama nacional, lente e director do Collegio Pedro II, o mais importante estabelecimento de ensino secundario do Brasil, escrevem Brasil com *s* :

—«Em 1847 partiu para a Europa como addido á legação brasileira em Londres. Não lhe sendo favoravel o clima, deliberou regressar ao Brasil, mas em meio da viagem falleceu na cidade de Lisboa, em fins de 1848.» (Anthologia Nacional, Rio, 1915, pg. 35, artigo sobre Luis Carlos Martins Penna).

A Anthologia apresenta, nos artigos biographicos dos auctores Carlos de Laet e Fausto Barreto, 22 vezes a palavra Brasil com *s* e apenas duas vezes com *z*, por descuido do revisor ou do typographo. A verdade é que Carlos de Laei escreve *Brasil* com *s*. Em seus magistraes artigos no *Paiz* (jornal que então adoptava a graphia *Brazil* com *z*, tanto no cabeçalho, como em artigos da redacção) apparece sempre *BRASIL* com *S*. Alguns exemplos:

—«Se aos srs. positivistas se concedera formarem um Brasil pelos moldes contistas... Nem deve o Brasil continuar como é, gigantesco em sua unidade, mas urge espatifa-lo em muitissimas republiquetas positivistas. Se em dezesete a França, em quantas o seria o nosso Brasil?... Escrevo para brasileiros...» (*Paiz*, 22 de Junho de 1910, 1.a pagina, 2.a columna).

—«Que juizo se formará do Brasil?» (*Paiz*, 27 Julho de 1910, 1.a pagina, 1.a columna).

—«Pedro I do Brasil... A cujos nomes deviam ter recorrido os Brasileiros... O que grassa no Brasil é a epidemia das duplicatas... Mas no Brasil é regra.» (*Paiz*, 2 de agosto de 1910, 1.a pagina, 1.a e 2.a columnas).

17 — JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro, o grande mestre, escreveu e aconselhou a graphia Brasil com *z* na Selecta Classica, edição de 1905,

nota n. 60. Nos estudos philologicos, edicção de 1902, escreveu Brasil com *z* quatro vezes: com *s*, tambem quatro; brazileiro com *z*, treze vezes e com *s* doze vezes. Em sua *Historia do Brasil* edição de 1909, escreveu somente Brasil com *s*, a principiar do titulo da obra. Eis um exemplo do texto:

> —«No dizer de Humboldt, o nome *Brasil* emigrou de Sumatra, gastando nesse percurso quase mil annos.» (Historia do Brasil, ed. de 1909, pg. 41).

No *Compendio de Historia da Literatura Brasileira*, publicado em 1906, tambem só se lê Brasil com *s*. Na *Selecta Classica*, 1905, em nota n. 60, da pg. 38, diz: «Não ha razão para preferir-se o emprego do *s* (na palavra Brasil) quando é cousa mais simples e egualmente aectorizada o emprego do z.»

Na *Grammatica Portugueza*, edicção de 1889, curso superior, pg. 939, escreve tratando dos suffixos: *Ense, ês* —(lat. *ensi*) — de *Milão, milanês*; de *Brasil, brasiliense*. E na *Traducção* dos *Autores Contemporaneos* ed. 1901, pgs. XIII e XIV, não só emprega *Brasil* com s, como tambem opina: «O emprego indifferente do *s* ou do *z* na palavra *BRAZIL* ou *BRASIL* (*orthographia que tem a seu favor os antigos e a maior parte das linguas estrangeiras*».

Concluimos, pois, que succedeu a João Ribeiro o mesmo que a Ruy, Carneiro e outros: desprezou o *z* e adoptou o *s* na palavra *Brasil*.

18 — EDUARDO CARLOS PEREIRA

Eduardo Pereira, um dos maiores philologos modernos, em sua explendida Grammatica Expositiva, 7.a edição (1918), na pg. 264, escreve Brasil com *s*:

—«Brasileirismo são termos e phrases peculiares ao portuguez no Brasil.»

19 — SILVIO DE ALMEIDA

20 — MELLO CARVALHO

O dr. A. de Araujo Mello Carvalho, um dos mais respeitados conhecedores de nosso idioma, não só escreve Brasil com *s* como aconselha francamente essa graphia:

> —«Deixemos que os propagandistas de erronias continuem na sua faina ingloria de pregoar Brasil com z baseados em autoridades de caixões de mercadorias, fachadas, e reposteiros de repartições, jornaes cacographicos e auctoridades de igual farelo: não offendem a ninguem; ninguem os tomará a serio.»

(Revista Americana, Rio, anno I, numero 6, Março de 1910, pg. 430).

21 — CARLOS GOES

Carlos Goes, escriptor de renome, philologo conceituado, auctor de verdadeiras joias da nossa litteratura, lente de Português no *Gymnasio Mineiro*, de Bello Horizonte, escreve Brasil com *s*.

22 — AMERICO DE MOURA

Americo de Moura, illustrado cathedratico de Português da Escola Normal da Capital de São Paulo, escreve Brasil com *s*:

23 — SILVA RAMOS

O dr. Silva Ramos, lente de Português no Gymnasio Nacional do Rio escreve Brasil com *s*:

24 — BASILIO DE MAGALHÃES

O philologo e historiador Basilio de Magalhães, cujas lições luminosas tivemos a ventura de ouvir em nossa meninice, escreve Brasil com *s*.

> —«Ortographamos com *s* o termo Brasil, em virtude não só de sua etymologia do sanskrito bradshita, como tambem por ser essa graphia empregada por todas ou quasi todas as linguas occidentaes» (Hist. do Brasil, pg. 43).

7.°) OS GRAMMATICOS — As mais antigas grammatica portuguêsas são as de Fernão de Oliveira e João de Barros. Pois João de Barros escrevia Brasil com *s* conforme se infere do seguinte exemplo que colhemos:

> —«Bem como os Gregos em Roma aviã por barbaros todalas outras nações estranhas a elles, por nã poderem formar sua linguagê: assim nós

podemos dizer que as de Africa, Guiné, Asia, Brasil, barbarizam quando querem imitar a nossa.» (Grammatica da lingoa portuguêsa. 1540, *principio*), e tambem Fernão de Oliveira:

—«Vemos em Africa, Guiné, Brasil, não amarê muitos os portuguêses... (Grammatica de lingoagem portuguêsa, ed. de 1536, pag. 20).

A mais recente grammatica portuguêsa é a publicada em 1917, escripta pelo professor bahiano Gustavo de Andrade. Nella se lê muitas vezes, Brasil com *s*:

— «importado de Portugal para o povoamento deste vastissimo sólo da America do Sul — o incomparavel Brasil» (Gram., 1917, Bahia, pg. 284).

As mais notaveis grammaticas modernas são as de João Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira e Candido de Figueiredo.

As tres adoptam a graphia Brasil com *s*.

8.º) A GRAPHIA DOS CLASSICOS.

Os mais antigos grammaticos da lingoa portuguêsa são Fernam de Oliveira, João de Barros, Pero de Magalhães Gandavo, Duarte Nunes e Argote. Vejamos como elles escreviam a palavra *Brasil*.

1 — FERNAM DE OLIVEIRA, que foi o autor da primeira grammatica da lingoa portuguêsa, graphava Brasil com *s*. Eis a prova:

—«*Vemos em Africa, Guiné, BRASIL e India não amarê muitos os Portuguêses q'antrelles nacem, só polla differença da lingoa: e os de lá nacidos querê bem a os seus Portugueses e chamanlhes seus, porquê falão assim como elles*» (*Fernam de Oliveira,* Grammatica de linguagem portuguêsa, edição de 1536, pg. 20, e pagina 16 na segunda edição).

NOTA — Na 1.a e 2.a edição a palavra Brasil é graphada com *s*. Só existem essas duas edições.

2 — JOÃO DE BARROS, grammatico e historiador, tambem escrevia Brasil com *s*. Encontra-se a prova em sua grammatica (1540) e em suas *Decadas* (1552):

—«*Bem como os gregos em Roma aviã por barbaros todalas outras nações estranhas a elles, por nam poderem formar sua lingoagê: assi nós podemos dizer que as nações de Africa, Guiné, Asia, BRASIL, barbarizam quando querem imitar a nossa.*» (*João de Barros,* Grammatica da lingoa portuguêsa, edição de 1540, pg. 60 e pg. 161 — 162, da de 1785 — (Copilação de varias obras).

NOTA — Na 1.a e 2.a edição só se encontra Brasil com *s*. O mesmo João de Barros, cujo valor classico é notorio, escreve nas *Decadas*, 1.a edição (1550):

«Porem, como o demonio, por o signal da Cruz perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante

> a paixão de Christo Jesu consumada nella: tanto que daquella terra começou de vir o páo vermelho chamado BRASIL, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um Páo que tinge pannos, que daquelle páo que deu tintura a todos porque somos salvos por o sangue de Christo Jesu, que nelle foi derramado. E, pois que em outra cousa nesta parte me não posso vingar do demonio, amoesto da parte da Cruz de Christo Jesu a todos que este logar levem, que deem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena da mesma Cruz que vos ha de ser mostrada no dia final os acusar de mais devotos do páo BRASIL que della». *(Primeira Decada,* 2.o livro, capitulo V, pagina 56).
>
> E na pagina 55: «... a grande terra a que commumente chamamos BRASIL...»

João Ribeiro, em sua Selecta Classica, transcreve este passo, graphando inexplicavelmente Brazil com *z*. Carlos de Laet transcreve-o com *s*, e assim o Dr. Assis Brasil. Fieis, na copia, foram Laet e Assis Brasil, pois na edição original se encontra *Brasil* com *s*.

3) — DUARTE NUNES DE LIÃO, chronista e grammatico, publicou a *Orthographia da lingua portuguesa* (ed.

de 1566) e a *Origem da lingua portuguesa* (ed. de 1606). Ahi se encontra a palavra brasil com *s*.

4) — D. JERONIMO CONTATOR DE ARGOTE, um dos grammaticos que fizeram nome nos primeiros dois seculos após o descobrimento do Brasil, em seo interessante livro — *Regras da lingoa portuguesa*, refere-se ao Brasil, e grapha este vocabulo com *s*:

> — «*Ha os dialectos ultramarinos e conquistas de Portugal, como India, Brasil... os quaes tem muitos termos das lingoas barbaras, e muitos vocabulos de português antigo*». (*Argote,* Regras da lingoa portuguesa, 1.a edição de 1721, pg. 390, e 2.a edição, de 1725, pg. 300).

O mesmo fizeram Amaro de Roboredo em seo *Methodo Grammatical* (1619) e Pero de Magalhães Gandavo (Arte de escrever, 1574).

Por ahi se vê que os grammaticos da lingoa portuguêsa nos seculos XVI, XVII e XVIII (desde o anno de 1500 até o seculo XVIII) somente escreviam Brasil com *s*.

E os diccionaristas?

O primeiro vocabulario que appareceu foi o de Jeronymo Cardoso: *Dictionarium Latino-Lusitanicum et vice-versa,* edição de 1570. Em seguida surgiu Agostinho Barbosa com o seo *Dictionarium Lusitanico-Latinum,* edição de 1611, mais copioso que o de Jeronymo Cardoso.

Depois o de Bento Pereira — *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta* (1665). Completando as lacunas das obras de Cardoso, Barbosa e Pereira, veio o *Vocabularium* de Bluteau, em 1710. Pois bem. Em todos esses diccionarios, que são os unicos da lingoa, desde 1500 até 1710, somente se encontra a palavra *Brasil*, escripta com *s*.

O mais notavel professor português do seculo XVI foi o doutor Diogo de Gouvêa. Tão erudito e afamado era este homem que Francisco I de França o convidou para leccionar no Collegio de Santa Barbara, em Paris. Pois bem. Em escripto seo, que se encontra no Archivo de Lisbôa, Corpo Chronologico, prateleira 1.a, maço 60, 119), com a data de 17 de fevereiro de 1535, ha o seguinte topico, onde se lê a palavra *Brasil*, com *s*.

> — «*Vierom os bretões que estavã no BRASIL que trouxe Juã Jaques sobre os quaes fora lá o antigo Rei darmas o ano dantes. Dissevos sôr mã de V. A· estes homês em hũ navio presos a el-Rei de França e que lá os apresente* ...»

A primeira historia do Brasil que se publicou foi a de Pero de Magalhães Gandavo em 1576. Ahi se vê Brasil com *s* (Historia da Provincia de Santa Cruz, edição de 1576 e no proprio manuscripto, conforme verificamos):

> —« ... *ao qual chamavã BRASIL por vermelho, e ter semelhãça de brasa, e daquy ficou a terra cõ este nome de BRASIL.*»

Depois appareceu a de frei Vicente do Salvador, escripta em 1627. Ahi vem este passo, onde se lê varias vezes *brasil* com *s*.

> —«... e por este nome foi (a terra) conhecida por muitos annos: porem, como o Demonio com o signal da Cruz perdeo todo o dominio, que tinha sobre os homens, receando perder o muito que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de BRASIL, por causa de hum páo assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem pannos, que o divino páo, que deo tinta e virtude a todos os sacramentos da Egreja, e sobre que ella foi edificada, e ficou tão firme e bem fundada, como sabemos, e por ventura, por isto ainda que ao nome de BRASIL ajuntarão o de Estado, e lhe chamão Estado do BRASIL, ficou elle tão pouco estavel, que com não haver cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, já se ham despovoados alguns logares, e sendo a terra tam grande, e fertil, como ao adeante veremos, nem por isso vae em augmento, antes em diminuição».

O visconde de Taunay transcreve o mesmo periodo, porêm grapha *Brazil* com *z*, graphia essa que se não encontra no texto de frei Salvador.

Mas não somente esses dois historiadores escreveram *Brasil* com *s*. Ainda encontramos essa graphia *s* nos seguintes mestres, que brilharam nas chronicas de nossa terra desde o seculo XVI até o XVIII:

1) GABRIEL SOARES (O Roteiro, anno de 1572 pag. 155):

> — Antes de passarmos avante, convem que declaremos a natural extranheza da agoa da mandioca que ella de si deita quando se expremem depois de ralada, porque é a mais terrivel peçonha que ha nas partes do BRASIL».

2) FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA (Historia do Descobrimento e Conquista da India, anno de 1554, livro I, pg. 64, LXIIIJ).

3) FERNÃO CARDIM (Do Principio e Origem das Indias do Brasil, 1.a ed., pg. ...)

4) JERONYMO OSORIO (Vida de D. Manoel, 15..., e na edição de Filinto Elysio).

5) GASPAR CORREA (Lendas da India, ed. da Academia, vol. I, pg. 152)

6) SIMÃO DE VASCONCELLOS (Noticias do Brasil, Chronica da Companhia, pg. 193):

> — »*Val o mesmo na lingoa dos Brasis*»

7) ANTONIO DE CASTILHO, o antigo (Elogio del-Rey Dom João III, in-Severim de Faria — NOTICIAS DE PORTUGAL, 1655)

— «Em seo tempo, D. João III repartiu o Estado de Santa Cruz, chamado vulgarmente Brasil, que Pedro Alvares Cabral levado á força dos ventos descobrira nas primeiras praias do Mundo novo».

João Ribeiro transcreve este trecho, escrevendo Brazil com *z*, quando no original se acha com *s*.

Os mais notaveis padres dos seculos XVI, XVII e XVIII escreviam Brasil com *s*. Exemplos:

1) Do padre JOSÉ DE ANCHIETA (Arte da Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil)

2) Do padre MANOEL DA NOBREGA (Cartas do Brasil de 1549-1560):

— «... *e destes lovou alguns a Villaganhão que era o que fizera aquella fortaleza, e se intitulou Rei do Brasil*» (Carta de S. Vicente, de 1 de Junho de 1560, pg. 156)

3) Do padre SAMUEL USQUE (Consolaçam das tribulações de Israel, edição de 1553, pg. 50, v.):

— «,.. *vy com forme da côr dos Brasis vossa péle.*»

4) Do padre MANOEL BERNARDES (Nova Floresta, edição primeira, 1706, vol. 1, pg. 179):

— ... *do Brasil* os Sauguins para manguitos e os Coquilhos para Contas.»

5) Do padre ANTONIO VIEIRA (Historia do Futuro, pg. 261, a primeira edição de 1718):

— ... *o páo BRASIL, o violête, o ebano, a canella, o cravo e a pimenta* que nellas nascem».

O mesmo padre. em suas cartas (tomo II, primeira edição) escreve:

— «*O padre Francisco Gonçalves, provincial* que *acabou de ser da provincia do Brasil, foi em missão do rio dos Amazonas e rio Negro.*»

E nos *Sermões*, edição original (1679), tambem se vê *Brasil* com *s*.

Si os grammaticos, os diccionaristas, os professores, os historiadores, os grandes oradores escreviam Brasil com *s* nos seculos XVI, XVII e XVIII, por que não o escrevermos agora? As edições recentes estão deturpadas. Querem um exemplo? Camões.

Luis de Camões escreveu Brasl com *s*. É o que se vê na primeira, segunda e terceira edição dos Lusiadas:

— «*Das mãos de teo Estevão vem tomar*
As redeas, hum que já fôra illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francês ao mar usado.»

(Luziadas, edição de 1572, canto X, est. LXIII, pag. 171).

Entretanto, nas edições de Theophilo Braga (1881) e Adolfo Coelho (1880) e outras apparece *Brazil* com *z*, cousa que Camões não escreveu.

As edições de Lencastre, Epiphánio e Motta trazem com exactidão (conforme a primeira edição) *Brasil* com *s*.

Ao exposto, é preciso que accrescentemos mais o seguinte: os mappas do seculo de Cabral trazem *Brasil* escripto com *s*. No primeiro mappa em que surge a palavra *Brasil*, esta é graphada com s. Veja-se a lista dos mappas que demos nas paginas 55 e 56 deste estudo.

Agora, um argumento ainda: a graphia official no seculo do descobrimento era *Brasil* com *s*. Exige-se uma prova? Ei-la:

> — «*E passando a peyta de cruzado ou sua valia alem das sobreditas penas, he condemnado a perpetuo degredo para o Brasil.*

(Ordenações da Reyno, livro V, titulo 71 § 2.º, edição de 1520).

ANALYSE E CRITICA DAS DIVERSAS HYPOTHESES

PRIMEIRA HYPOTHESE: *Brasil origina-se de Brasa* (Ducange.)

A primeiro livro que appareceu sobre nossa terra foi o de Pero Magalhães Gandavo *(Historia da Provincia de de Santa Cruz)*, impresso em 1576. Ahi se expende, pela primeira vez, a hypothese tão vulgarizada hoje: *o etymo do brasil é brasa.* Disse Gandavo, no fim do capitulo I:

> — «*Por onde nam parece razam que lhe neguemos este nome* (*Santa Cruz*), *nem que nos esqueçamos delle tam individamente por outro que lhe deo o vulgo mal considerado, despois que o páo da tinta começou de vir a estes Reynos; ao qual* (*páo*) *chamaram brasil por vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com*

este nome de Brasil» (Hist. de Santa Cruz, ed. original.)

Ensinava, pois, o historiographo Pero Gandavo que, havendo na terra de Santa Cruz um páo da côr da brasa, productor de tinta vermelha, os homens, por analogia, chamaram a esse páo vermelho de páo brasil, nome que se estendeu á terra de Santa Cruz, em consequencia da ignorancia do vulgo e do espirito do diabo o qual, diz o chronista, «tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria de Santa Cruz e desterralla dos homens.»

Tal ensinamento correu mundo e embora se verificasse ser a palavra *brasil* muito mais antiga do que o descobrimento da America, prevaleceu a crença de que *brasil* era derivado do portuguez *brasa* (*bras* + *il*).

Charles Dufresne, sieur Du-Cange, em 1678, reconhecendo que a palavra é antiga, suggere, contudo, a hypothese de Gandavo:

— « Brasile... — lignum, vel coccum infectorum, color ruber,... — est arbor quaedum et cujus succo optimus, fit color rubens. Medulla hujus arboris non est bona pictoribus, sed tinctoribus pannorum & scriptoribus, ex quo faciunt roseta charta an 1193, apud Murator tom. 2 ant. ital. med. aev. col· 894... — ordinatum fuerat quod venderuntur

panni... — tincti mala tinctura, & specialiter... — bresillo, quae gallico nomine in Bresile nuncupatur... — Non ergo a Brasilia vastissima regione hujus appelationis, quae ab anno 1500, tantummodo cognita est brasilis nomen habemus; quod illi potius inditum videtur, quod ejusmodi ligno rubro abundaret. Unde antem hujus vocis origo? Forte a brasa, quia carbonum candentium colorem refert. (Glossarium ad seriptores mediae et infinae latinitatis, 1678. vol. I, voc. Brasile.)

Pergunta o mestre:

— «Unde autem hujus vocis origo?»

E elle mesmo responde:

— «Forte a brasa, quia carbonum candentium colorem refert».

Sem melhor estudo, perfilharam tal hypothese notaveis lexicographos de varios paises, taes como Adolfo Coelho (em português), Roque Barcia (em espanhol), Crusca (em italiano), Littré (em francês) e Webster (em inglês). Dizem elles:

— «Brasil... deriva a palavra de brasa, sendo o nome dado ao páo, por causa de sua cor vermelha». (Adolfo Coelho, Diccionario Etymologico, pg. 260).

— «Brasil...... recebió este nombre por su semejanza respecto de la brasa». (Roque Barcia, Pri-

mer Diccionario General de la lengua española, vol. I, pg. 635, Madrid - 1881).

— «*Brasil (Midle English brasil)... perhaps from Spanian or Portuguese brasa, a live coal*». (Webster. International Dictionary of the English Language, vol. I, pg. 270, ed. de 1911)

Ahi está o que disseram os notaveis mestres do portugues, espanhol, frances, ingles. Em italiano, vimos a mesma hypothese. Perfilhou-a o *Vocabulario della Crusca* (Venesa, 1763).

Esta hypothese, embora acceita por mestres tão notaveis, não resiste á analyse historica da lingoa.

Diz João Ribeiro que as primeiras manifestações da litteratura portuguesa começam em 1200 (Selecta Classica, 1914, pg. XII.) Ora, antes de 1200 já existia a palavra brasil, e escripta com *s*:

— «........ *teinctes in bresil*» (*Percevale le Galois*, romance de Christien de Troyes, anno de 1160.)

Nas collectaneas de documentos antigos da Europa, organizadas pelo espanhol Montpallau, pelo italiano Muratori e pelos francêses Banchero e Renaudot, cujas obras já citamos na pg. 59 deste escorço, vem varios documentos com a palavra brasil (com s). Entre outros, os seguintes:

1) — «... *kerka bersil*» (carga de brasil) —

Documento da alfandega de Saint-Ymer-Flandies, do anno de 1085.

2) — «... *quintall di brasill* ». Documento catalão do anno 1065.»

3) « *brasile silvaticum* ». — Documento genovês do anno 1150.

4) «... *cargua muar de brasile* » — Documento flamengo, do anno 1163.»

5) «... *cargua de brasile.* » — Documento de Ferrara, do anno de 1193.

Assim, vemos o vocabulo brasil inscripto em documentos anteriores ao nascimento da lingoa portuguêsa, da propria nacionalidade portuguêsa, inexistente no seculo XI. E si a palavra era corrente antes da formação do português, como se dizer que ella vem de uma palavra portuguêsa? Si não existia a lingoa portuguêsa, si não existia a nacionalidade portuguêsa, como se dizer que brasil vem do português *brasa*? E' certamente uma hypothese absurda.

O estudante da historia iberica verificará que a penisula da Iberia esteve sob o dominio dos germanicos e depois sob o dos arabes. Ora, os germanicos e os arabes naturalmente enriqueceram o vocabulario da terra conquistada. Os germanicos tinham o substantivo *bras*, que, no antigo alto alemão, quer dizer *fogo*. Os arabes tinham as palavras *vars*, nome de um vento suave e tambem de uma

planta amarella. Os romanos não tinham vocabulo parecido com brasil, e designavam a brasa por *pruna* ou *carbo in candans*. Os selticos possuiam o termo *breasail*, significando *principe*. Não seria, pois, mais facil de procurar a origem numa dessas lingoas?

Dessas tres palavras *bras* (germanico), *vars* (arabe) e *breasail* (seltico), qual a que mais se approxima de *brasil*, pela forma e pela idéa comparativa?

Do arabe *vars* não póde ser oriunda a palavra *brasil*, porque os arabes tinham o vocabulo *bakkam* para dizer o páo vermelho como brasa (páo brasil). E nos documentos arabes dos seculos IX, X e XI vem mencionado esse páo com o nome citado (bakkam ou *triambakkam*). E' o que se póde vêr, por exemplo, nos tratados de geographia e commercio (encyclopedias arabes) de Ibn Hankal (anno de 920) e Edrisi (anno de 1150). *Bakkam* é corruptela de *bha-khaan* (o que é vermelho, cousa da cor do fogo). E a palavra *triam*, anteposta ao termo *bakkam*, exprime exactamente a expressão — *páo vermelho como fogo*. Si os arabes já tinham um nome para exprimir o páo-brasil, por elles introduzido no commercio europeo, não é curial que, si os lusitanos não criassem ou não tivessem já uma palavra para exprimir esse páo, acceitassem a palavra arabe bakkam? Si *bakkam*, exprimindo o *páo brasil*, não se introduziu no vocabulario da penninsula iberica, é claro que foi porque já existia ahi uma palavra correspondente. Antes do secu-

lo VIII o páo brasil era desconhecido na Europa. O commercio dessa mercadoria começou justamente numa occasião em que dominavam na penninsula iberica os germanicos.

Estes tinham o vocabulo *bras*, fogo, de uso vulgarissimo. Os arabes revellavam aos europeos um páo bom para a tinturaria, páo que tinha cór de fogo e a que os sarracenos chamavam páo da côr do fogo (*triam-bakkam*) ou simplesmente *bakkam* (afogueado, cousa vermelha).

Não seria razoavel que os europeos traduzissem ao pé da lettra a palavra arabe, dando ao páo a mesma denominação, porém em sua lingoa? Os germanicos, nessa epoca, não dominavam somente Portugal. Dominavam a Espanha, a Italia, a França, etc. Não seria natural que addicionassem ao substantivo *bras* o suffixo *ili* do (latim barbaro) designativo de qualidade? Compare-se, por exemplo, os substantivos *tamboril* (tambor + il), *pernil* (perna + il) *quadril* (quadra + il), *jovenil* (joven+il), *mulheril* (mulher + il), *febril* (febre + il), *projectil* (projecto + il). Pois não se teria formado tambem *brasil*, de BRAS, que quer dizer fogo, e IL que dá idéa de qualidade, predicado, atributo?

Quanto ao seltico *breasail*, está fóra de combate. E' claro que existindo no germanico o substantivo *bras*, significando fogo, e no seltico a palavra *breasail*, exprimindo *o principe*, que nenhuma analogia tem com o fogo, não iremos deixar a primeira para acceitar a segunda, na designação de

um páo que tem uma das qualidades do fogo — *o ser vermelho.*

Contestamos, pois, a opinião daquelles que dizem que *brasil* vem do português *brasa.* Antes do nascimento da lingoa portuguêsa e espanhola, ja existia o vocabulo brasil, criado pelos germanicos, para traduzir litteralmente o vocabulo arabe *bakkam,* significando um pao vermelho como fogo.

E' o cumulo do absurdo dizermos que a palavra brasil vem do português *brasa.* Pois a lingoa portuguêsa não nasceu em 1200, mais ou menos ? Pois a nacionalidade portuguêsa não foi criada no seculo XII ? Pois não encontramos o vocabulo escripto, na Europa, seculos antes da formação de nosso idioma e do g lorioso Portugal ? Então, tal ensinamento não é absurdo?

Posto em voga por um historiador, em 1576, facilmente apadrinhado por notabilidades como Du-Cange, Crusca, Littré, Garcia, Webster, Constancio, Adolfo Coelho e modernos philologos como o notavel professor Alvaro Guerra, e outros, o etymo *brasa,* como gerador de *brasil,* supportou durante 4 seculos a analyse arguta dos etymologistas.

Mas acreditamos que, pela primeira vez, recebe agora um golpe mortal, com a verdade clara e irrecusavel que resulta de nossa argumentação. E' o que pretendemos provar nas paginas do livro que ora surge aos olhos curiosos do publico ledor.

A SEGUNDA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do tupi BIRACIR* (Bernardino Ferraz).

Em 1896 um philologo paulista, o prof. Bernardino Ferraz de Campos, publicou no jornal "O Municipio" (18 de abril de 1896, e numeros seguintes) uma serie de artigos, tentando demonstrar que o nome Brasil se deriva do tupi ibira-ciri (de *ibira*, páo; e *ciri*, arrepiado). E assim como quem faz do latim *illum* o português *o* (*illum* = *lum* = *lo* = *o*) o professor, seguindo a mesma gymnastica deductiva, apresentava a seguinte transformação:

IBIRA — CIRI = BIRACIRI = BIRACIR = BRACIR = BRASIL.

O douto tupicista tomava por base de seo estudo curioso a significação do latim *echinata*, pois se chamara o páo brasil de *cesalpinea echinata*. E essa palavra sendo identica em sentido a *ciri*, o mestre enveredou por esse lado. *Ciri* quer dizer arrepiado, *echinata* tambem, logo...

Mas, vejamos a argumentação do illustre mestre. Sua hypothese póde ser resumida nas seguintes proposições:

1.º «Os aboriginas brasilenses chamavam o seo terri-

torio de *Ibira-ciri*, que era o nome de um páo vermelho existente no pais».

2.º »Os antecessores de Cabral, no conhecimento do Brasil, transportavam para a Europa o páo-vermelho com o nome de *brasil*, corruptela do tupico *ibira-ciri*, e deram o nome do páo á terra que o produzia.»

3.º «Pedro Alvares Cabral, quando aqui esteve (1500), assignalou com o nome da Cruz esta parte do novo mundo ; mas o nome sagrado não prevaleceu porque havia outro pelo qual os europeos, que o antecederam na descoberta, já a haviam assignalado»

4.º «Já em 1494 Bartholomeo Colombo transportava da America para a Europa grande quantidade da preciosa madeira de tinta com o nome de *Brasil*.»

5.º «O primeiro carregamento de *brasil* que Portugal recebeu foi levado por Christovam Jacques (1504) com a denominação de *Ibirapiranga*, da região de Pernambuco. Por aqui se vê que o nome *brasil* ainda não era conhecido pelos portuguêses, e foi por isso que elles se capacitaram de que haviam descoberto um mundo novo».

Encontramos nessas affirmações um erro triplice : *socio-linguo-historico*.

O ERRO DE SOCIOLOGIA — Os selvicolas pertenciam ao *estado theologico*, época do fetichismo, achando-se, portanto, no 2.º *degráo social*.

Astrolatras, pertecentes á edade neolithica, preparavam-se naturalmente para transpôr o humbral do *polytheismo.*

No sabio dizer de Basilio de Magalhães (1) nós só devemos á synthese inicial, ao feitichismo, a alliança do homem com o animal, e sabemos que elles (os selvicolas brasilenses) já tinham a previsão como synonimo de prophecia, e que foi na phase feitichica que appareceu o egoismo nacional, não a noção abstracta de patria, mas o regionalismo, que é o estado mais rudimentar do patriotismo.

Dahi resulta a impossibilidade, ou melhor a improbalidade, de nossos selvicolas, que eram feitichistas, baptisarem o seu pais, habitado por centenares de tribus differentes, sob o ponto de vista ethnographico, com o nome de uma arvore, menosprezada por elles, porque desconheciam a sua applicação na tinturaria.

A tinta vermelha utilizada pelos selvicolas era o *urucú*, produzido pela planta do mesmo nome *(Bixa Orellana)*. O páo-brasil, que elles chamavam *ibira-pitanga* (páo-vermelho) e jamais *ibirá-ciri* (páo-eriçado), não poderia servir de nome á vasta região brasilense, porque não exercia influencia alguma na vida dos póvos que a habitavam.

E' verdade conhecida na sociologia que as nações se baptisam com nomes que representam qualquer facto culminante no desdobrar de seo progresso ou nas contingen-

(1) "Diario Popular,, 15 de abril de 1896.

cias de sua historia. Eis ahi porque vimos, por exemplo, a Illyria transformar-se em Austria, pela invasão dos sulistas da Europa; a Gallia em França pela migração dos francos do occidente germanico; a Britannia em Inglaterra (Angland) pela invasão dos anglos do norte saxonico; a Lusitania em Portugal, pela energia do condado de *Portucalo,* a Nova Espanha em America pelo prestigio do navegante florentino Americo Vespucio; a Terra de Vera Cruz em Brasil, pela exportação da preciosa madeira vermelha. E si a India (1) tirou o seo nome de um rio; a Argentina, de um metal (2); o Perú, de um animal (3); Roma, de um bandido (4); a Europa, de um vento (5); tambem é naturalissimo que a nossa patria se baptisasse com o nome do páo precioso que exerceu papel preponderante na vida commercial dos seos primeiros dominadores, provindos da Europa.

O nome que os selvicolas deram ao país jamais foi *Ibira-ciri* (páo-eriçado) e sim *Pindorama* (contrac. de *pindó-retama,* o país das palmeiras). As palmeiras, sim, representavam papel importantissimo na vida dos selvagens; dellas elles aproveitavam a folha, o fructo, o tronco e a raiz

---

(1) "Rio Indus,,.

(2) Prata, em latim argentus.

(3) Terra do Perú, porque os bandos de llamas, de longe, pareciam bandos de perús.

(4) "Romolus", bandido da Italia antiga.

(5) O vento "Eurus", donde a ficção da "Europa", na mythologia.

em applicações quotidianas. Ellas povoavam, aos milhões, o littoral brasilense. A palmeira, no mytho dos selvicolas, era citada respeitosamente. E' nella, por exemplo, que vemos o respeitavel *Tamandaré*, o Noé do Brasil pre-cabralino, deslisar soberanameete acima da immensidão das agoas. E era entre as ramagens das palmeiras que surgiam os duendes da mythologia brasilense.

Haveria muito maior probalidade dos aborigenas do Brasil baptisarem o seu país com o nome de uma das muitas myrtaceas que elles conheciam e empregavam, do que com o de uma cesalpinacea, como o páo-brasil, que nenhum valor tinha para elles.

O ERRO DE LINGOAGEM — Nunca os selvicolas brasilenses chamaram o *páo brasil de ibira-ciri* (1) e sim *ibira-pitanga* (tupi) ou *ivira-pintan* (guaraní), significando *pao-vermelho.*

Quem estudar o vocabulario brasilense verificará a existencia, aliás explicavel *physiologicamente*, de *imira* e *imbira*,

(1) Geralmente grapham as palavras dos selvicolas com y. Não partilhámos desse uso, muito embora o "i" dessas palavras tupi e guarani não tenha equivalencia no "i" do português. Tampouco a tem no y grego, que não deve ser enxertado no vocabulario guarani e tupi. O som que representamos simplesmente por "i" é um som gutturo-linguodental que só encontra equivalente no tartarico e chines.

variantes dialectaes de *ibira* e *ivira*. Assim, *ibira* e *ivira*, significam apenas o *páo* ou *madeira*, isto é, a *arvore sem vida, sem folhagem, sem copa*. Para designar *arvore*, na sua ampla accepção, isto é, o *vegetal vivente*, os *tupicos* diziam *ibiraracanga* e os guaranicos *ivirarancan*, ambas as palavras significando litteralmente páo com cabeça.

Acresce ainda que no tupi e no guarani a traducção de eriçado ou arrepiado (*cirica*, no tupi e *ciri* no guarani) constituem vocabulos barytonos ou oxytonos, e os mestres, como Theodoro Sampaio, João Mendes, Couto de Magalhães, padre Montoya, Basilio de Magalhães e outros, ensinam que, nas palavras do tupi e do guarani, jamais se verifica a apherese do i (*y*) inicial e a apocope do *i* final, com deslocação do accento.

Basilio de Magalhães, cujos ensinamentos são preciosissimos, diz que, si se applicar as leis de transição da lingoagem, tão bem estudadas já, a despeito dos grammaticographos metaphysicos, se verá que ficamos na impossibilidade de apresentarmos um só exemplo que confirme, no tupi ou no guarani, a existencia da apherese ou da apocope.

O prof. Ferraz, a quem Basilio Magalhães chama de notavel, digno e estudioso, esqueceu-se, ao formular a sua hypothese, de que *ciri* não é vocabulo tupi, nem mesmo guarani. Eriçado ou arrepiado era *cirica* no norte do Brasil. E para justificar a asserção diz que somente no sul

é o *i* (*y*) indispensavel, pois em o norte é elle elliminado pela apherese. E cita como exemplos *burucanga, birakitam, brajacuba*, e *brajocara*. Não foram felizes esses exemplos, porque são analogicos: *buracanga* tem a *n* radical, não podendo, porisso, ser referido á *ivira; birakitan* é composto de *mbira*, casca, e *kintam*, enrugada; *brajacuba*, tem o termo *mbira* como primeiro da composição; e *brajocara* vem de *mbira*, casca, e *jocara*, lascada.

Dizer-se que o *i* inicial é somente indispensavel no sul equivale a uma pena de morte infligida á lei glottologica de Hardy ou seja á influencia do meio sobre a lingoagem, cujo ennunciado, em referencia á lingoa feitichica, seria o seguinte: «*As syllabas atonas fracas, iniciaes ou finaes, do nhengatú são apocopadas no avanheen*». Si a lei pode ser demonstrada relativamente ao português fallado na Bahia e no Rio Grande do Sul, melhormente o seria em relação ao tupi e guarani. A conclusão de Couto de Magalhães na 2.a parte do *Selvagem*, pg. 54, revéla a ignorancia da lei de Hardy. Explica-se tambem a suppressão de um dos termos de uma locução substantiva pela lei do contagio, criada pelo glottologo *Darmesteter*. Dahi a locução tupi *saci-cerêrê* ser apresentada no guarani simplesmente pelo vocabulo *cerêrê*. E' o mesmo caso de *tempus-seranus, librus-diurnalem* e *calças-meias* transformarem-se no português em *sereno, jornal* e *meias*.

Dessa fórma, *círica* no *tupi* poderia dar *ciri* no *gua-*

rani; mas, mesmo assim, *ibira-ciri* não poderia transformar-se em *ibraciri*, porque não ha apocope da syllaba tonica. E si houvesse, a pronuncia do vocabulo seria brásil (tonicidade no *a*) porque a tonicidade de *brá* não poderia deslocar o accento do segundo termo, pois «quando uma palavra é duplamente accentuada, respeita-se sempre o duplo accento, a menos que por virtude da composição, não se transformasse em vocabulo proparoxitono». E' o que se não dá com *ibira-cirí.*

O prof. Ferraz contesta o que disse o grande mestre Basilio de Magalhães sobre a correspondencia de *pitanga* a vermelho, na expressão *ibirá-pitanga* (páo vermelho). E allega: «Conheço o verbo *pitá* (chupar), de *apitá* (eu chupo), *erepitá* (*repitá*, que é o correcto, *tu chupas*), etc. A palavra pitanga quer dizer criança, de *pitá*, chupar e *anga*, alma, vida, allusivo a criança receber a vida dos paes. *Piranga* é que é *vermelho*, donde vem *Ibirapiranga*, páo vermelho; *çapiranga*, olho vermelho; *Ipiranga*, agoa vermelha. As côres na lingoa tupica são — *una*, preto ou azul; *cica*, verde; *tinga*, branco; *ara*, amarello; e *piranga*, vemelho.»

Defendendo a fórma ibirá-pitanga escreveu Basilio de Magalhães: «Nossos indigenas trocavam o *r* pelo *t* ou vice-versa, por euphonia, quando occorriam na composição aquellas lettras fortes e intercalavam uma lettra forte homorganica para desfazer o hiato. No caso dos pronomes isso é facto comesinho..... Deve-se até graphar *piritanga* ou

pinranga, mesmo quando isolado, por virtude da lei de ha muito formulada pelos velhos grammaticographos do tupy ou guarany. — *O som nasal consequente nasaliza o antecedente e vice-versa.* De que *pitanga* significa vermelho, ahi está como prova a deliciosa frutinha indigina que ainda hoje traz aquelle nome..... Criança em tupy é *mintanga* e *mintan* em guarany. Damos até uma suave quadrinha que julgamos inedita para acalentar *bêbës :*

Tororê, rorê, kyrá,
Ekê, xe *mintam* ponran
Xe ameènne ndève
Petein bejú tová.

Tororê, rorê (vozes que servem para acompanhar o balanço) Gorducho; dorme meu nénê bonito; eu te darei um bijú (biscoito) em forma de careta.

O cidadão Bernardino Ferraz empresta nomes abstractos ao tupy como si nossos selvagens que pertenciam á epoca fetichica, isto é, que estavam num periodo todo concreto, pudessem abstrair! Esses termos — alma, vida, baptisar, e outros foram formados pelos monotheistas da Companhia de Jesus e não por nossos fetichistas.

Eis agora as côres no tupy e no guarany:

No tupy:

Preto — *pixuna (*na composição fica somente *una*)
Branco — *morotinga* (na composição fica somente tinga.)

Vermelho — *piranga* ou *pitanga* ;
Amarello — *taguá* ou *tauà;*
Azul — *suikyre;*
Pardo — *ituyre;*

No guarany :

Preto — *hun* (o *h* è sempre aspirado)
Branco – *morotin* (ou *tin* na composição)
Vermelho — *pintan;*
Amarello — *sayjú*
Azul – *hovy*

Quanto á differença entre *ymyrá* e *imira, ymbyra e imbira; yvirá* e *ivira, ybyrá* e *ibira,* tem toda a razão o cidadão Bernardino Ferraz. As primeiras fórmas, bem como *yvá, ybá, yguá,* todas significam *páo;* as outras significam a casca do páo e se originam de *pi,* pelle, casca, termo este que na composição toma um *r* euphonico.»

Eis ahi como Basilio de Magalhães elucidou a questão. *E nós concluimos dizendo que* a hypothese do illustre philologo Bernardino Ferraz é inacceitavel, porque importa num erro de lingoagem, qual o de querer derivar Brasil de *ibirá-ciri,* contrariando a morphologia do tupi e do guarani. Demais, o nome de páo-brasil era *ibirá-pitanga* e não *ibirá-ciri.* E era o vocabulo *brasil* muito conhecido já no seculo XI, em toda a Europa.

O ERRO DE HISTORIA — Diz o llustre Bernardino Ferraz que «o nome de Terra de Vera Cruz não prevaleceu porque havia outro nome já assignalado pelos enropeos que antecederam a Cabral, na sua estadia no Brasil.»

Realmente houve europeos que conheceram o Brasil antes de Cabral. E o chronista Damião de Góes, na Chronica do Principe D. João, cap. IX, disse em 1530:

> —« .:. honve outros que já fizeram o que nós agora fazemos (o descobrimento do Brasil)».

Pinzon, Hojeda, Leppe, Brandão, Zeno, Sanches e outros estiveram no Brasil antes de Cabral (1) e entretanto nenhum delles *assignalou* o Brasil com o nome que hoje têm. As affirmativas de Bernardino Ferraz é uma inverdade historica que não deveria sêr apresentada por uma pessôa com a sua responsabilidade intellectual.

O que deveria dizer ê que o nome *Brasil* era conhecido antes de Cabral como o de uma terra mysteriosa do Atlantico, indicada pela geographia medieval, conforme o ensinamento dum sabio:

> — «*Brasil* — A mythical island which appeared on maps of the Atlantic as early the 14 the century... » (Smith, Cyclopedia, volumeIX, pg. 180)

---

(1) Em nossos estudos "O descobrimento do Brasil,, e "Brasil, a ilha mysteriosa,, provamos documentadamente que Cabral não descobriu o Brasil, sendo este conhecido seculos antes de 1500.

Ou então:

— «Brasil — The name had been long before applied to supposed island in the Atlantic...»
(Whitney. Cent. Dict., vol. I, pg. 667)

Num mappa-mundi catalão feito em Maiorca em 1375 para o rei Carlos V de França e cujo original está na Bibliotheca Nacional de Paris, vê-se a palavra Brasil junto a uma ilha do Atlantico.

Outra inverdade clamorosa e injustificavel saiu da penna de Bernardino Ferraz: a affirmação de que os portuguêses pensaram ter descoberto um mundo novo.

Que os portuguêses nunca pensaram ter descoberto um mundo novo em 1500, provamos com Damião de Góes e com o proprio rei D. Manoel.

Damião, contemporaneo de Cabral, escreveu na "Chronica do Principe D. João", Cap. IX: «... houve outros que já fizeram o que nós agora fazemos (o descobrimento do Brasil.»

D. Manoel, em carta de 9 de julho de 1501, communicou aos reis catholicos da Europa que Cabral descobriu uma ilha «bôa para nella refrescarem e fazerem aguada as armadas da India». Cabral escreveu a D. Manoel contando que tomara posse para Portugal da terra que os antigos chamavam S. Brandão ou Brasil.

Isso é pensar em novo mundo descoberto? Certamente, não.

Mais outra inverdade historica de Bernardino Ferraz:

— «... Por aqui se vê que o nome *brasil* não era (em 1500) conhecido pelos portuguêses...»

Entretanto, vejamos:

1.º) Uma traducção portuguêsa, em verso, do romance francês *Perceval le Galois*, anno 1160, diz: «... compridas meyas tentas en bresil»;

2.º) No poema *The Canterbury Tales*, publicado em 1389, de Geoffrey Chaucer, encontram-se os seguintes versos:
— «He loketh as a sparharwk with his eyen;
Him nedeth not his colour for to dyen.
With brasil no with grain of Portingal.»

3.º) Em 1459, no Livro Vermelho (leis de Affonso V de Portugal) encontra-se uma disposição sobre o commercio do páo-brasil:

— «... nem tyntas de brasil ou alacar que daquy em adeante sejam achadas....»

4.º) Em 1498 Duarte Pacheco Pereira escreveu em Lisbôa o "Esmeraldo" e nesse (cap. II, liv. I, pg. 7) diz o seguinte:

& «E, findo por esta carta sobredita do mesmo circulo equinosial em deante por vinte e oyto graos de ladeza contra o pollo antarctíco he achado nella munto e fino brasil com outras muntas cousas de que os navios destes Reynos vem grandemente carregados».

Dizer-se, pois, que os portuguêses, quando Christovam Jacques levou para Lisbôa, em 1504, dois navios de páo-brasil, com o nome indigena de *ibirapitanga* (e não ibira-piranga, como diz Ferraz) desconheciam o páo-brasil e o nome brasil, é um verdadeiro erro historico.

Finalmente, diz Bernardino Ferraz que Bartholomeo Colombo carregou para a Europa páo-brasil em 1492. Não diz de que logar foi...

Mas esse facto é um argumento contrario ao philologo Bernardino Ferraz, pois seria incrivel, mesmo que até 1494 os portuguêses desconhecessem o páo-brasil, que os espa-nhoes, seos vizinhos, recebessem navios carregados da pre-ciosa madeira, sem que elles, os portuguêses, então senhores dos mares, disso tivessem conhecimento.

Assim, pois, demonstramos que Brasil não se deriva do tupi *ibirá-ciri* e que a hypothese do philologo Bernardino Ferraz de Campos não póde elucidar a questão.

A TERCEIRA HYPOTHESE: «*Brasil deriva-se do toscano VERZINO* (Visconde de Porto Seguro).

Esta hypothese é perfilhada por um historiador a quem Pedro II, ao lhe entregar o titulo de visconde de Porto Seguro, *pro-merito*, chamou de principe dos historiadores brasileiros. Refirimo-nos a Francisco Varnaghen, auctor da "*Historia Geral do Brasil*". O vocabulo *verzino* não é originariamente toscano, e sim *veneto*. É formado do veneto *verza* (lasca ou cavaco) e do suffixo diminutivo *ino* (do lat. *inus*). Significa, pois, *cavaquinho*.

Os navegantes genovêses transportavam o páo-brasil, nos tempos medievaes, em pequenos pedaços, e assim eram vendidos, isto é, sob a fórma de cavacos ou cavaquinhos. Ludovico Antonio Muratori, nas suas notaveis obras de antiquario, denominadas *Rerum Italicarum Scriptores*. (1723 — 1751); *Antiquitates Italicae mediae aevi* (1738 — 1742); *Annali d'Italia* (1794 — 1749) transcreve documentos em que se lêm as expressões *verzi di brasile*, *verzino di brasile*, significando lascas de brasil, cavaquinhos de brasil. Na mesma obra lêm-se tambem em documentos poste-

riores simplesmente as expressões *carga di verzi, carga di verzino,* evidentemente em logar de *carga di verzi de brasili, carga di verzino di brasili, (carga de lascas, carga de cavaquinhos,* por carga de lascas de brasil, carga de cavaquinhos de brasil).

A simplificação de locuções substantivas por elliminação dc alguma ou de algumas de suas partes é um facto na historia de todas as lingoas. E foi notando isso que o glottologo francês Darmesteter descobriu e expoz, com geral applauso da glottologia mundial, a sua *lei do contagio.*

Pelo mesmo motivo, porque os venezianos supprimiram, pelo menor esforço, os termos *di brasil* nas locuções substantivas *verzi* e *carga di verzino di brasil,* o povo brasileiro tambem supprimiu termos nas locuções *arroba de grãos de café, latas de folhas de chá, latas de peixe de Sardenha, S. Sebastião do Rio de Janeiro, S. Francisco de Paula de Ouro Fino, Santo Antonio da Campanha, São Pedro do Rio Grande do Sul, São Paulo de Piratininga, São Salvador da Bahia de Todos os Santos Grão Pará,* etc., dizendo hoje *arroba de café, lata de chá, lata de sardinha, Rio de Janeiro, Ouro Fino, Campanha, Rio Grande do Sul, S. Paulo, Bahia, Pará, etc.*

A *lei do contagio* não é observada somente nas lingoas modernas. No latim nós vemos as locuções substantivas *tempus seranum, librum diurnalum,* reduzirem-se a *seranum, diurnalem,* dando ao português *sereno* e *jornal.*

Assim, os venetos para designarem o páo brasil, vendido em lascas ou cavaquinhos, diziam simplesmente *verzi* ou *verzino* (lascas ou cavaquinhos), em vez de *verzi di brasi*, *verzino di brasi* (lascas de brasil, cavaquinhos de brasil). Para designar *lasca* os toscanos tinham o termo *scheggia* que é o que registram os diccionarios italianos, pois o *italiano actual* é o dialecto toscano. *Verzino* é pois uma palavra peregrina no vocabulario toscano, para o qual entrou com a significação de páo brasil, sendo apresentado como synonymo de *brasil* pelos diccionarios. Pelo menos, é o que nos ensinaram os maiores mestres da lexicographia italiana, taes como Alberti, Manuzzi, Tommaséo, Bazzarini, Tramater, Gherardini, Crusca, Fanfani, Petrocchi, Longhi, Tocagni, etc.

Fazer *Brasil* derivar-se de *verzino*, como fez Varnhagen, é uma chatice philologica, indigna de sêr patrocinada por um philologo.

Que se diria de alguem que pretendesse fazer o substantivo português sací derivar-se do tupi *cerêrê*? Ou o substantivo português *jornal*, do latim *librum?* Pois a tanto importa a hypothese de Francisco Varnhagen, visconde de Porto Seguro, e principe dos historiadores brasileiros *par droit de conquête*, no dizer de Pedro II.

A QUARTA HYPOTHESE: Brasil vem de *berzi* (Joaquim Caetano da Silva).

Esta hypolhese foi discutida na Revista do Instituto Historico do Brasil. Apadrinhou-a um dos maiores sabios brasileiros: o dr. Joaquim Caetano da Silva.

Em primeiro logar, a palavra *berzi* não existe e jamais existiu. O que ha em veneto é *verza* (plural *verzi*). Dizia-se em Veneza — *verzi di brasíli* (cavacos de brasil), conforme se poderá verificar em Muratori (obras citadas em capitulo anterior). Em segundo logar, os venezianos diziam *verzi*, referindo-se ao páo brasil, por um processo natural de simplificação: *VERZI = verzi di brasili.* Marco Polo escreve ora *càrreca di verzi* (carga de cavacos), ora *càrreca de brasil* (carga de brasil). Explica-se: o *páo brasil* era transportado em cavacos ou lascas. O veneziano escrevia *carga de cavacos* (*càrreca de verzi*) em vez de carga de cavacos de brasil *(càrreca di verzi di brasil)*. O mesmo caso de simplificação notamos no seguinte expressar: *colchão de palha* em vez de *colchão de palha de milho* (muito usado na vida rural de Minas).

Num trecho de Marco Polo encontramos :

— «... *do reino de Jerusalem, do reino do Egypto vem pimentas, especiarias e brasis* (no original *brasi).*»

E noutro passo :

— «... elles são cavacos) no original, *verzi)* do melhor do mundo.»

E' evidente que na segunda citação o termo *verzi* (ou *berzi*, como se vê em algumas traducções infieis), apenas significa cavacos.

Em 1112 o Senado de Veneza decretou um imposto sobre a pimenta, o cravo, os pannos do Oriente e o páo brasil. E ahi se vê a graphia — *brasi.*

Em 1156 um tal Solimano de Salerno fez um contracto com Bono Malfuaster, negociante mouro, do qual recebeu 110 bisantos ouro para comprar em Alexandria cavacos de páo brasil *(verzi di brasile,* diz o original). Nesse mesmo anno de 1156 Ogerio de Guidão, por meio de um acto publico, prometteu pagar á sua nóra, representada por Simão Aurila, 130 libras e meia, devendo o pagamento ser effectuado em tres especies, das quaes uma era o páo brasil (palo brasili, está no original). As transcripções de contractos medievaes feitas por Ludovico Muratori, comprovam esta verdade : os venezianos ora diziam *verzi di brasi,* ora *verzi,* ora *brasi* ou *brasile.*

Assim, si quizessemos procurar o etymo de *brasil* no veneto, não o encontrariamos no vocabulo *verzi* (ou, *berzi*, segundo a cacographia de máos traductores ou copistas), e sim na palavra *brasi* ou *brasile.*

Dizer-se, como o disse o sabio Joaquim Caetano, que do veneto *verzi* ou *berzi* saíu o português *brasil*, é proclamar bem alto a morte do bom senso philologico através duma chatice de lexiogenia.

A QUINTA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do genovês brazi* (Zeferino Candido)

Em artigos de seo jornal "A Epoca", do Rio, o escriptor Zeferino Candido publicou um estudo sobre a graphia do vocabulo Brasil. E em seo livro "O Brazil", cujo maior defeito, no dizer de Capistrano de Abreu, é ter o *z* em *Brasil,* defendeu Zeferino a hypothese de que Brasil vem do genovês *brazi* e por isso deve ser o nome escripto com *z*. Errou, como erraram outros. O português *Brasil* não se deriva do genovês *brazi*. E por que? E' o que vamos vêr.

O genovês não escrevia *brazi* com *z*, e sim com *s*, como se verifica em varias transcripções historicas de Genova, dos seculos XII e XIII, feitas por Muratori. Os genovêses não conheceram o páo-brasil posteriormente aos venezianos e foram estes que introduziram no commercio de Genova a preciosa cesalpinacea. Ora, os venezianos chamavam o páo-brasil de *brasi* (com *s*) e com essa lettra nós vêmos a palavra escripta em varios actos publicos, taes como os seguintes:

1.o) Em 1150 a cidade de Placencia contraiu um em-

prestimo com a cidade de Genova e 5 annos depois effectuou o pagamento da seguinte maneira: 2.815 libras, 3 soldos e 4 dinheiros em ouro; 2.315 libras em páo-brasil (*brasile*, no original).

2.º) Em 1151 um commerciante genovês, Piazzi, foi intimado pela justiça de Genova a pagar a Filippo di Lamberto Guezzi cem libras, sendo a quarta parte em páo brasil (*brasile*, no original)

3.º) Em 1194 o duque de Ferrara, numa carta ao Senado de Genova, faz allusão ao páo brasil (*brasil*, no original)

4.º) Em 1204 o governo genovês resolveo augmentar o imposto aduaneiro do páo brasil (*brasi*, no original).

Do seculo XIII em deante começou a generalizar-se a fórma *brasi* (com *s*), que predominou até o seculo XVI. Dahi para cá o dialecto genovês transformou o *s* em *z*. Sempre houve no genovês tendencia muito accentuada para a transformação de s e de *c* em *z*. O mesmo facto dá-se no inglês, como veremos em outro capitulo. E' preciso, porem, que se attente no seguinte: na epoca do descobrimento do Brasil os genovêses escreviam *brasi* (com *s*) e não *brazi* (com *z*), como se verifica nas transcripções do antiquario Muratori. E si prevalecesse a hypothese do dr. Zeferino, não seria com z e sim com *s* que se escreveria o vocabulo *Brasil*.

Vimos que os genovêses escreviam *brasile*, *brasil* e

brasi, donde o podemos affirmar que *brasi* é uma abreviação de *brasile.* E donde tiraram os italianos (genovêses, venesianos, toscanos e outros) o vocabulo *brasile,* que é a fórma italiana do nome de nossa patria ? De *brasa ? Brasa,* em italiano, é *brassia, bracia, bragia, brace.* Porém a fórma medieval, a fórma antiga é *brasia.*

E', pelo menos, o que nos ensina um dos maiores diccionaristas da Italia — Pietro Petrocchi :

— «*Brace*......, do italiano medieval *brasia*».
(P. Petrocchi, Novo Dizionario Scolastico della Lengua Italiana, pg. 120, Milão, 1897).

Si brasa no italiano medieval era *brasia,* e si todas as lingoas novo-latinas aproveitaram o suffixo nominativo da liagoa romána, *ilis,* designativo de qualidade, por que não admittirmos que o velho italiano *brasili* ou *brasile* não seja formado do velho italiano *brasia* e mais o suffixo *ili* ou *ile* (do latim *ilis*) ? Não seria mais facil ? Mas melhor seria deriva-lo do germanico *bras,* que é o verdadeiro etymo.

Que o páo *brasil* assim se chamou por ter a côr da brasa, isto é, por ser vermelho, por ter a côr do fogo, é uma cousa incontestavel. Assim, o italiano *brasile* lembra, em sua morphologia, a qualidade de *brasia.* Admittindo-se tal, forçoso será tambem admittir-se que *brasi* é uma abreviação muito natural de *brasile,*

O vocabulo Brasil appareceu quasi ao mesmo tempo nas differentes lingoas da Europa. E somente porque existe

uma forma approximada num dialecto italiano, muito pouco cultivado, pode alguem affirmar que o nosso vocabulo se derivou delle? Que influencia teve o dialecto genovês na morphologia portuguêsa? Nenhuma. No francês ha as palavras *fetiche*, *pintade*, *chamade*, *retirade*, etc. Só porisso poderiamos dizer que os vocabulos portuguêses *feitiço*, *pintada*, *chamada*, *retirada*, são oriundos do francês? Pois quem tal affirmasse diria uma asneira, porque fomos nós quem demos ao vocabulario francês taes substantivos.

Acresce ainda dizer que si *brasi* se escrevesse com z no italiano antigo, o italiano moderno não abandonaria a fórma classica, escrevendo *Brasile* (com s), como de facto escreve.

Si a semelhança de fórma constitue um motivo plausivel, então por que não se diz tambem que o substantivo português se origina do italiano medieval *brasia?* Escreve com espirito Candido de Figueiredo que o *s* e o *z* são duas lettras fataes, tratadas por alguns póvos como um menino nas mãos das bruxas. E é por isso que vêmos *razão* (do lat. *rationem*) escripta com *s*, no francês. E na mesma lingoa *civilíser* (*civíl* + *iser*), quando deveria ser *civil* + *izer*, porque o suffixo é de origem grega (*izein*).

A SEXTA HYPOTHESE: Brasil deriva-se do provençal brezilh (Diez e Candido Lago).

Esta opinião é a de Frederico Diez, perfilhada pelo prof. Candido Lago. Este philologo proclama que o vernaculo *Brasil* se deriva do provençal *brezilh*. Sobre a origem de *brezilh* cita, em reforço de sua opinião, o glottologo Frederico Diez, e apresenta a seguinte conclusão:

— « Se remontarmos á fórma provençal (e a isto nos auctoriza o commercio de Marselha com o mundo inteiro) somos levados, com bons fundamentos, a crêr que a palavra *brezilh* se deriva de *briza*, donde tambem se formou o verbo francez *breziller* (britar, quebrar em pequenos pedaços), mudando por euphonia o *i* em *e* na primeira syllaba, em virtude do *i* da syllaba seguinte, de sorte que *brezilh* significa *cousa quebrada em pedacinhos*, porquanto o páo brasil vem para a Europa, e vinha tambem outrora, ordinariamente, em pequenos cavacos. E não só este, mas varios outros artigos de commercio, como a canella, etc. Esta derivação, fundamentada na grammatica e na logica, é sobremaneira *muito mais acceitavel* do que a deri-

vação, que vulgarmente se dá, do hespanhol brasa, em attenção á côr, porquanto o proprio reino da natureza houvera fornecido comparação mais adequada. »

A hypothese defendida pelo prof. Lago não póde ser acceita.

Refutemos o articulado.

As lingoas romanicas derivam-se do latim vulgar e jamais do latim classico. Quem no-lo ensina são os mestres:

DARMESTETER (Grammaire historique): «Elles (as linguas romanicas) en sont la continuation dans la suite du temps; c'est à proprement parler du latin populaire à l'étage moderne.

FREDERICO DIEZ (Grammaire des Langues Romanes): « Toutes (as lingoas romanicas) ont dans le latin leur première et principale source: mais ce n'est pas du latin classique employé par les auteurs qu'elles sont sorties, c'est, comme on l'a déjà dit souvent et avec raison, du dialecte populaire des Romaines, qui était à côté du latin classique, et, bien entendu, de la forme qu'avait prise ce dialecte dans les dernières tempes de l'Empire — Une fois l'existence d'une langue populaire admise comme un fait démontré par des raisons d'une valeur universelle, il faut un second non moins inataquable, c'est la naissance des langues romanes de cette langue populaire ».

GASTON PARIS (Le rôle de l'accent latin): « Le latin populaire est la source des langues qu'on designe sous

le non de romanes, neolatines on novolatines: C'est un fait admis aujourd'hui par tout le monde »

Assim, sendo o provençal uma lingoa novo-latina, poderia perfeitamente ter herdado do baixo latim *bresillum* a sua forma *bresill*, posteriormente *bresilh*. E' uma hypothese mais plausivel do que a proposta por Candido Lago. Que o provençal possue as duas fórmas *bresill* e *bresille*, isso nos ensinam os seguintes mestres:

1.º) WILLIAM WHITNEY (New Century Dict, ed. 1906, vol. I, pg. 667):

— « Brazil, n. Early mod. E. also brasil... M. E. brasil, brasyle.

... — *Provençal: bresil, brezille.* »

2.º WEBSTER (Wesv. Int. Dictionary, ed. 1911, vol. I, pg. 270)

— « Brazil, M. E. bresil (inglês antigo brasil) ......

... *Provençal: Bresil*

3.º ECHEGARAY (Diccionario General Etimologico de la Lengua Española, vol. I. pg. 740, ed. de 1887)!

— Brasil ....; *Provenzal brezilh* (e bresill)

4.º CALANDRELLI (Diccionario Fillologico Comparado de Lengua Castellana, vol. I, pg. 844, Buenos Aires, 1880):

— Brasil, ...; *provenzal brezilh* (e bresill)

5.º ROQUE BARCIA (Primer Diccionario General, vol. I, pg. 635, ed. de 1881, Madrid):

— Brasil,..............; provenzal bresilh (e bresill)

Whitney dá em primeiro logar a forma com *s*; *Webster* não insere a forma com *z* e somente a com *s*; *Echegaray, Calandrelli* e *Roque Barcia* apresentam a fórma moderna com *z*, mas dão, entre parentheses, a fórma antiga. Que significa tudo isso? Simplesmente que a fórma verdadeira é a que tem *s* e não *z*.

Que a fórma archaica era escripta com *s* não resta a menor duvida, pois em varios documentos antigos de Marselha referentes ao páo brasil, se encontra *bresill* (com s), e não *brezilh* (com z). Banchero, Campanany, Renaudot Muratori poderão ser consultados a este respeito em suas collectaneas

Vimos, pois, que si o vocabulo Brasil viesse do provençal deveria ter sua origem no velho provençal *bresill*, e não no moderno *brezilh*.

Mas, essa origem seria absurda porque a palavra *brasil* apparece na lingoa portuguêsa antes de apparecer no dialecto provençal. O documento mais antigo que se conhece no português, em que se lê o vocabulo *brasil*, é a traducção do poema Perceval, le Galois, do anno 1260. Nella se vê o seguinte:

— «... comprydas meyas tinctas em brasil.»

Entretanto, o mais velho documento provençal que

insere o vocabulo Brasil é a *carta* de fretamento dum navio, com a data de 1310:

> — «... pimentas, cravos, especiarias e cargas de brasil (*kerka bresill*) — Vid. Banchero, Renaudot e Monpallau.

Demonstrámos, parece-nos, que *brasil* (português), não póde ser derivado de *brezilh* (provençal), e que si o provençal nos desse essa palavra, elle no-la daria sob a fórma antiga, isto é, com s.

Os italianos escrevem *brasile,* com s, e esse termo não foi derivado do provençal *bresill,* (forma antiga) ou *brezilh* (forma moderna). Quem nos ensina isso, implicitamente, é um eminente lexicographo italiano, e profundo conhecedor do dialecto provençal. Referimo-nos ao prof. Vicenzo Nannucci que em sua obra *Voci e locuzione italiane derivate della Lingua Provenzale,* edição de 1840, não cita o nome *brasile* como derivado do provençal.

Admittamos, contudo, que Candido Lago acertasse dizendo que no provençal a fórma correcta é *brezilh,* derivada de *briza.* Mas *briza* terá o *z* etymologicamente?

Acreditamos que não.

A origem do provençal *briza* é incerta. Sobre ella divergem tres dos maiores philologos do mundo: *Heyse,* *Diez* e *Whitney.*

DIEZ (Grammaire des Langues Romanes) affirma que *briza* se origina de *rezza* (forma abreviada do italiano *orezza*), acrescentando-se-lhe, no principio, um *b* prepositivo. E', como se vê, uma origem complicada.

KARL HEYSE em suas obras *Grammatik e System der Sprachwissenschaft* (1850) assevera, com uma argumentação convinscente, que foi o vocabulo seltico *brys* (vivo, resistente) que gerou o cornico *brysg*, o gaelico *briosg*, o francês *brise*, o espanhol *brisa*, o português *brisa*, o italiano *brezza*, o alemão *brise*, o dinamarquêz *bris*, o ingles antigo *briess* e as fórmas modernas *brize*, *breeze*, *breese* (com s) e o provençal *briza*, (que por isso deveria ser escripto com *s*.

E' preciso dizer-se que Heyse é um dos maiores philologos do mundo, tendo sido professor de philologia comparada na Universidade de Berlim, e portanto grande auctoridade no assumpto.

Whitney, outro grande philologo, professor de sanskrito e philologia comparada na *Universidade Yale*, Estados Unidos, diz:

— « Breeze (also written breese) ..... supposed to be an irreg. reduction of *brimsa* (also cited as Anglo-Saxon, but not well authorized)»

Em nosso modo de pensar não foi o italiano *orezza* como diz FRED. DIEZ, nem o seltico *brys*, como affirma HEYSE, mas sim o baixo latim *brimsa*, consoante WHIT-

NEY, que gerou o termo *breese* ou *breeze* ou ainda *briess* no inglês e nos equivalentes de outras lingoas, como, por exemplo, *briza*. A não sêr assim, deveriamos procurar nos vocabulos dos velhos dialectos germanicos de ha mil annos os substantivos *bras*, e, *brio)*, a origem de *briza*.

Encontramos no velho francês — *brese*, no velho inglês – *briess*, no velho alto alemão — *brimse* (e al. *bremse*) no velho dinamarquês — *brimse* (dip. *bremse)*; no alemão actual — *brise;* no francês moderno — *brise;* no dinamarquês moderno — *bris*; no espanhol — *brisa;* no português — *brisa* e somente com z no italiano (breeza) e no provençal *briza*.

Seria possivel que todas as lingoas européas fossem buscar no dialecto italiano o termo *orezza*, arrancando-lhe a vogal inicial e substituindo-a por uma consoante prepositiva (*b*), quando o baixo latim tinha *brimsa*, o germanico *bris*, o seltico *brisg*?

Seria admissivel que todas as lingoas européas se deixassem influenciar menos pelo latim, pelo germanico e pelo seltico do que por um simples e modesto dialecto da Italia ?

Sabe-se que o baixo latim, o germanico e o seltico foram factores importantissimos na constituição dos vocabulos de todas as lingoas européas. E si essas lingoas tem vocabulos parecidos com o provençal *briza*, por que não se dizer que essa palavra se originou do baixo latim *brim-*

sa, pela queda do *m*, do germanico *bris*, pelo acrescimo do *a*, do seltico brys, pela mudança do *y* em *i* e acrescimo de um *a*?... Dizer-se que vem do italiano *orezza* é dificilmente acreditavel. Mais facil é a gente acreditar no dizer de Candido de Figueiredo — Thiago se deriva e Jacob, ou no disparate de Voltaire — *enfant* é corruptela de *en-faisant*, ou na cabelluda asneira do chamado Diccionario Aulete: Sarraceno origina-se de *schakin!*

Em inglês antigo escrevia-se *brisa* com *s*, como se poderá vêr no livro Legends Of The Holy Rood, pg. 204:

« The Jewes brisse den hys bonys ».

Na França, segundo nos infórma Henri Stappers (Dict. Synoptique d'Etymologie, pag. 742) o vocabulo em questão entrou para o vocabulario official em 1762, anno em que foi registrado no diccionario da Academia Francêsa

Em Portugal elle começou a sêr empregado pelos escriptores do seculo XV em deante, pois não pudemos encontra-lo em nenhum quatrocentista.

Assim, pois, contra a autoridade de Fred. Diez atiramos a de Whitney e a de Heyse, superiores a elle.

O autor da *Grammaire des Langues Romanes*, derivando o provençal *briza* do italiano *orezza*, errou evidentemente.

Esse mesmo Frederico Diez ensina-nos a confusão de *s* e *z* na lingoa provençal. Leiamo-lo:

— «Les Leys d'Amors (I, 40, III. 382) enseigment que *s* entre voyelles a regulièrement le son *z* et les meilleurs manuscrits emploient *z* à cette place concurrentement avec *s* ; ils écrivent *causa* et *cauza*, *rosa* et *roza*, etc.»

E ahi está explicado o motivo por que vemos no provençal as fórmas primitivas e correctas *brisa* e *bresil* serem substituidas pelas fórmas corrompidas *briza* e *brezilh*.

E' o mesmo facto que se nota no inglês, como veremos em capitulos posteriores.

A SETIMA HYPOTHESE: *Brasil deriva-ze do irlandês Hy-BARZAIL* (Daunt)

O dr. O Connor Daunt, irlandês que veio ao Brasil doutorado por uma universidade de sua terra, e aqui morreu, assistiu uma sessão do Instituto Historico e Geographico do Rio, em que se tratou da verdadeira graphia de *Brasil*. Lembrou-se então de uma lenda de sua terra e apresentou ao Instituto uma hypothese, que foi publicada na Revista trimensal dessa sociedade, tomo XLVII.

O dr. Daunt diz que os irlandêses, desde epoca remotissima, referiam-se a uma ilha denominada *Hy-Barzail* situada no Atlantico. Possivelmente o termo português *Brasil* se originou dessa locução irlandêsa *Hy-Barzail* desapparecendo o termo inicial *Hy* e a vogal *a*, donde *Brazil*.

O dr, Daunt, cujos trabalhos no Brasil o tornaram um benemerito e a quem o povo, por occasião de sua morte, prestou uma homenagem muito justa, era um erudito ou mesmo um sabio. Entretanto, a sua hypothese sobre a origem do vocabulo Brasil não foi feliz, tendo originariamente

um erro de interpretação e uma corruptela. Analyse mo-la.

Um poema irlandês do seculo XV refere-se a uma ilha encantada cujo nome era *Hy-Brasail* (A Ilha encantada do Principe). Esse poema foi traduzido em lingoa inglêsa por um anonymo em 1575 com o titulo de *Hy-Barzail* ou *Ilha Encantada do Norte da Irlanda.* Vê-se ahi que o traductor inglês mudou o *s* irlandês em *z* e supprimiu o complectivo do primeiro termo.

Jeremy Taylor, escriptor inglês fallecido em 1667, faz referencias ao trabalho do anonymo de 1575 e cita o poema com o nome de *Hy-Brazil.* Note-se que Taylor fez a syncope do 2.o *a.*

Ahi está como o irlandês *Hymi-Brasail* se transformou em *Hy-Barzail* e *Hy-Brazil,* tendo dado nome, antes do descobrimento do Brasil, a uma ponta irlandêsa que se pinchava para o Atlantico, *Brasil Rock.* Os inglêses, do seculo XVII em deante, começaram a escrever Brasil com z.

Sir Richard Burton, que foi consul da Inglaterra em Santos no anno de 1865, em um trabalho que publicou em inglês sobre o assumpto, diz ser *Hy-Brazile* uma referencia á costa de Galway na Irlanda, que na edade média era tida como uma terra encantada.

Em primeiro logar, a denominação dada pelos irlandêses foi *Hymi-Brasail* (Ilha Encantada do Principe). Desprezados os termos iniciaes da locução substantiva *Hymin-*

Brasail pela lei do menor esforço ou lei do contagio de Darmesteter, ficarária *Brasail* (Principe). E pelo metaplasmo suppressivo (syncope do *a)* teriamos Brasil, (com s e não com z, como pretendeu o dr. Daunt). Demais é preciso attentar-se no seguinte: o poema irlandês referindo-se a *Hy-Barzail* (fórma apresentada pelo dr. Daunt) é do seculo XV e entretanto nós encontrámos no poema *The Canterbury Tales*, de 1380, a fórma *brasil* (com s), referente a um páo productor de tinta. Referimo-nos ao livro de Goeffroy Chaucer, em que se lê:

— «He loketh as a sparhawk with his eyen
Him nedeth not his colour for tho dyen
With *brasil* no with grain of Portingal.»

Traduzido:

— «Elle se parece, pelos olhos, com um gavião; não precisa da côr do brasil, nem da semente de Portugal para se tingir.»

Isso é uma allusão ao rubicundo, corado e vigoroso *Padre das Freiras*, que Chaucer descreve em seo livro, no epilogo *The Nonne Precets Tale* (n.o 15.464).

Assim, verificamos:

1.º) A palavra *Brasil* não se deriva de *Brazail*, como o quer Daunt, vocabulo esse que nenhuma analogia offerece com o páo-brasil.

2.º) Mesmo que se derivasse, deveriamos escrever Bra-

sil (com s) porque *Barzail* é uma corruptela de *Brasaile* (com s) palavra irlandêsa significando *principe* (*do seltico breasail*) e que assim apparece adulterada no seculo XVI, posteriormente, portanto, ao *brasil* (com s), apparecido no seculo XIV na Inglaterra.

A OITAVA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do inglês BRAZIL* (Prof. Gibbon).

Esta hypothese foi aventada por um professor inglês Mr. William Gibbon, que residiu durante annos no Rio de Janeiro. Mr. Gibbon, em um opusculo publicado em lingoa inglêsa sobre o paiz que o hospedara por algum tempo, depois de fallar sobre os indigenas, diz:

«Esta lingoa, a dos selvicolas, na opinião de um meo amigo, professor do Collegio Imperial, suggere a possibilidade da origem do vocabulo Brasil do nome tupi *imbira-cir* (páo lascado). Eu penso que o nome deste grande paiz teve origem na Inglaterra, pois nós encontramos referencias em escriptores muito antigos da lingoa inglêsa, como, por exemplo, estes dois versos:

1.º) De Chaucer:

Him nedeth not his colour for to dyen With brazil no with grain of Portingal
(The Canterbury Tales)

2.º) De Francis Qualer:

Are my bones BRAZIL or my flesh of oak?
O, mend what thou hast made, what
I have broke»
(Emblems, III, 5)

Isto mesmo eu disse á Sua Magestade na ultima vez que fui visitar os meninos imperiaes. O sr. d. Pedro é muito curioso destas cousas e perguntou-me como se escreve ao certo Brazil em inglês no que respondi ser com *z*. Disse então Sua Magestade que a minha hypothese era melhor que a do sr. de Varnaghen que fazia o vocabulo vir do italiano *verzino*».

(Traduzido do opusculo «The Brazilian People», London. 1879, pag. 18).

Ha aqui um equivoco duplo do prof. Gibbon. Em primeiro logar, Francis Qualer não é escriptor muito antigo da lingoa inglêsa. E' um seiscentista que publicou em 1675 o seo livro *Divin Emblem*, escrevendo *brazil* (com *z*).

Geoffrey Chaucer, esse sim, é escriptor antigo, anterior á reforma philologica soffrida pela lingoa inglêsa no seculo XV, reforma essa que deu em resultado o emprego desordenado e anti-etymologico do *z* por *s* em todos os vocabulos estrangeiros em que o *s* não soasse como *ç*.

Chaucer não escreveu *brazil* (com *z*) e sim *brasil* (com *s*). Foi, talvez, por ter lido o opusculo de Gibbon que A. Kean, em seo livro "Central and South America", publica-

do em 1903, cita erradamente o verso de Chaucer, graphado *Brazil* (com *z)*.

Lendo o livro de Kean, Joaquim Eulalio, correspondente do "Jornal do Commercio", em Paris, encontrou a citação adulterada de Chaucer e em artigo publicado no decano de nossa imprensa (Jornal do Commercio, 1 e 4 de fevereiro de 1916) disse que o nome de nossa patria saiu da antiga poesia inglêsa, sendo escripto com z. Em artigo posterior, no mesmo Jornal (maio de 1916) diz o sr. Joaquim Eulalio, referindo-se ao caso:

— «Determinou o meu engano o facto de ter tirado a citação de Chaucer do Compendio de Geographia e Ethnographia: *Central and South America*, do sr. A. Keane, para quem o pormenor da etymologia era secundario.

Para precisar a questão, resolvi consultar a respeito os leitores da Westminster Gazette (edição semanal dos sabbados) que eu reputo o jornal de maior probidade e criterio politico, ao mesmo tempo que o orgão mais intellectual da lingua ingleza: e dessa consulta quero dar conhecimento aos leitores do Jornal, a quem possa interessar a questiuncula por mim levantada.

A minha consulta appareceu na folha de 15 de abril sob a epigraphe *Chaucer and Brazil*, e diz assim:

— Ao Redactor da *Saturday Westminster.* Meu caro Sr. = Li, ha dois ou tres annos em *Central and South America* do Sr. A. H. Keane, uns versos de Chaucer, onde a

palavra *brasil* apparece em ligação com Portugal. Como os portuguêses só descobriram o Brasil um seculo após a morte de Chaucer, muita gente quiz ver nesses versos uma prophecia. A verdade é que não existe ahi prophecia alguma, visto como Chaucer tão somente se refere a certa tintura extrahida de um páo vermelho: vermelho como *brasa*, origem do nome *brasil*, que se deve escrever com *s* em inglês, como em todas as outras linguas (em espanhol, em italiano, em francez, em allemão, e pela maior parte dos escriptores em portuguez) visto como a palavra portugueza *brasa* parece originar-se do baixo allemão *bras*, tal como as palavras inglezas *brass* (latão) e *braser*.

Como o sr. Keane não diz onde Chancer escreveu esses versos, e eu não consegui encontral-os ao folhear uma edição moderna de Chaucer, a unica que consegui consultar aqui em Pariz, muito nos agradaria se alguem dos illustrados leitores da *Westminster Gazette* quizesse ter a amabilidade de me fornecer uma indicação precisa. — Com respeito, sou, etc. — Joaquim Eulalio, correspondente, em Pariz, do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro».

Essa consulta me valeu dous dias depois um conciso postal do sr. H. Cheettle, de Hornsey, com a seguinte informação :

«O sr encontrará á palavra *brasil* na linha 4.649 do Epilogo *The Nonne Precets Tale*, pg. 551, da Skeal's — Student's Chaucer, *Clarendon Press*, 1895 :

Him nedeth not his colour for to dyen With brasil, no with freyn of Portingale.»

Poucos dias depois, em 29 de abril, a *Westminster* publicou uma nova communicação, a deJames Hooper de Norwich, onde, em resposta á pergunta de Joaquim Eulalio, se lê, entre outras cousas, o seguinte topico que aqui vai traduzido:

«Sabemos que a palavra *brazil* apparece em uma litteratura desde o reinado de Eduardo I (1272-1307) e que ella vem do francês *braise* ou do português *brasa*. Dahi o ingles *braser*, algumas vezes escripto, impropriamente, *brasier*, que não quer dizer um vaso de latão (brazeiro) mas um vaso para conter *brasas*».

O sr. Joaquim Eulalio, si conhecesse a grammatica historica e a litteratura da Inglaterra não teria copiado erradamente o auctor Keane.

Saberia que Geoffroy Chaucer foi um dos antigos escriptores de lingoa inglêsa, morto em 1400, e que portanto pertence á primeira phase litteraria da Inglaterra. Saberia mais que em 1450 se operou uma grande reforma litteraria na Inglaterra dando em resultado varias modificações syntacticas e morphologicas no fallar inglês, entre as quaes citaremos o uso do *z*, até então inexistente no abecedario da Gran-Bretanha. Si fosse curioso, consultaria Witney e encontraria no vol. I, pg. 667, os versos de Chaucer, com a citação de obra e numero e no vol. VIII, pg. 7.028, o seguinte pedacinho:

> Z... — «It was not used in the oldest English, but came gradually in out of the Frend in the fifteenth century and later«.

E sómente com isso fica provado que Gibbon e Kean, citando Chaucer, o adulteraram, pois Chaucer não podia ter escripto, como de facto não escreveu, brazil com *z*, porque o *z* sómente depois do seculo XV entrou para a litteratura da Inglaterra.

Si o vocabulo Brasil, como propôz ou suggeriu o prof. Gibbon, se derivou do velho inglês *brasil*, elle deveria sêr escripto com *s* e não com *z*.

E', aliás, a lição de dous magnos sacerdotes da philologia inglêsa: Witney e Webster.

1.º — William Whtney (Cent. Dict., vol. I, pg. 667 edição de 1906):

— Brazil (... also brasil)... Middle English *brasil*, *brasyle*... Spanian and Old Portuguese brasil.

2.º — Webster (Intern. Dict., vol. I, pg. 270, edição de 1911):

> — Brazil, Middle English *brasil*... perbafo from Spanian or Portuguese *brasa*.

Assim, Brazil, que tambem se escreve Brasil em inglês moderno, era escripto com *s* no inglês antigo ou medieval. Logo, a fórma correcta, em inglês, é *brasil*, com *s*.

A NONA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do seltico breasail* (Monsenhor Fergo).

Esta hypothese foi apresentada por Monsenhor Fergo. Admitte esse illustre sacerdote que pela syncope do *e* e do 2.º *a*, *breasail*, (principe) deu o português *brasil*. E neste caso se escreveria com *s*.

A analogia apresentada seria que os principes se vestiam com roupas vermelhas (tecidos de purpura, ainda usados pelos cardeas) e que tendo o páo a cor vermelha seria natural que o apellidassem de *breasail*, reduzido mais tarde em *brasil*.

E' verdade que o seltico influiu no fallar português, mas sua influencia alem de muito remota foi muito menor do que a do latim e a do germanico. Si o baixo latim insere *brasile*, designando um páo vermelho, e si o germanico tem o substantivo *bras*, significando fogo, por que não buscar no baixo latim o *brasile* ou no germanico o *bras*, tirando-se pela apocope o *e* da primeira ou acrescentando-se á segunda o suffixo quantitativo *il*? BRAS+IL= BRASIL.

Demais, *brasil* (páo vermelho) offerece maior analogia com *fogo*, que é vermelho, do que com principes *(breasail)*, que apenas se vestiam com roupas vermelhas. Em nosso estudo «A origem da lingoa portuguêsa», demonstramos a influencia fraquissima do *seltico* e a poderosa do *latim* e do *germanico* em nossa lingoa.

Estamos certo que nenhum philologo, encontrando no germanico *bras* (fogo); no latim, *brasile* (páo côr de fogo) e no português *brasa* (carvões incandescentes) irá procurar no seltico o substantivo *breasail* (principe) para genitor do termo português *brasil* (páo côr de fogo, vermelho). E si o fizer, fará uma chatice philologica...

Monsenhor Fergo é um respeitavel sacerdote, conhecedor abalizado do seltico, e foi certamente a sua *selticophilia* que o levou a semelhante disparate.

A DECIMA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do aryaco PARASIL.*

Um estudioso, o sr. Antonio de Sousa Coimbra, publicou num jornal, um artigo sobre a graphia de Brasil e apresentou esta hypothese esturdia: Brasil deriva-se de *Parasil*, aryaco. O sr. Coimbra argumenta da seguinte fórma:

«O aryaco tem o radical *para*, que é encontrado em palavras da America do Sul, taes como Paraguay, Paraná, Parima, etc. O tupi *pará* é uma prova de que os indigenas do Brasil tem origem aryaca. Assim, o radical *pará*, designativo de grandeza no aryaco e o suffixo *sili* que deu no latim *illus* e no português *il*, designando qualidade de uma cousa qualquer, formam *Pará-sili, terra grande*, e por contracção *Brasil* (syncope do *a* e apocope do *i* final).»

A hypothese do sr. Coimbra foi certamente haurida no rocambulesco livro «*Les races aryannes de Perou*», «obra *singular de um singular auctor*» no dizer do grande mestre Basilio de Magalhães. Ahi se aprende que o radical aryaco existe «sur tous les points du continent sud americain: Pa-

raguay ou Parahuay, Veragua ou Peragua ou Perabua (Perahu, Perú) Parima, Brasil ou Parasil.»

O tupi *pará* ou *mbirá* ou *mará* significa o substantivo mar e não o adjectivo *grande*. Talvez, por ser o mar muito grande, o *pará* seja applicado em sentido de grandeza. Analysando as palavras citadas temos :

1.o) *PARANÃ* (tupi-guarani) de *pará* (mar) nã (semelhante), donde a traducção de paranã = *semelhante ao mar*, e por extensão *grande como o mar.*

2.o) *PARAGUAY*, (tupi-guarani) de Paráguá (corruptela de *apará-gua*, o que tem bico curvo ou papagaio) e *y* (rio), donde *paraguay* significa *rio dos papagaios*, cuja verdadeira pronuncia seria Paragua*hy* (accento tonico no *y*), como dizemos Jacare*hy*, Jagua*ry*, Capiva*ry*, Ava*hy*, etc.

3.o) *PARIMA* (do tupi *parim*, de *apar* + *î*, encurvado). Assim *Parima* quer dizer cousa curva, o que é encurvado.

Finalmente, sobre o *parasil* não encontramos traducção no tupi e no guarani. Só si houver qualquer cousa no Perú... mas o sr. Coimbra não nos diz.

Que os indigenas da America do Sul são ou não descendentes de aryas e que *pará* é radical aryaco isso é cousa que ignoramos e que não nos ensinou George de Horn em seo livro *De originibus Americanus*, a quem pedimos soccorro.

Que o aryaco *sili* deu o *illus* latino e o *il* português,

é cousa muito duvidosa e parece até romance do barão de *Mackeusen*. Comtudo...

E como o sr. Coimbra explica o conhecimento do nome *brasil* 400 annos antes do descobrimento da America?

O sr. Coimbra parece ser um estudioso, pois citou varias obras de valor incontestavel e argumentou com certa facilidade só peculiar áos lidadores da penna. Entretanto não fez uma chatice litteraria. Fez peor: architetou um romance philologico, gerado pela leitura fertil do livro *Les races aryennes du Perou*, muito impressionante para os que ainda não estudaram a nossa *ethnogenia*.

Assim, pois, a hypothese do sr. Sousa Coimbra, aqui citada por curiosidade, não decide a questão. E si a decidisse, fa-lo-hia em favor do *s*.

A DECIMA PRIMEIRA HYPOTHESE: *Brasil origina-se do sanskrito BRADSHITA.*

Diz Basilio de Magalhães, cujos ensinamentos tivemos a ventura de ouvir quando fômos seo alumno, que o vocabulo Brasil se origina do sanskrito *bradshita*. E na sua *Historia do Brasil* escreve (pg. 43, nota 1):

— «Orthographamos com *s* o termo *Brasil*, em virtude não só de sua etymologia, do sanskrito *bradshita*, como tambem por ser essa a graphia empregada por todas ou quasi todas as linguas occidentaes: hespanhol, *Brasil;* francez, *Brésil;* italiano, *Brasile;* provençal, *Bresilh;* inglez, *brasil;* allemão, *Brasilien;* sueco, *Brasilien*».

Essa é, aliás, a hypothese de Humboldt *(Gerschite der Erdkund)*, de cujos ensinamentos sobre o assumpto se aproveitaram Joaquim Silvestre Rebello, Joaquim Caetano da Silva, Handelmann, Visconde de Taunay e o autor deste estudo, em monographias publicadas: a do primeiro, na Revista do Instituto Historico, tomos I e II; a do segundo, no tomo XXIX da mesma revista; a do terceiro na sua Historia do Brasil; a do quarto, no n. 2 da Revista da Academia.

Mas, não devemos acceitar os ensinamentos dos mestres sem analyse. Muita coisa de Humboldt não póde ser hoje repetida.

Si temos tão perto de nós o latim *brasile,* o germanico *bras* e o português *brasa,* por que procurar a origem de Brasil num passado tão remoto ?

Em vez de se transformar o *bradshita* em *Brasil,* não seria mais facil faze-lo de *bras+il,* sendo *bras* o substantivo germanico significando *fogo,* e *il* (suffixo existente em lingoas européas) designando qualidade ? *Brasil* significa *vermelho como fogo,* qualidade que as arvores chamadas pelos selvicolas *ipirapitanga* certamente possuem. O termo Brasil appareceu depois da quéda do Imperio Romano, e justamente na epoca do grande dominio germanico na Europa, estando Portugal sob o guante dos visigodos (germanicos do oeste).

Em capitulo posterior diremos melhor porque pensamos ser o vocabulo Brasil de origem germanica.

Em 1065 appareceu na Europa o primeiro documento escripto com a palavra *brasil,* em vez de *bakkam.* E em 1085 a tarifa da alfandega de Saint-Smer especifica o preço que devia pagar uma carga de brasil *(Kerka bersil).*

Acreditamos, pois, que o vocabulo *brasil* foi criado pelos germanicos como traducção litteral de *bakkam,* páo vermelho levado do oriente para o occidente pelos commerciantes arabes no tempo em que se iniciava a expansão

agarena na Europa, então dominada pelo germanicos desde a Suecia e Inglaterra até a Italia e Portugal. E quando os arabes attingiram o apogeo de seo dominio na Europa, quando as monarchias visigothicas ruiram estrondosamente como a da Peninsula Iberica na batalha de Guadalete, os germanicos aprenderam a dizer *brasil*, traduzindo o *bakkam* dos arabes.

Não resta duvida que o *bras* germanico se prende ao radical sanskrito *bra* ou *brad* que gerou o *bradshita*. Mas dahi o dizer-se que Brasil se deriva de *bradshita* vae uma grande distancia.

Discordamos, portanto, pelos motivos expostos, da opinião dos grandes mestres Humboldt e Basilio Magalhães.

A DECIMA SEGUNDA HYPOTHESE: *Brasil deriva-se do grego BRAZEIN.*

O dr. F. Magalhães Castro, distincto professor de Historia e de Português, escreveu ama serie de artigos para provar que o vocabulo *Brasil* se origina do grego *brazein.* E diz:

— « E' incontestavel terem os gregos dominado a Luzitania, onde fundaram cidades, taes como Lisbôa e outras. Venceram facilmente a resistencia lusitana e impuzeram seus costumes e sua lingua ao povo vencido — o lusitano. Faça-se um inquerito historico nos nomes das cidades portuguêsas e em quasi todas se encontrará a origem grega.

Abra-se o vocabulario português e ahi se encontrarão milhares de palavras de origem grega. Si o grego influiu tanto na Luzitania, a ponto de dar o nome da capital *(Lisbôa,* de *Ulysipone* ou *Olysipo,* heróe de Homero) não vêmos razão plausivel para se regeitar o etymo grego *(brazein* ou *brazô)* no vocabulo *Brasil.*

Grandes etymologistas, de fama universal, quaes sejam Walker, Webster e Whitney escrevem Brazil com z.

O mais perfeito diccionario de nossa lingua é o de Aulete. Pois Aulete escreve *Braza* e *Brazil* com *z*. Ramiz Galvão, o pontifice maximo da etymologia em Portugal e Brasil escreve Brazil com *z*. Egualmente o fazem o nosso maior grammatico — João Ribeiro (Selecta Classica), e o nosso maior estylista — Ruy Barbosa (Lições de Cousas). Tambem o fizeram Candido Lago e Castro Lopes, philologos de irrecusavel valor. «Escrevemos, pois, Brazil com z».

Analysemos, por partes, esta hypothese, que encerra muitas inverdades.

1 — E' uma inverdade historica dizer-se que os gregos dominaram a Luzitania e ahi fundaram colonias. Si o dr. Magalhães Castro lêsse dois preciosos livros de sua terra portuguêsa — "Historia da Luzitania e Iberia", de J. Bonança, e "A Philologia perante a Historia", de Nobre França, certamente não diria tal. São livros admiraveis que fazem luz sobre o passado iberico. Mestre de historia, o dr. Magalhães deveria ter lido Herodoto, Estrabão, Polybio e Tito Livio. Nenhum desses chronistas antigos conta que os gregos fundaram colonias na Lusitania.

Polybio acompanhou Scipião, o africano, em sua expedição á peninsula iberica, para bem estudar a historia e costumes dos espanhoes e lusitanos. E em sua Historia de Roma diz que a peninsula estava dividida em duas partes: Iberia, conhecida dos romanos, e Lusitania, quasi toda (ou toda) desconhecida, porque o lusitano era um povo guer-

rilheiro que nem os gregos e phenicios puderam dominar, vivendo nas serras, de onde se defendiam com vantagem dos mais valentes conquistadores. E sobre o tal dominio grego: nada!

Mais obscuro é Tito Livio. Estrabão, historiador grego de ha dois mil annos quasi (1ª decada do 1º seculo da era christan) diz que os habitantes da Betica (Peninsula Iberica) tinham poemas e leis escriptas ha 4.000 annos. Falla sobre a primeira civilização iberica e nada conta de tal dominio hellenico na Lusitania.

Os jazigos e as inscripções selticas de Bensafrin confirmam a crença de que o lusitano era civilizado ao tempo da invasão romana.

Peçamos ao auctor illustre da Historia da Lusitania alguns periodos que ora nos aproveitam:

— « Quando os carthaginêses e romanos entraram na peninsula (fins do III seculo antes da era christan) os nossos antepassados tinham uma civilização brilhantissima.

Os mais abastados usavam baixellas de prata; vestiamse de linho e de roupagens de lã purpurada (tinta com grã); traziam ao pescoço collares de contas vitreas, esmaltadas, ou de ouro; nos braços, braceletes (manilhas) e na cabeça diademas e corôas de ouro. A quantidade destes objectos rapinada pelos romanos é prodigiosa, como se póde vêr em Tito Livio e noutros auctores latinos.

Na guerra os cavalleiros usavam saio; a esquerda re-

gulavam as redeas do cavallo, á direita vibravam lança ou brandiam a espada. Os peões, espadas ou lanças curtas.

Os romanos adoptaram dos peninsulares a formatura triangular para resistir na guerra aos ataques de cavallaria.

Na agricultura havia notavel desenvolvimento.

Os campos do Alentejo, da Andaluzia, as campinas de Valencia e do Aragão produziam enormes quantidades de cereaes. As Hispanhas eram os celleiros, de que os romanos tomavam o pão para alimentar o povo ocioso de Roma e os numerosos exercitos imperiaes.

Na Iberia exploravam-se grandes jazidas de prata e na Luzitania, de ouro. Este metal apparecia em pepitas nas areias do Tejo e nas do Douro (rio do ouro)».

Ahi está o que diz um grande historiador moderno. — Sobre o dominio grego, nada.

Os historiadores modernos que affirmam a existencia de colonias gregas na Lusitania tiraram essa lenda, não de algum historiador antigo, mas sim de um grammatico!! Foi Asclepiades Mirleano, chamado por Sertorio á Iberia para leccionar grammatica grega em Evora, quem espalhou a lenda das colonias gregas na Lusitania; e cada nome geographico da Lusitania que se parecesse com o nome de um heroe da Odysséa ou da Illiada era indicado por elle como prova da estadia dos gregos em tal logar. E foi dessa fórma que attribuiu a fundação de Lisbôa a Ulysses (em grego Olysipo), sem se lembrar do iberiano *luxbona*.

Houve, é certo, colonias gregas na peninsula iberica, mas não em Portugal. Taes foram *Ampurias* (*Emporiton*) e *Rosas* (*Rhodon*), das quaes ainda hoje ha moedas de grande valor para os numisnatas. Somente essas duas colonias maritimas dos Pyreneos Orientaes e mais nada, em toda a peninsula!

E', pois, com muita razão que exclama o professor João Bonança:

> — « Os modernos escriptores estrangeiros só superficialmente conhecem a historia lusitana, pois são ignotos, para elles, a geologia, a archeologia prehistorica, a numismatica e a epigraphia peninsular, sciencias em que se funda a historia da antiguidade.»

Não ha, portanto, uma base segura para se affirmar a existencia de colonias gregas na Lusitania. Nenhum historiador antigo refere o tal dominio. Nem monumentos que o confirmem. Somente porque o grammatico Asclepiades Mirleano achou semelhança entre *Lisbona* e *Ulysipona* pode alguem garantir a origem grega de Lisbôa?

A prevalecer esse criterio, chegariamos aos maiores absurdos historicos. Com essa *logica*, um historiador brasileiro do anno 2021 diria:

— « A feraz, prospera, super-civilizada Amazonia foi primitivamente uma colonia grega, pois temos a expressão grega *amazon* e a terra das Amazonas, referida por Hero-

doto, Estrabão e outros historiadores gregos. Tanto assim que o geographo da era colombiana — Martim Behaim inseriu (em 1492), no seo globo terrestre, localizada no Atlantico, uma ilha fabulosa com o nome de Ilha das mulheres guerreiras e dos homens solitarios.

Era a terra de *Amazon* referida pelos historiadores gregos».

Dess'arte uma lenda da geographia grega e medieval serviria para se provar o dominio grego no Brasil nos tempos precabralinos! E seria a terra das amazonas transportada das margens do rio Don ou das bordas do mar Negro para o valle do soberano dos nossos rios. E já não houve um historiador e philologo, o erudito Thoron, que pretendeu provar a exploração do rio Amazonas por Salomão, o biblico filho de David, somente porque havia uma parte do rio com o nome de Solimões?

E ai de Napoleão si tal criterio fosse adoptado!

Assim como appareceu na Europa um Abel Leflanc, prof. do Collegio de França, escrevendo dois respeitaveis volumes para provar que Shakespeare foi um mytho e que sob a mascara desse nome se occultava o cavalheiroso lord Derby, conde William Stanley; assim como appareceu um rubicundo Friedrich Wolf, prof. da Universidade de Halle, sobraçando tres formidaveis volumes in-4.o para demonstrar que Homero foi outro mytho, significando seo nome uma geração de Aedos; assim tambem apparecerá no anno

3.000 de nossa éra um respeitabilissimo Wolf ou um erudito Leflanc para escrever dez volumes demonstrando que Napoleão foi um mytho grego transportado para a Europa, pois o proprio nome Napoleão o está indicando. E com o dedo espetado no ar, do alto de uma bella cathedra da Universidade de Berlim ou do Collegio de França, dirá aos seos alumnos, embasbacados pela sabedoria do mestre.

— « Ouçam, senhôres! Napoleão foi um mytho grego. E si não, vejamos. Que significa a palavra Napoleão? Simplesmente isto em grego: *o leão do deserto* ou *o leão sem patria* (*napo-leon*). Decomponde agora, em grego, a palavra *Napoleon*, tirando gradativamente as primeiras letras, até a penultina, e coordenando-as formae uma phrase que dirá qualquer cousa sobre a lenda. Assim teremos:

Napoleon
Apoleon
Poleon
Oleon
Leon
Eon
On

Coordenando-se taes vocabulos, teremos a seguinte phrase grega:

— *Napoleon on oleon leon, eon Napoleon poleon*, ou seja, traduzindo: «Napoleão, pertencendo aos povos, andava destruindo as cidades».

E solennemente os discipulos do Friedrich Wolf ou do Abel Leflanc do anno de 3.000 iriam repetindo a lição do mestre: «*Napoleão* é uma lenda grega, conforme o proprio nome está indicando!»

Veja o dr. Magalhães Castro a que absurdo pode levar a logica dos historiadores que se guiam por semelhanças ou significados de nomes. A isso monta dizer-se que Lisbôa foi fundada por Ulysses, porque Ulysses, em grego, é Olysipo ou que a semelhança de *Lisbôa* com *Olysipon* prova a existencia de colonias gregas na Lusitania.

Si os gregos jamais tiveram colonias ou dominio na Lusitania é um absurdo dizer-se, como o dr. Magalhães, que foi durante o dominio delles que se enxertaram no vocabulario português as palavras gregas.

2 — Manuseemos os diccionaristas citados pelo dr. Magalhães sobre a palavra Brasil:

1.º) JOHN WALKER (A Critical Pronouncing Dictionary and Expositor of the English Language, pg. 61, London — 1850):

— *Brasil* or Brazil s. An American wood commonly supposed to have been thus denominated, because first brought from Brasil.

(Note-se a preferencia que Walker da á graphia com *s*, inserindo em primeiro logar *Brasil* e repetindo esta fórma no texto: .... *brought from Brasil.*)

2.º) WILLIAM WHITNEY (Century Dictionary, pag. 667, vol. I, ed. 1906) :

— *Brazil.* n. Early *mod. E. also brasil... M. E. brasil* brasyle *(moderno inglês tambem brasil . . . inglês antigo brasil)* — O. Dan bresile, Dan, brasilie — Norw, bresil, brisel — O. F. bresil, mod. F. brésil — Prov. bresil, brezilh — *Sp. & U. p,* brasil *(espanhol e velho português brasil)* (— mod. It. brasile. M. L. brasilium, braxile, bresilium, brissilltum, brisiacum), orig. a red dyewood brought from the East. Origin uncertain; perhaps as Diez suggests, — Prov. brezilhar (— fr. brésiller), break into fragments, crumble, — briza, a fragment, little bit (— F. bris, a breaking open, a wreck, formerly fragments, rubbisch) . . .

(Note-se que Whitney diz ser tambem inglês moderno *brasil*, com *s*, inglês antigo *brasil*, com *s*, e ainda *brasil*, com *s*, no espanhol e velho português).

3.º) WEBSTER (New. International Dictionary of the English Language, ed. 1911, for Harris & Sturges Allen (G. & Merriam Company), London and Springfield, Mass., U. S. A., vol. I, pg. 270) :

— *Brasil,* n. *M. E. brasil* (*inglês antigo brasil*) L. L. brasile, (*of. Pg. & Sp. brasil, Pr. bresil*) perh. *From. Sp. ar. Pg. brasa* a live-

coal (cf. braze, brazier a pan) or Ar. *vars,* plant for dyeing red or yellow. This name was given to the wood from its color; and it is said that King Emanuel of Portugal, gave the name Brazil to the country in South America, on a account os its prodoucing this wood.

(Note-se que Webster insere a fórma Brazil, com *z*, mas affirma: 1.o) ser *brasil*, com *s*, inglês antigo; 2.o) ser fórma portuguêsa e espanhola *brasil*, com *s;* 3.o) derivar-se a palavra do espanhol ou do português *brasa*).

4.º) SANTOS VALENTE (Diccionario Contemporaneo, conhecido pelo nome de Diccionario de Aulete, ed. de 1881, vol. I, pg. 242):

— *Brazilete,* variedade de pau brazil, mais grosseira e que não dá tinta tão fina. Formado de *Brazil* e *ete.*

John Walker dá preferencia ao *s*, graphando *Brasil* apesar de citar Brazil (com z).

William Whitney insere Brazil (com z), mas diz sêr em inglês antigo Brasil (com s) e tambem haver no moderno a mesma graphia. E accrescenta que no espanhol e no velho português se escreve com *s*.

Webster diz que em inglês se escreve com *z* e com *s* e que no português e no espanhol se escreve Brasil com *s*. Ainda mais, que a palavra se deriva do espanhol ou do português brasa (com *s*).

Diz o douto mestre de Historia e Português que Caldas Aulete escreve em seo diccionario *Brazil* e *braza* com *z*. Em primeiro logar Caldas Aulete jamais escreveu diccionario. O que corre mundo com o seo nome é o *Diccionario Contemporaneo,* do medico Santos Valente, como poderá ser verificado no prefacio de Castelbranco, logo nas primeiras paginas do 1.o volume. Em 2.o logar, o *Diccionario Contemporaneo*, a que se chama vulgarmente *Aulete,* não é o melhor que temos. Superior a elle são os de Adolpho Coelho, Candido de Figueiredo e Silva Bastos e esses escrevem Brasil com *s*. O proprio dr. Santos Valente confessou a um amigo que si fizesse segunda edição refundiria completamente sua obra. E' o que nos relata o mestre Candido de Figueiredo, no seguinte passo:

> — «O autor do *Contemporaneo* (Diccionario Aulete) era um erudito, mas não era um philologo; e poucos annos depois da publicação de sua obra, ele proprio (o dr. Santos Valente) me confessava que, se a reeditasse, a refundiria essencialmente... Havia observado o que elle suppunha uso geral e quando estudou mais um pouco e caíu em si, era tarde». (Ortographia, 1.a ed., paginas 17 e 18).

E logo depois accrescenta o grande mestre Figueiredo:

> — «E' uma ingenuidade citar-se o Diccionario Contemporaneo nas questões ortographicas».

Si não vale a opinião do mestre da *Orthographia* e das *Lições Praticas*, aqui vae outra, de brasileiro de lei, grammatico de renome : Pacheco da Silva Junior. Affirma este professor que Aulete (?) *no seo aldravado diccionario diz disparates e destemperos imperdoaveis* (Noções de Semantica, 1903, pg. 76).

Quer o dr. Magalhães outras opiniões ? E' só pedir, que desse quilate temos mais cinco de mestres veneraveis, como Castilho.

3 — Concordamos que o dr. Ramiz Galvão é o pontifice maximo da etymologia. Mas o dr. Ramiz, que escrevia antigamente *Brazil* com *z*, escreve agora Brasil com *s*. Tal qual Ruy Barbosa. Em palestra com esses dois artifices de nosso fallar, ambos nos declararam que escreviam Brazil com z, mas que hoje escrevem esse vocabulo com *s*. E comparando-se seos escriptos antigos com os modernos poderá quem quizer verificar a exactidão desse asserto.

4 — Quanto aos philologos Lago e Castro Lopes, em capitulos respectivos refutamos os seos argumentos capciosos e suas escaiolas evidentes.

5 — Assevera o mestre Magalhães que foi o grego *brazein* a origem de *brazil* e *braza* nas lingoas novolatinas. Consultamos os seguintes mestres :

1) Ramiz Galvão (*Vocabulario de palavras portuguêsas de origem grega*).

2) Marco Antonio Canini (*Etimologico dei vocaboli italiani de origine ellenica.* Torino, 1865).

3) Barcia *(La Lengua Castellana e lo Griego).*

4) Rose *(The greek radicals).*

5) Benfey (*Dictionnaire des racines grecques*).

6) Stappers (*Dictionnaire d'etymologie, origines grecques*).

Em nenhum desses mestres notaveis do hellenismo pudemos encontrar o vocabulo *brasa* e *brasil* como de origem grega. Entretanto, abrimos o *Vocabuli Germanici e loro derivati* (edição de Torino, de 1871) do eminente Luis Delâtre e ahi topamos o vocabulo *brasa,* oriundo do antigo alto alemão *bras*, fogo. E si, no dizer do professor Magalhães, brasil vem de brasa (*brasa* + *il*), a conclusão é facil: *brasil* é escripto com *s*.

Compare-se estes dois etymos:

1.º) *Brasa* e *Brasil* vem do antigo alto alemão *bras*. fogo (Delâtre, Voght) ou *brasein, — assar, abrasar, avermelhar* (Adolpho Remmers).

2.º) *Brasa* e *Brasil* vem do grego *brazein—ferver* (Lachâtre, Vorepierre). Considerando-se que o páo brasil tem côr de fogo, ou seja, avermelhado, qual o melhor etymo? *Brazò* não é e nunca foi substantivo grego, como disse o dr. Magalhães. E' simplesmente o

indicativo presente do verbo *brazein* (ferver), e significa, portanto, — *eu fervo*. O equivalente de *brasa*, em grego, é *antrakia*, e carvão é *antraz* no grego classico e *carbono* no grego moderno. *Brazò*, isso nunca. E' o que nos ensina o doutissimo Rigutini.

E ahi está a logica do illustre professor Magalhães: *um montão de fiapos de philologia . . .*

Em um opusculo publicado neste anno de 1921, o illestre doutor Netto Campello, professor da Faculdade de Direito de Recife, defende a graphia Brazil com z. E diz :

> — «Desde que está, evidentemente, provado que o Brazil tira sua origem do grego *brazein* ; desde que é facto incontestavel a antiguidade da escripta de Brazil com z . . . » (A graphia do nome do meu paiz, Recife, 1921, pg. 29).

Já provámos em paginas anteriores que Brasil não vem do grego *brazein* e que a graphia antiga era *Brasil* com *s*.

Ha no trabalho do dr. Campello alguns passos que *assombram* o leitor pela ingenuidade das affirmações. Pretendendo uma demonstração philologica, o douto mestre de jurisprudencia cita em abono de sua asserção uma justificativa de Candido Lago (Collocação de pronomes, 2.a ed., pag. 60) em que ha a seguinte passagem :

> — «Brazil com z é como se lê ainda hoje no Diario Official : Brazil com z tem existido poi

> longos annos na fachada e nos reposteiros das nossas repartições publicas; Brazil com z escrevem os proprios francezes e inglezes quando remettem mercadorias para o nosso paiz».

E' *assombroso* como argumento philologico o que se acaba de lêr. Um dilemma logo surge ao espirito do leitor: ou Candido Lago pilheriou, ou estava precisando dos carinhosos cuidados dos psychiatras Juliano Moreira e Franco da Rocha. Argumentar-se em questões philologicas com a orthographia do Diario Official, com os dizeres dos reposteiros das repartições publicas e com os rotulos de mercadorias, francamente, é uma pilheria ou uma prova de insania mental. Mais assombroso, porem, é que um professor da Faculdade de Direito de Recife, autor de 18 obras, deputado federal (é o que nos disseram) cite tal *caduquice* ou pilheria do velho Lago para apadrinhar o Brazil com z. Mas onde o professor Campello culmina em ingenuidade é na pg. 21 de seo opusculo, ao se valer da auctoridade philologica da Arithmetica de Trajano. Leiam isto e pasmem:

> — «Em livros didacticos constantemente se encontra graphado o nosso paiz com z, como se observa na Arithmetica Progressiva do professor Antonio Trajano».

O pobre Antonio Trajano si fosse vivo, certo rebentaria de riso por se vêr guindado *ás alturas de um principio philologico* . . .

A DECIMA TERCEIRA HYPOTHESE: *O vocabulo Brasil origina-se do baixo latim BRASILE* (Mello Carvalho)

Lêmos essa hypothese em um opusculo do dr. Antonio de Araujo Mello Carvalho, intitulado *O nome Brasil*, e publicado, em 1910, pela Imprensa Nacional. Diz elle:

> — «E Brasil donde se derivou?
>
> Na incontestada e incontestavel opinião de Ducange, acceita por Émile Littré, D. Roque Barcia, M. Calandrelli, E. Eduardo Echegaray, Candido de Figueiredo e Adolpho Coelho, vem do baixo latim *Brasile*.
>
> . . . .
>
> Infere-se de tudo que acabo de expôr que *Brasil* vem do baixo latim *Brasile*».

Consultemos, em primeiro logar, os auctores citados:

1.º) Charles Dufresne, sieur Ducange (Paris, 1886, vol. I, pg. 629):

> — «Brasile..... Unde autem hujus vocis ori-

go? Forte a brasa, quia carbonum candentium colorem refert.»

2.º) D. Roque Barcia (Primer Diccionario General de la Lengua Española, vol. I, pg. 635, Madrid 1881):

— «Brasil . . . . . Derivacion: Bazo latin *brasilia;* italiano brasile: — francês del siglo XIII bersi, bresi, bresil; XVI bresil; mod. brésil; — provenzal brezilh (bresilh); catalan brasil, brasill — El Brasil, (el palo recebió este nombre per su semejanza respecto de la brasa) — Du Cange, Littré).»

3.º) M. Calandrelli (Diccionario Filologíco Comparado de la Lengua Castellana, vol. I, pg. 844, Buenos Ayres, 1880».

— «*Brasil,* v. *Brasa,* suf. *il.*»

«Brasa — De *brasa* desciende el bajo latin brasilium, bresillum ó braxille, primitivo de brasil (Cesalp in · Brasil, Lin.), lamado así por su color de fuego ó de brasa; . . . . . Corresponden a Brasil: francés bresil; portugués brasil; italiano brasile; provenzal, brezilh, bresill. Derivan de *brasa.*»

4.º) Eduardo Echegaray (Diccionario General Etimologico de la Lengua Española, vol. I, pg. 740, Madrid, 1887)

— «Brasil . . . Palo Brasil color encarnado que servia para afeite de las mujeres. Etimologia del

bajo latin brasilia; italiano brasile; francés brésil; provenzal brezil (bresill), catalan brasil, brasill.»

5.º) Candido de Figueiredo (Novo Diccionario, vol. I, pg. 209)

— «Brasil — planta leguminosa de quê se tira o páo-brasil. (ant.) côr encarnada, com que as senhoras se enfeitavam; adj. diz-se de um páo vermelho empregado em tinturaria (Cast. brasil, talvez de brasa).

— (Brasil no Suplem)... Do nome do páo brasil que, segundo a opinião mais segura, deriva de brasa.»

6.º) Adolpho Coelho (Diccionario Efimologico, pagina 260)

— «Brasil... Ducange deriva a palavra de *brasa*, sendo o nome dado ao páo, por causa de sua côr vermelha.»

Ha, evidentemente, um engano de interpretação, pois o erudito dr. Mello Carvalho affirma que Ducange, Littré, Barcia, Calandrelli, Echegaray, C. Figueiredo e Adolpho Coelho dizem ser Brasil derivado do baixo latim *brasile*, quando a verdade é que os auctores citados não dizem isso.

E que dizem elles? Vejamos:

1.º) DUCANGE:

— «... talvez de brasa (*forte a brasa*)».

2.º) LITTRÉ:

3.º) ROQUE BARCIA:

— «... recebió este nombre per su semejanza respecto de la brasa».

4.º) CALANDRELLI:

— «... derivou de brasa».

5.º) ECHEGARAY:

— «Indica varias origens, sem escolher alguma».

6.º) CANDIDO DE FIGUEIREDO:

— «segundo a opinião mais segura vem de *brasa*».

7.º) ADOLPHO COELHO:

— «... de brasa, por causa de sua côr vermelha».

Ora, ahi está. Da respeitadissima meia duzia de auctores citados pelo dr. Mello Carvalho nenhum diz positivamente que *BRASIL* vem do baixo latim *BRASILE*. O que dizem é que vem de *brasa*. E *brasa*, por sua vez, se origina do antigo alto alemão *BRAS*, conforme provámos em capitulo anterior. O baixo latim BRASILE nasceu quasi ao mesmo tempo que o português. Nunca jamais foi lingoa fallada. Lingoa fradesca dos actos religiosos, lingoa tabeleôa, isso sim, é que foi o tal *baixo latim*.

A DECIMA QUARTA HYPOTHESE (*dr. Barbosa Rodrigues*).

O dr. Barbosa Rodrigues, em notavel conferencia realizada no Rio de Janeiro, com assistencia de professores e eruditos, dissertou sobre a raça tupí e aproveitou a opportunidade para suggerir uma hypothese sobre o etymo de de Brasil. E o illustre funccionario do Jardim Botanico do Rio assim se expressou sobre a debatida questão :

— " Com o meu perpassar pelo ambiente coayuára, da região amazonica á do sul e centro, a todos os typos tribuáes dos com que tive contacto, a todos os individuos eu mandava pronunciar a palavra " Brasil ", e, notavel coincidencia, todos me pronunciavam: " Parácy ".

Traduzindo esta palavra, como se fôra puro tupy, embora exista, dá a seguinte significação: " Mãe de agua ", "Mãe de rio" !

Ora, a região brasilica é realmente a região das aguas, dos rios ! Não teriam os invasores ouvido dos Tupyrikys esta palavra como indicativa desta região, e, confundindo-a com a descoberta da madeira vermelha, produzindo o ter-

mino Brasil, o tanino da braza, do vermelho dos indús, da Asia, os mesmos ambiciosos ligassem o nome "Paracy" ao do páo vermelho d'e brasil?

E' uma hypothese provavel; embora sophismavel, é, mais ou menos, acceitavel e accertada.

Assim me expresso e espero o exame meticuloso linguistico-bibliographico e de contacto com o filho da primitiva terra Tupy, porque até aos chinezes e japonezes tenho experimentado e estes ancestræs dos Ahácêka-Huhanahany Tupynambá-Tupy assim se expressam".

Agora, analysemos esta hypothese do illustre dr. Barbosa Rodrigues:

Decompondo-se á palavra *Parácì* (é erronéa a graphia com y como a escreve o dr. Rodrigues), nella encontramos dois elementos:

1.º) *Pará*, mar (*Montoya*, Vocabulario da lingoa guarani ou tupi, 1ª ed.. pg. 262).

2.º) *Ci*, mãe natural, origem da cousa criada (Idem, idem, pg. 114).

Diz Montoya na pg. 115 que *Cy* (com y) quer dizer *liso, luzidio.*

Logo, o dr. Barbosa Rodrigues deveria escrever *ci* (com *i*) em *Parácì* (mãe ou geratriz do mar) e não *Parácy* (com y) como escreveu. Esse vocabulo *paracì* não quer dizer *mãe de rio* ou mãe d'agoa. Segundo a licção do mesmo Montoya (Vocabulario, pg. 163) as palavras agoa e rio se tra-

duzem em tupi ou guarani por *i*. Assim se diz *iacuraá* (de *ï* + *acuraá*), enseada de rio; *igai* (de *i* + *gai*), agoa ruim; *iaibú* (de *i* + *aibú)*, ruido ou barulho d'agoa.

Si o termo *i* quer dizer agoa, e *ci*, mãe, é claro que a expressão mãe d'agoa ou mãe do rio deve ser traduzida por *ici* (*i* = rio ou agoa, *ci* = mãe, criadora, geratriz).

Mas isso pouco importa na discussão do caso. Verificamos que o erudito dr. Barbosa Rodrigues errou na sua interpretação. Diz elle que perguntara a selviculas como se dizia Brasil e que elles responderam: *Parácì*. Nós interpretamos a expressão por *mãe do mar* (*pará* = mar, e *ci* = mãe). Para o dr. Rodrigues será *mãe de rio*.

Deixemo-lo assim, á vontade.

Diz o illustre scientista que dirige o Jardim Botanico que os estrangeiros aqui aportados confundiram o nome de *Parácì* com o do páo *brasil*, importado da India.

Esta hypothese não supporta a argucia da analyse. Poucos argumentos serão sufficientes:

1.º) Os arabes introduziram no commercio do occidente, sob o nome de *bakkam*, o páo vermelho do oriente, isso no seculo VIII.

Na mercancia desse páo os occidentaes, dominados pela influencia germanica, traduziram o arabe *bakkam* litteralmente por *brasil* (do antigo alto alemão *bras*, mais o sufixo de qualidade *il* — *bras* + *il* = *brasil*).

2.º) Encontramos no seculo XI a palavra já perfeitamente usada, conforme se vê, por exemplo, em documentos

das alfandegas européas: *kcrka bersil* (alfandega de Saint-Smer, Flandres, 1085) e *cárrega de brasïl* (alfandega de Calibre, documento catalão do anno 1065). Outros documentos foıam já citados nas paginas 61, 62 e 63 deste trabalho.

3.º) A terra do Brasil já era conhecida muito antes da descoberta da America. Em carta datada de Montemór o Novo, em 12 de fevereiro de 1343, o rei de Portugal d. Affonso IV communicou ao papa Clemente VI a descoberta de umas terras no mar Occidente, habitadas por homens nús e animaes ferozes, descrevendo-a tal como a descreveu 157 depois o escrivão da Armada de Cabral. Esse documento se encontra no Archivo Secreto do Vaticano (livro n. 138, fls. 148 e 149): O *mappa-mundi* feito em Maiorca em 1375 por ordem de Carlos V de França insére na posição actual do Brasil, com mais ou menos o contorno da America do Sul (fórma de um presunto) uma grande ilha com o nome de *Ilha de Brasil.* Este mappa está na Bibliotheca Nacional de Paris.

Em 1448 Andrea Bianco, cartographo notavel, aproveitou todos os conhecimentos geographicos da epoca e fazendo um mappa, collocou a 1.500 milhas ao occidente do Cabo Verde uma grande ilha com o nome de *Ilha de Brasi.* Ora, do cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, ao cabo Verde, ha mais ou menos a distancia de 1.500 milhas.

Em 2 de março de 1450 o infante de Portugal doou umas

ilhas açorianas ao fidalgo flamengo Joe van den Berge, natural de Bruges, e vulgarmente conhecido por Jacome de Bruges. Nesse documento, que se encontra na Torre do Tombo, encontramos a palavra *Brasí* referente a uma grande ilha do Atlantico (mar Occidente). Aliás, essa ilha já era mencionada no seculo *XI* no mappa-mundi de *Severo* e no de *Abu-Abdallah Muhammad al Edrisi*, em 1.154 (Vide *Kretschmer* — Die physiche Erkunde in kristlichen Müttelalter, Vien — 1880.)

O *The Century Dictionary*, maravilhoso trabalho em 10 enormes volumes, colligidos sob a direcção do sabio Whitney, professor da Universidade de Yale, diz o seguinte (vol. IX, pg. 180, 3.ª columna):

> — « Brasil — : island Wich appeared on maps of the Atlantic as early as the 14the century».

E no vol. I, pg. 667, 2.ª columna, diz:

— « The name (Brasil) had been long before applied to a supposed island in the Atlantic, perhaps by asscoiation with Pliny's *Insule Purpurioe*».

Assim, o nome Brasil já era muito conhecido na Europa ha 9 seculos, ou sejam 4 seculos antes do *descobrimento* de Cabral, servindo ao mesmo tempo para designar um páo vermelho e uma terra do Atlantico, tal qual ainda hoje.

Como se pretender, pois, que *Brasil* seja uma corruptela de *Paráci?* Demais, a tonicidade de *Paráci* é no se-

gundo *a* (Pará), e seria difficil fazer-se de *Paráci* (mãe do mar) o termo *brasíl* (cousa vermelha).

3.º) O bom senso está indicando que *Brasil* vem de *bras*.

Os germanicos tinham o vocabulo *bras*, fogo. Durante o seo dominio na peninsula italica e na iberica, os arabes tentaram a conquista do Occidente. Introduziram na mercancia occidental o páo *bakkam* (o que é vermelho, *triambakkam* páo vermelho). Aliás, esse termo *bakkam* era traducção do chinês *sufang*. O *Diccionario da Academia de Pekim* composto por *Khang-hy* e impresso em 1717 traz o radical *SU*, escripto com as caracters 4565, 4126, 1110, 4130 e 7826 do *Diccionurio* de *De-Guignes*. Ahi se encontra a seguinte phrase: « *Su-Fang Mo Ko TEN FEY* » em surge *sufang* significando um *páo que tinge de vermelho;* conforme a traducção feita pelo notavel sinologo francês *Théodore Pavie*. Do chinês *sufang* os indianos fizeram o conhecido *sappang* ou *sappan*, traduzido litteralmente pelos arabes por *bakkam*, (páo vermelho). E assim como os arabes traduziram litteralmente o chinês *sufang* por *bakkam*, seria muito natural que os germanicos fizessem a mesma cousa, traduzindo *bakkam* (o que é vermelho, côr de fogo), por *brasil* (de *bras*; fogo; e *il*, suffixo de qualidade), significando *o que é vermelho como fogo*, donde — *páo brasil, páo vermelho como fogo.*

Procurar-se no tupi Paráci a origem de Brasil é fazer

o mesmo que fez o Diccionario Contemporaneo (o *tal* Aulete): encontrar em *scharkin* o etymo de *Saraceno*, quando a fonte segura é a cidade de *Saraça*, donde sairam os *saracenos*. E' o que succede com Brasil. Temos o etymo *bras*, (antigo alto alemão). E' um etymo razoavel. Pois ha quem prefira o duvidoso *Parâci.*

Imagine-se quanta gymnastica de espirito e quanta *bôa vontade* do estudioso para *engolir* tal etymo. Francamente, o bom senso não o traga. Compare-se as duas hypotheses:

BRASIL = *Bras* (fogo), mais *il* (suffixo de qualidade).

PARACI = *Pará* (mar), mais *ci* (mãe).

Para de *Bras* + *il* se formar *Brasil* é só junctar as palavras (*Bras* + *il* = *Brasil*); para de *Parâci* se fazer *Brasil* é mister que o P se transforme em B, que o primeiro *a* soffra a syncope, desapparecendo, que o *c* se transforme em *z* ou *s*, e que se crie um *l* final. Mais facil seria fazer o substantivo *rego* derivar-se de *rico* ou o francês *enfant* da expressão *en-faisant*. A admissão de tal raciocinio seria a morte, pelo ridiculo, de uma das mais bellas sciencias que actualmente preoccupam o espirito humano: a sciencia da lingoagem. E a etymologia, neste caso, ficaria reduzida a um montão de fiapos despreziveis.

A ORTHOGRAPHIA OFFICIAL

Agora, vejamos qual é a orthographia official:

1) *Officio do ministro da Fazenda, dr. Homero Baptista, ao director da Casa da Moeda, em 20 de janeiro de 1920:*

— «Sr. director da Casa Moeda:

N. 1 — Tendo este ministerio verificado que na cunhagem das moedas o nome do nosso paiz ora é graphado com *Z* ora com *S*, e attendendo á necessidade de se uniformisar a orthographia desse vocabulo, recommendo-vos providencieis no sentido de adoptar nos trabalhos executados por esse estabelecimento, quer em moedas, quer em estampilhas, formulas de franquia ou documento de natureza official, a graphia *Brasil* com *S*, e não indifferentemente como até agora se pratica». (Diario Official de 21 de janeiro de 1920).

2) *Officio do ministro da Marinha, dr. Raul Soares de Moura, aos chefes de repartição, em 14 de fevereiro de 1920:*

— «Snrs. chefes de repartição de Marinha:

N. 566 — Tendo o Ministerio da Fazenda adoptado, officialmente, a graphia *Brasil* (com *S*) e havendo toda conveniencia em manter uniformidade na escripta dessa palavra, daclaro extensivas a todas as repartições da Marinha a providencia determinada por aquelle ministerio». (Diario Official de 15 de fevereiro de 1920).

NOTA — E' bom notar aqui que o dr. Raul Soares é um primoroso vernaculista, tendo obtido, antes de ser deputado por Minas, a cadeira de Português no Gymnasio de Campinas (S. Paulo), após brilhantissimo concurso. Egualmente o dr. Homero Baptista é um espirito de grande valor, de avantajada cultura.

CONCLUSÃO

Pensamos ter contribuido, embora modestamente, para a elucidação desse problema vergonhoso de nossa orthographia: «BRASIL COM S OU COM Z?».

As melhores monographias existentes a respeito do assumpto são as de Rebello, Joaquim Caetano, Taunay, Castro Lopes e Mello Carvalho. Os quatro primeiros adduzem quasi que os mesmos argumentos em favor do *z*. Analysamos a these do mais erudito delles — *Joaquim Caetano*. O ultimo, Mello Carvalho, é pela graphia *Brasil* com *s*, mas explica um etymo com o qual não estamos de accordo.

Cumpre-nos ainda dizer que este livro tem uma historia. Ei-la:

— «Leccionavamos português no Gynnasio de S. Bento, em S. Paulo, e, um dia, corrigimos, no caderno de um alumno, a palavra *Brazil* com *z*, dizendo que a graphia

correcta era *Brasil* com *s*. O pae desse menino, um dos mais bellos typos litterarios do Brasil, escreveu-nos então a seguinte carta:

«Meu caro prof. Assis Cintra.

Amistosas saudações. Não concordo, absolutamente, com a sua correcção no caderno de português do meu filho. Fui eu quem lhe ensinou a escrever *Brazil* com *z*. Esta é a fórma correcta da palavra,

Notaveis diccionaristos, grammaticos, philologos, scientistas, romancistas, poetas e classicos de nossa lingua preferem o *z* na palavra Brazil. Quer a amostra? Aqui vae:

1.o) JULIO RIBEIRO, o maior grammatico da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*)

— «... é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos». (Gram. 1885) pag. 258).

2.o) CALDAS AULETE, o maior diccionarista da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*) (Diccionario, vol. I, pag. 242, 1.a columna, linha 31)

— «... que não dá tinta tão fina. Fornado de Brazil — etc.».

3.o) JOÃO RIBEIRO, o maior philologo da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*) (*Selecta classica*, 1905, pag. 4, nota 32):

— «... aqui são no Brazil populares e de uso commum».

4.o) ADOLPHO COELHO, o maior etymologista da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*). (*Sobre a linguagem portugueza*, pag. XLI, 1.a col. linha 32, Diccionario de Vieira, (Introducção):

— «O mesmo phenomeno observa-se no Brazil»

5.o) ERNESTO CARNEIRO, o maior professor da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*) (Seroes Grammaticaes, 1915, pag. 843, linha 28);

— «... não é a mesma do idioma portuguez fallado no Brazil que a ouvida entre os portuguezes».

6.o) CAMÕES, o maior poeta da lingua portugueza, escreve Brazil (com *z*). (Os Luziadas, ed. da Bibliotheca Nacional, revista por Theophilo Braga 1881, Canto X, estrophe LXIII, verso 3.o);

— «Das mãos do teu Estovam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado;»

7.o) JOÃO DE BARROS, o maior historiador antigo de Portugal, escreve o vocabulo Brazil (com *z*) (Decadas, 1778, I, cap. 2.o, pag. 56)

— «... começou de vir o páo vermelho chamado brazil».

8.o) O VISCONDE DE PORTO-SEGURO, o principe dos historiadores brazileiros, escreve Brazil (com *z*) (Historia do Brazil)

9.o) LATINO COELHO, maior estylista da lingua portugueza, escreve Brazil com *z* (*Garret* e *Castilho*, pag. 289, linha 21, ed. Santos e Vieira — Lisboa);

> — «Um rei, que reina antes se o sêr, que embarca, ao estrepito dos francezes, que endireita para o Brazil...»

Peço venia para recommendar a leitura das monographias de Joaquim Caetano e Visconde de Taunay. Depois de sua leitura, estou certo, passará a escrever *Brazil* com *z* e desensinará aos seus alumnos o *Brasil* com *s*. Do muito amigo etc».

Dahi nasceu a idéa, em nossa mente, do presente livro. Bem ou mal, ora o apresentamos aos estudiosos e aos competentes. Estes que o julguem. E o nosso caro amigo, si o quizer, que reforme o seo juizo. Quando a nós, declaramos alto e bom som que é erronía escrever-se Brazil com *z*.

E a respeito dos mestres citados:

1.o) Julio Ribeiro, em verdade, escreveu Brazill, com z em sua gramaticas. Mas, passados alguns lustros, escreveu

Brasil com *s*, conforme se verificará em suas annotações ás cartas de Pedro I.

2.o) Caldas Aulete não escreveu diccionarios algum. O que corre mundo sob o seo nome é o «*Diccionario Contemporaneo*» do medico Santos Valente. No proprio prefacio vem a deelaração do editor Castello Branco a respeito dessa verdade. Logo, a citação não é de Caldos Aulete...

3.o) João Ribeiro realmenfe ensinou que se escreve Brazil com *z*, em a nota 60 da Selecta. Mas no livro *Auctores Contemporaneos*, ed. 1901 pags. XIII e XIV, proclama a correção da graphia Brasil com *s*, escrevendo :

> — «... Brasil (orthographia que tem a seu favor os antigos e a maior parte das linguas estrangeiras)».

Nos *Estudos Philologicos* (1902) escreveu Brasil com *s* 4 vezes e 4 vezes Brazil com *z*. Na *Historia do Brasil* (1909) somente escreveu *Brasil* com *s*. No *Compendio de Historia da Litteratura Brasileira* só escreveu *Brasil* com *s*. Por ahi se vê que... falhou esta citação.

4.o) Adolpho Coelho, na Introducção ao Diccionario de Vieira (vol. I, pag. XLI escreve *Brazil* com *z*. Mas no seo Diccionario Etymologico, pag. 260, escreve Brasil com *s*.

5.o) E' verdade que o prof. Carneiro escreveu Brazil com *z* na sua *Grammatica Philosophica* e nos *Serões Grammaticaes*. Mas em seos livros, cuidadosamente revistos, *Li-*

geiras Observações e *A Replica do dr. Ruy*, a graphia adoptada pelo respeitavel prof. Carneiro outra não é sinão *Brasil* com *s*. E' o que se verá, por exemplo, na pag. 14 das Ligeiras Observações e na 673 da *Replica do dr. Ruy*.

6.o) Camões nunca jamais escreveu Brazil com *z*. A primeira edição dos Luziadas (1572), bem como a segunda e terceira por nós examinadas apresentam Brasil com s. Edições posteriores, adulteradas na orthographia, é que trazem *Brazil* com *z*.

7.o) João de Barros só escrevia Brasil com *s*. Examinámos a sua *Grammatica*, ed. de 1540 e as Decadas, ed. de 1552. Não ha *Brazil* com *z*. Transcripções orthographicamente adulteradas, como as de João Ribeiro e Castilho José é que trazem Brazil com *z*.

8.o) Em verdade o visconde de Porto de Seguro somente escrevia Brazil com *z*. E explicava o motivo : Brazil vem do italico *verzino*. *Risum teneatis*, ó vestaes da philologia!!

9.o) Latino Coelho escrevia Brazil com *z*, porem nos ultimos tempos de sua vida passou a escrever Brasil com *s*. Em sua monographia *Marquês de Pombal* só se lê Brasil com *s*. E é o seo ultimo trabalho.

Ahi está. De todas as citações contra nós atiradas pelo distintissimo pae de nosso alumno no Gymnasio de S. Bento,

somente ficou de pé a do Visconde de Porto Seguro, bom historiador, porem máo philologo. E haverá alguem que queira discutir philologia com a auctoridade de Porto Seguro? Santa ingenuidade! Tão santa como a nossa, de termos escripto um livro de duzentos e tantas paginas sobre um vocabulo, numa terra de 90 por cento de analphabetos como é o nosso Brasil... *com s ou com z.*

INDICE

ERRATA

Este livro foi impresso longe das vistas do auctor. Natural é, pois, que nelle se encontrem erros de revisão, que o leitor arguto e complacente perceberá e desculpará. Entre esses um existe que exige aqui citação: em a linha 19 da pag. 7 está *faisent.* E' um *cochilo* typographico. *Fessent* é o que estava no manuscripto do auctor, *fessent* é o que o leitor comprehenderá. Paginas adeante ha a palavra *radix,* quando deveria ser *radical.*

Cumpre-nos ainda advertir que os passos citados são, quasi todos, das edições originaes. Em alguns livros, cujos manuscriptos ainda se conservam em bibliothecas e archivos, o auctor verificou a graphia do manuscripto. Geralmente os classicos escreviam *Brasil* com *s.* Entretanto, edições repetidas trazem *Brazil* com *z.* Sirvam de exemplo o padre Antonio Vieira e Camões. Estes dois grandes mestres somente escreveram *Brasil* com *s.* E' o que se vê nas edi-

ções tiradas em vida dos auctores citados e por elles revistas. Em posteriores, ha *Brazil* com *z*.

Nas paginas deste livro ha uma citação do romance *Amadis*, cujo manuscripto foi encontrado recentemente. O dr. Silveira Brasil, velho e rico bibliophilo, actualmente em Paris, incumbiu-se de tirar uma edição *photographica*, isto é, reproduzir num livro, photographicamente, todas as paginas do interessante romance, que foi o primeiro escripto em lingua portuguêsa. Aqui foi egualmente citada *A Demanda do Santo Gral,* conforme o manuscripto da *Bibliotheca Vaticana* (Archivo).

Outrosim, a edição berlinense da *Demanda do Gral* (de Reinhardstoettner 1887) é truncada, pois o manuscripto da *Demanda do Gral* que compulsamos offerece uma differença profunda entre o texto do editor allemão e o verdadeiro texto.

Sobre o emprego classico do *z* e do *s*, diz o notavel mestre Said Ali:

> — «Vieira, Bernardes e Francisco Manoel de Mello continuaram a escrever com *s casa, rosa, rosario, Brasil*... Os que de facto não mais fizeram conta com a tradição foram escriptores do seculo immediato. Usurpou então o lugar de *s* intervocalico a letra *z*, escrevendo-se, sem respeito do passado, *caza, roza, preciozo,* e, até, *Brazil,* e deste desleixo ou sanha foram victimas, ao serem

impressas, as cartas deixadas pelo padre Vieira. E' a época em que um professor da Academia de Sciencias de Lisbôa, não tendo duvida em assignar o seu nome com *z* (Bento Jozé de Souza Farinha), publica uma obra cheia de *filozofia, quazi, curiozo, dezalmado, cazamento, cauza, fermozo, carinhoza,* e outras *bellezas* do mesmo tomo». (Lexeologia do Portuguez Historico, pag. 22, edição de Weisflog & Irmãos).

Typ. da Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Rua Dr. Abranches N. 45 — São Paulo